

JOSÉ AFONSO DA SILVA JUNIOR



VOLUME 03

Caderno de depoimentos



Secretaria  
de Cultura



## **Apresentação.**

Neste volume estão as transcrições de entrevistas, conversas, depoimentos, declarações e declamações registrados em áudio durante a realização da pesquisa Sertão de Lembranças. Colocamos a seguir na ordem em que as entrevistas foram tomadas, sem que isso signifique qualquer tipo de hierarquização ou importância maior ou menor de um conteúdo sobre outro.

Do total da pesquisa foram capturados mais de 300 arquivos de áudio. Aqui, esses arquivos foram agrupados em função das ocasiões em que foram obtidos, resultando em transcrições por cada evento. Obviamente, algumas dessas transcrições contêm imprecisões derivadas de ruídos ou invasões de barulhos. Assim, não conseguimos extrair com precisão pequenos trechos dos depoimentos por conta dessas interferências.

No processo de transcrição, escolhemos manter na forma escrita as falas das pessoas o mais perto possível da sua respectiva vocalização. Assim, em que pese, na aparência, trate-se de erros ortográficos à norma culta da língua portuguesa, tentamos estabelecer o registro mais fiel, como também manter o sotaque, os maneirismos, e o específico do falar sertanejo como modo de representar um traço constitutivo da identidade dessas pessoas e do lugar. E obviamente, registrar uma das variações da língua portuguesa falada.

O objetivo é ter neste conteúdo uma fonte de subsídios que alimentam a pesquisa. Mas também, que possam ser utilizados como fonte para outras investigações em diferentes contextos. Nesse sentido, essas transcrições também se constituem num documento, que guarda não somente a parte audível que foi possível registrar da pesquisa, mas um registro e, portanto, uma parte da presença dos informantes e das pessoas e uma parcela das suas vidas aqui registrada e transcrita.

## Sumário

1	Transcrição da conversa com Ivandelson Borges. Tuparetama fevereiro de 2021.	209
2	Transcrição da primeira conversa com o poeta Leonardo Bastião. Itapetim, fevereiro de 2021.	212
3	Transcrição da segunda conversa com o poeta Leonardo Bastião. Itapetim, julho de 2021.	244
4	Transcrição da conversa com a multiartista Odília Nunes. Vale das Juremas, Ingazeira, julho de 2021.	267
5	Transcrição da conversa com Maria de Lourdes Gomes Nunes. Vale das Juremas, Ingazeira, julho de 2021.	276
6	Transcrição da terceira conversa com Leonardo Bastião. Itapetim, setembro de 2021.	280
7	Transcrição da primeira conversa com Antônio Joaquim da Silva. Quilombo da varzinha, janeiro de 2022.	296
8	Transcrição da conversa com Lindaura Santos. Solidão, janeiro de 2022.	299
9	Transcrição de conversas na Fazenda Serrinha. São José do Egito, janeiro de 2022.	302
10	Transcrição da conversa com a Sra. Maria do Carmo Lima. Sítio Redonda, abril de 2022.	309
11	Transcrição da conversa com a Sra. Djanira Chalega. Tuparetama, abril de 2022	312
12	Transcrição da conversa com a Sra. Maria Eurídice de Leite Araújo (D. Mocinha). Itapetim, janeiro de 2023	319
13	Transcrição da conversa com o Sr. Joaquim Manuel Ferreira da Silva. Quilombo da Varzinha, janeiro de 2023.	327
14	Transcrição da conversa com o Sr. José Ivan e Sra. Antônia Gonçalves. Quilombo da Varzinha, janeiro de 2023.	331
15	Transcrição da conversa com a Sr. José Pereira Filho (S. Josa). Redonda, Tuparetama, abril de 2023.	335
16	Transcrição da conversa com a Sra. Maria Cristiana da Silva, “Dona Santa”. Comunidade da Redonda, Tuparetama, Abril de 2023.	342

- |    |  |     |
|----|--|-----|
| 17 | Transcrição da segunda conversa com a Sra. Maria Eurídice de Leite Araújo (D. Mocinha). Itapetim, abril de 2023. | 349 |
| 18 | Transcrição da conversa com a Sra. Valderisa Lulu. Serrinha, São José do Egito, abril de 2023.                   | 356 |
| 19 | Transcrição da segunda conversa com o Sr. Joaquim. Quilombo da Varzinha, Iguaraci, abril de 2023.                | 364 |

## 1. Transcrição da conversa com Ivandelson Borges. Tuparetama fevereiro de 2021.

---

Senhor: Isso aqui eu quis fazer como se fosse um memorial. Na verdade, eu vou fazer aqui, ó.

Afonso: Ah, tá.

Senhor: Vou botar dois por sessenta pra não ter esse monte de... É muito...

Afonso: E aí tem jogador a partir de que ano?

Senhor: Desde 86 até os dias atuais.

Afonso: Quem são os mais antigos?

Senhor: Os mais antigos? Assim, de idade ou de...

Afonso: Assim, dos primeiros times.

Senhor: Dos primeiros times, nós temos aqui Carlos Eutanásio, nós temos João Paulo, é... Leonildo que já faleceu, era um dos mais velhos... Flávio...

Afonso: Flávio é da velha guarda?

Senhor: É. Tidinha. Meu irmão... Eram os mais antigos... E tem Chambão que foi um dos jogador mais velho que já passou pelo clube. Passou ele, os filhos e os netos.

Afonso: Então tá todo mundo aí nessa moldura?

Senhor: Ele é irmão de Nenê... Foi candidato a vereador. Tem treze pessoas que já faleceram. Flávio foi morto.

Hesdras: Quem é esse Flávio?

Senhor: Flávio de *pinina*, lembra? O terceiro goleiro do Náutico, Antônio Carlos, professor de educação física.

Afonso: O que era que ele fazia? Ah, o Náutico é time de usineiro, meu amigo.

Senhor: O Náutico não pagava ele direito... Até um machucado de... Até um machucado Matias era quem dava o medicamento, aí ele preferiu... Arrumou um emprego na Sadia, fez o concurso do Estado, passou e...

Afonso: Um primo meu foi conselheiro do Náutico, ele aguentou seis meses.

Senhor: Esse aqui, ó, não dá nem pra ver direito, esse aqui foi a primeira formação, a primeira foto do Sanaú e a única de Washington. Que a mãe dele não quis ir tirar a foto e Washington disse: "Eu vou!". Aí eu disse: "Tu sabe, Washington?", e ele disse "eu sei". Aí fez essa aí...

Hesdras: É a primeira foto?

Senhor: Foi a primeira, e a primeira de Washington também. Aí isso aqui já é aqui na arena, chamada Arena Sanaú que era pra ser Ilha dos Aflitos. É aqui na Arena.

Afonso: E quais são os outros times que vocês jogam aqui?

Senhor: Os outros times? Como assim?

Afonso: Do campeonato.

Senhor: Botafogo, Náutico, Portuguesa, Corinfra, União, Independente, Botafogo, já disse, né?

Hesdras: Palmeiras!

Senhor: Brilhantes, que é o atual campeão... A gente perdeu pra eles ano retrasado, que eles trouxeram aqui ó, que eu te disse... Já esse foi ano passado, foi regional, Copa Rural, esse foi de Master, ano passado... Essa foi regional, Paraíba e Pernambuco.

Afonso: E essa aqui? É a líder de torcida, é?

Senhor: Não, essa daí foi uma montagem que o diretor fez, ele é diretor de marketing da empresa, fez uma montagem.

Afonso: Ah...

Senhor: Isso aqui foi foto de 2014, foi 2009, 2010, 2011. 2014 e 2014, campeão de salão. Uma sequência de salão que teve.

Afonso: Tá ótimo.

Senhor: Isso aqui a gente fazia o carnaval da gente.

Afonso: E aqui vocês pegaram o padrão do São Paulo, foi?

Senhor: Foi que a gente ganhou. A dificuldade grande de criar padrão, aí o que ganhava, a gente usava. Só que eu não quis... Sanaú Clube Tuparetama, não era só futebol, então Sanaú Clube Tuparetama.

Afonso: O único time de Recife que tem "futebol" no nome é o Santa, né?

Senhor: É. Sport Clube do Recife, Clube Náutico Capibaribe...

Afonso: A briga do Sport com o Náutico foi essa, porque o Sport queria ser um clube que não fosse só um clube de regatas. E o clube é "Náutico Capibaribe", porque o Náutico surgiu como sendo um clube de regata, né? Inclusive a sede lá na beira do Capibaribe existe até hoje. Tem o Barroso, clube de remo, e tem o Náutico. A razão do racha no começo do século XX foi essa.

Senhor: Então quer dizer que eles eram...

Afonso: O Sport nasceu do Náutico, uma dissidência do Náutico.

Senhor: Isso aqui são os anos, os valores... Isso aqui foi uma jogadora nossa de handebol...

Afonso: Tinha handebol, era? Ou tem?

Senhor: Tinha. Masculino e feminino.

Afonso: Eu joguei handebol na época do colégio, era ala esquerda. Canhoto...

Senhor: Isso aqui era alguns dos padrões que já passaram, esses três aqui são atuais. Esse aqui foi de 2015 na Copa Pajeú. A gente foi vice. Perdemos pra Tabira.

Afonso: À esquerda é o goleiro, é?

Senhor: Não. Nós temos hino também, viu? Vou passar o hino pra você ouvir.

Afonso: Arretado. Não imaginava nunca passando aqui que tinha essa história aqui dentro.

Senhor: Essas aqui são minhas medalhas, que ganhei como roupeiro.

Afonso: O roupeiro sabe mais as dificuldades dos atletas do que o treinador. Ele ouve os desabafos, ele sabe dos esquema que o pessoal tá armando... A mola mestra de um time é o roupeiro, ele sabe de tudo.

Senhor: Sabe de tudo mesmo, ele tá nos bastidores. Isso aqui foi o último título, que foi o hexa, que a gente ganhou. Aquele lá, aquele grande. Foi o hexa.

Hino do Sanaú Clube Tuparetama

O "Sa" do "Santos", "Naú" do Náutico  
 Tem origem o Sanaú  
 É branco e preto, vermelho e branco  
 É tricolor, mexido em ??  
 Por onde passa é grande a fama  
 Sanaú Clube de Tuparetama  
 Clube de raça que a gente ama  
 Sana pra sempre, pra sempre Sana  
 Desde 7 de setembro de 1986  
 Vem crescendo e vencendo com brilho e com altivez  
 Ganha na bola, ganha nos gritos  
 Da torcida sanação  
 Sana, Sana, Sanaú  
 Conquistou meu coração  
 O mais querido do Pajeú  
 É Sanaú, não tem outro, não  
 Sana, Sana, Sanaú  
 Conquistou meu coração  
 O mais querido do Pajeú, É Sanaú, não tem outro, não.

## 2. Transcrição da primeira conversa com o poeta Leonardo Bastião. Itapetim, fevereiro de 2021.

---

Hesdras: Sim, aí eu tava vindo pra cá e toda vez que eu venho aqui visitar o senhor tem que fazer um versinho, né?

Bernardo: Pera aí, pera aí, deixa eu começar...

Hesdras: Aí, Leonardo, eu tava vindo pra cá e deu uma chuvarada boa ontem, num foi? Tá meio nublado ainda, aí eu disse... É... Agora eu esqueci, tá vendo? Pera aí que eu vou me lembrar, que eu fiz no improviso.

Flávio: Falava das nuvens, né.

Marcela: Céu cinza.

Hesdras: Que foi? Vai pegar o outro, é? Vai pegar o celular?

Bernardo: Vou pegar o celular porque eu num tô sabendo ajeitar a máquina não. Tô todo... Eu num sei porque eu levei queda de rede, jumento.

Hesdras: Pronto. Aí eu disse assim, Leonardo:

O céu se cobriu de cinza  
Escondendo a cor azul  
A chuva tomou de conta  
Cantou o irapuru  
E pra aumentar a emoção  
Vim visitar Bastião, o maior do Pajeú

Num podia, né? Vir sem dizer um versinho...

Leonardo: Você... Aí é muitos...

Hesdras: Faço nada...

Bernardo: Tu tem alguma coisa tua decorada?

Geovanna: Faço não, faço não.

Hesdras: Faz, ela faz.

Bernardo: Ela faz.

Geovanna: Faço não, faço não, faço não.

Hesdras: Vai, Geovanna, faça um Quadrão Perguntado.

Bernardo: Pronto, vai mais ele.

Geovanna: Eu num sei não.

Flávio: Quadrão Perguntado é oito ou é quatro, como é que é?

Hesdras: Oito.

Flávio: Faz um aí que depois eu me arrisco.

Bernardo: Tá arretado demais isso.

Flávio: Eu me lembro mas preciso entender melhor a amarração. Como é?

Leonardo: Rapaz, eu num sei não. O caba na hora tem que... É meio danado.

Flávio: Como é? Tu sabe, Hesdras? A estrutura?

Bernardo: Faz com Leonardo, depois Leonardo faz mais ele.

Leonardo: Se a resposta foi bem dada, foi respondido o Mourão.

Hesdras: Pronto.

Flávio: Mourão acho que eu sei mais.

Bernardo: Apos começa tu, Leonardo, mais ele e depois passa pra ele.

Hesdras: Vamo ver se a gente faz, vá.

Leonardo: Começa aí pra eu ver onde é que eu paro. Ele é mais bonito que o Quadrão. Eu não sei responder não, viu? Eu boto qualquer coisa...

Hesdras: Mas a gente vai fazendo aqui pra gente brincar.

### **Começa a rodada de poesia.**

Hesdras: Que acha dessa visita?

Leonardo: Pra mim foi boa demais.

Hesdras: Que acha desse rapaz?

Leonardo: Gente que nós acredita.

Hesdras: Lá no sítio tem cabrita?

Leonardo: Num tem, mas tem um garrão.

Hesdras: Tem pato ou tem pavão?

Leonardo: Morreu na lama atolado.

Hesdras: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. (Hesdras ri). É assim.

Leonardo: O Mourão é que nós num vamo fazer.

Hesdras: O Mourão é ado e ão, né?

Flávio: Ado e ão, não pode ter ado e ão nas quatro primeiras, né?

Leonardo: Não.

Leonardo: Mas num choveu por aqui. Aí você vai rimando com "Tuparetama" e "aqui".

Hesdras: "Choveu por Tuparetama, mas num choveu por aqui..."

Hesdras: A terra que a gente ama cai um pingo e outro ali.

Leonardo: Aqui não é Cariri, mas é seco esse sertão. Você responde sozinho agora.

Hesdras: É complicado, viu? Quando o caba num tem costume, é complicado de dizer.

Flávio: Ele disse "aqui não é Cariri, mas é seco esse sertão".

Leonardo: É.

Flávio: Tem Cancão e bem-te-vi pra nós botar no mourão. Tá certo, não?

Hesdras: Tem que terminar em "ada", que é pra ser "a resposta foi bem dada, pra responder o mourão".

Flávio: Ahh, não tem obrigação mais de rimar com a dele, né?

Leonardo: Não, você rima com "sertão" e rima com "estrada"...

Flávio: Entendi. Então, aqui nesse sertão, tocou meu coração que ficou bem balanceado... Não, é... A resposta foi "ada". Tocou a minha emoção que ficou bem balanceada. A resposta foi bem dada, foi respondido o quadrão. É isso?

Hesdras: É. O mourão. O mourão ou o quadrão perguntado?

Leonardo: O mourão. Eu quero aprender...

Hesdras: Eu também quero aprender.

Flávio: Tô treinando, tô treinando, mas eu entendi. São duas, né? Cada um dá duas.

Hesdras: A chuva caiu valendo na minha Tuparetama...

Leonardo: E o sapo ficou gemendo, melando as costas de lama.

Hesdras: Um grilo saiu pulando por dentro de pedra e grama.

Leonardo: A rima já era paixão... Vamo quadrão perguntado mermo? Que a gente diz tudo que quiser...

Hesdras: O quadrão é mais fácil da gente brincar.

Leonardo: (...) Tuparetama melhor do que Itapetim... Aqui eu não vi capim, lá tem capim e tem rama. E eu vi que o povo lá ama poesia do sertão, e era minha obrigação era fazer verso lá e é duro improvisar, mas eu nasci com a visão... Olha aí, sem mote, sem nada.

Hesdras: Bom demais, bom demais. O que achou do meu lugar?

Leonardo: Eu achei bonito e bom.

Hesdras: Lá o verso tá no tom?

Leonardo: Em breve eu vou morar lá.

Hesdras: Vai outra vez se casar?

Leonardo: Deus me defenda que não.

Hesdras: Nem que seja uma paixão.

Leonardo: Véio não presta apaixonado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Essa foi boa!!!

Leonardo: Véio só se casa uma vez.

Hesdras: Mas pode casar de novo.

Leonardo: Mas pra dar trabaio ao povo?

Hesdras: Melhor que case uma vez.

Leonardo: Tem véio que casou três.

Hesdras: Esse é doido de cambão.

Leonardo: É, ele saiu do sertão.

Hesdras: Será que virou veado? Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo pra Flávio: Agora é você.

Flávio: Deixa eu passar pra cá.

Flávio: Como é que vai a vida?

Leonardo: A vida é muito cansada.

Flávio: Mesmo quando improvisada?

Leonardo: É, que a estrada é comprida.

Flávio: Como é que se faz na lida?

Leonardo: Trabaiair uma porção.

Flávio: E sentir o coração?

Leonardo: Doente e muito enfadado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Bora, Geovanna.

Geovanna: Minha natureza num conta.

Leonardo: Mas um véio ainda se afronta.

Geovanna: E faz verso como ninguém.

Leonardo: E você glosa muito bem...

Geovanna: Só tando perto do senhor.

Leonardo: Eu não sei pra onde vou.

Geovanna: Eu também tô perdida. (Geovanna ri).

Hesdras: Eu queria que o senhor dissesse pra ele aquele que o senhor fez "homem véi com mulé nova...", o senhor lembra?

Leonardo: Tem um bocado dele.

Hesdras: Hein, Bernardo? "Homem véi com mulé nova, é coisa que a... num sei quê lá... pegue o cheque na quarta e dane-lhe o chifre na sexta...", lembra não?

Leonardo: Eu tenho mais de seiscentos dessa qualidade.

Hesdras: Assim, o senhor diz que "homem véi com mulé nova é coisa que se enjeita... Pegue o cheque na quarta, dane-lhe o chifre na sexta e ele morre sendo corno mas num deixa de ser besta".

Leonardo ri.

Hesdras: "Porque passou dos setenta até a memória é tola, o passarinho entristece por debaixo da ceroula e a rola morre primeiro do que o dono da rola".

Bernardo fala de um vídeo de Leonardo que tá no Tik Tok, da "rola que apaga fogo", e Hesdras pede pra Leonardo declamar.

Leonardo:

Tem muita rola no mato, tomando banho na água rasa  
E rola fogo apagou, tem gente que cria em casa  
Mas rola que apaga fogo num tem costela e nem asa

Leonardo continua declamando...

Véio depois que a rola morre, pode esquecer o namoro  
 Pega na finada e fica fazendo cara de choro  
 E perguntando a ele mesmo "daonde veio tanto couro?"

Hesdras: Bernardo goooosta...

Bernardo: Como eu não sei fazer poesia, eu me lasco toda vez. Ele só faz me arrebetando. Aí agora ele que anda comigo. Ninguém nunca viu eu andando com rapariga, mas ele fez uma aqui em casa dizendo que eu só vivo daqui pra São José cheio de rapariga. Só se a rapariga é ele.

Leonardo: (...) Ficou carregando puta pra São José do Egito e quando ganha cem reais gasta no bar dos piriquito.

Afonso: Uma vez... Meu pai era veterinário, né? Aí uma vez apareceu um caso raro pra ele cuidar, nasceu um bezerro, né, e o bichinho nasceu sem o fiofó... Mas isso um veterinário sabe consertar. Ele opera, tal, emenda a tripa, faz a punção, tal... Aí o poeta lá... Aí o cara era um agricultor mas era metido com poesia, eu era pequeno e não me lembro não, mas eu só me lembro das duas últimas rimas, é "burrego nasceu sofrendo, mirrado e chorando. Foi pra Dr. Zé Afonso, voltou com o cu e cagando". "Voltou com o cu e cagando" era o mote. Aí ele fez a estrofe lá, mas meu pai morria de rir com a cantoria.

Leonardo: Eu vi um véio amancebado com a mulé bem novinha. Gastou tudo quanto tinha pagando pra ser chifrado. Eu já tinha afracado que só solto de quiabo, e ela virada no diabo entrou no meio da gandaia. E o véio quando se abestaia é bom que tome no rabo.

Hesdras: É desse jeito, né Leonardo?

Leonardo: Aí o caba fica dizendo que isso é feio, eu vejo coisa pior.

Flávio: Com certeza.

Leonardo: Agora tem verso feio que eu não digo não, sabe. Eu mermo fiz um bocado e me arrependi porque Bernardo danou no mundo, mas...

Hesdras: Bernardo goooosta...

Leonardo: Tem muito homem chifrudo, mas toda mulé é murcha. E tem caba da rola fina que manga de mulé frouxa, e eu sou contra o preconceito mas eu acho que o defeito tá na grossura da... (não dá pra ouvir o fim porque Hesdras ri muito alto).

Afonso rindo: Complicado. Se for pra publicar isso, dá bronca...

Bernardo: Tem umas coisas dele que no livro dele não saiu. Por exemplo, aquele do Juazeiro.

Hesdras: Num botaram, não?

Bernardo: Botaram não.

Hesdras: No segundo bota.

Hesdras: Se o Juazeiro é uma planta, que resiste a terra enxuta. A fruta não vale nada, a madeira é torta e bruta, mas bondade da sombra tira a ruindade da fruta. Poeta Leonardo Bastião.

Bernardo: Tem um também grandioso que eu acho, é aquele de coquinho, né?

Hesdras: Diga aquele do coqueiro pra eu ver.

Leonardo: Tudo o que o homem estudou pra natureza foi pouco. Ele não faz um coqueiro, e se inventar fica louco. Caçando a encanação que leva a água do chão pra botar dentro do coco.

Geovanna: Ô seu Leonardo, e aquele que o senhor fez que aparece no documentário, falando das manchas do fogão? O senhor lembra?

Leonardo: Parece que dá pra se lembrar, mas...

Geovanna: Dos seus pais...

Leonardo: Eu tô morando sozinho no rancho da ilusão. Não tem quem faça a comida e eu fico olhando o fogão, vendo as manchas do passado ?? do carvão. E quando passa a ilusão, parece que o tempo avoa. A velhice abre ferida no coração da pessoa e se for lembrar o passado fica pior que amagoa.

Bernardo: Uma vez eu cheguei pra ele lá e fiz uma pergunta, aí ele disse "isso é uma pergunta besta da gota". Num foi, Leonardo? Eu perguntei "ô Leonardo, tu mora no sítio ou na rua?". Aí qual foi a resposta?

Leonardo: Eu disse: "Se você chegar num rancho do matuto da mão grossa, avistar um vira-lata, um jegue e uma carroça, num precisa perguntar se o caba nasceu na roça".

Leonardo continua declamando... Um jegue numa carroça faz tudo que precisar. É tanto que, ele fugindo, o dono vai procurar. Se achar perde a viagem, e pior é se num achar".

Hesdras: E aquele da infância, Leonardo?

Leonardo: Infância tem muitos.

Hesdras: Aquela que o senhor termina dizendo assim... "E nem vento e nem dor que pague isso pra mim".

Leonardo: Tava tendo uma festa de São Pedro aqui, a igreja com vinte pessoas ou menos, e a rua não cabia mais gente. Pensei "vou fazer um verso aqui pra agradar o padre, né". Porque o caba esquece. Eu não escrevo. O caba esquece, né. Vou dizer outros que eu fiz. Na igreja também.

São Pedro é dono de igrejas em mais de uma cidade  
 Tem muitos quadros de terra e morador de toda idade  
 E era pra ser muito rico, se tudo fosse verdade  
 E essas festas de São Pedro num teve nenhuma fraca

Que o povo da pra igreja cavalo, carneiro e vaca  
E como no céu não tem banco, os padre é quem ??

Numa festa de São Pedro, o que quiser tem com sobra  
Tem uns fazendo comida e outros fazendo manobra  
Fora os que fica mostrando o pau sem matar a cobra

E a cobra do paraíso envenenou fêmea e macho  
E depois que Adão e Eva fizeram aquele relaxo  
Ninguém conseguiu botar frei e mendigo pra baixo

Eu nunca fui um ateu, mas pra rezar tenho preguiça  
E às vezes eu penso que a missa não serve pra quem morreu  
Mas quem tá errado é eu, que o certo mesmo é rezar  
Eu não fui me confessar e nem tenho vontade de ir  
E o padre perdoa aqui, e o caba se lasca lá

Leonardo: Vamo improvisar de novo!

Bernardo: Pera aí, né assim não.

Hesdras: Pra Leonardo gravar. Pra... Pra...

Bernardo: Peraê!! Que safadeza, rapaz...

Leonardo: Isso vai adiantar?

Hesdras: Pra chegar até o povo.

Leonardo: Pra poder ter um aprovo.

Hesdras: Vamo fazer gravação.

Leonardo: Criar mais inspiração.

Hesdras: Nesse verso improvisado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Bernardo de carro novo.

Leonardo: Começou se amostrando.

Hesdras: Quando vê mulher andando...

Leonardo: Faz muita vergonha ao povo.

Hesdras: Tenho comido muito ovo.

Leonardo: Misturado com feijão.

Hesdras: Vou evitar palavrão.

Leonardo: Já eu não evito, não.

Hesdras: Mas eu tô encabulado.

Leonardo: Garapa é mermo veado e nós vai... (Todo mundo ri muito alto e não dá pra escutar).

Hesdras: Vamo ver se a gente faz quadrão, bora, começa aí.

Leonardo: É bom você perguntar.

Hesdras: Para as quengas de Bernardo.

Leonardo: Ele disse que tem um bocado.

Hesdras: Mas duvido alguém achar.

Leonardo: Já começaram a mangar.

Hesdras: Desse doido do sertão.

Leonardo: Tomou nova direção.

Hesdras: Anda com um macho agarrado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Bernardo: Ô Leonardo, e se soubessem da tua presepada, hein? De sapatão.

Leonardo: Agora que tu já dissesse, vai colocar uma rima. Que poeta é assim.

Hesdras: Comece.

Leonardo: Bernardo já enganou-se.

Hesdras: Pegou homem por mulher.

Leonardo: Mas isso é ele que quer.

Hesdras: Nesse dia se acabou-se.

Leonardo: Ele até se encabulou-se...

Hesdras: Mas depois deixou pra lá.

Leonardo: Não foi mais nem visitar.

Hesdras: Aquela mulher homão.

Leonardo: Num era um sapatão?

Hesdras: Esse amor de Bernardo...

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Só vive na putaria.

Leonardo: Da putaria não sai.

Hesdras: Todo dia ele vai...

Leonardo: E fica a noite e um dia.

Hesdras: Se junta com a macharia.

Leonardo: E mudou pra sapatão.

Hesdras: Ô coisa feia do cão!

Leonardo: Um caba véio e veado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Ó Bernardo se enxerindo...

Flávio: Pro lado de Marcelinha.

Hesdras: Do outro lado é a minha.

Flávio: Que também está sorrindo.

Hesdras: O povo tá se abrindo...

Flávio: E expondo a emoção.

Hesdras: Cada qual tem coração.

Flávio: Que nos deixa apaixonado.

Hesdras: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Agora é vocês mermo...

Flávio: Leonardo, você puxa, você é o centro, você é o fio.

Leonardo: Bernardo é cheio de defeito.

Hesdras: Todo dia surge um.

Leonardo: E ele tá em jejum.

Hesdras: Dando uma de perfeito.

Leonardo: Pra tudo ele dar-se um jeito.

Hesdras: Sem comer não fica em pé.

Leonardo: Quando sai um pouquinho, o jeito é ficar calado, né?

Hesdras: É mermo.

Flávio: Era pra ter sido em "ão". De novo, outro.

Leonardo: O que achou de Itapetim?

Flávio: Uma cidade bonita.

Leonardo: Será que o povo acredita?

Flávio: Que um dia isso vai ter fim?

Leonardo: Toda vida foi assim...

Flávio: É o destino da nação.

Leonardo: E se mudar de posição?

Flávio: Fica tudo atrapalhado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Como achou a poesia?

Leonardo: Achei muito bela e linda.

Flávio: Será que um dia se finda?

Leonardo: Não, isso vai ser todo dia.

Flávio: Que é pra trazer alegria...

Leonardo: Animar o coração.

Flávio: E lhe deixar inspirado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: De onde vem a inspiração? Não, pode não, comecei com "ão", desculpa. Qual é a musa que inspira?

Leonardo: Essa é a musa divina.

Flávio: Seja mulher ou menina.

Leonardo: Tudo que faz, admira.

Flávio: Entra no coco e gira.

Leonardo: Igual uma direção.

Flávio: E toca nossa emoção.

Leonardo: Num verso improvisado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. E essa geração nova?

Flávio: Que só pensa no pisêro.

Leonardo: Se ilude com o dinheiro...

Flávio: Mas também vai lá pra cova.

Leonardo: Isso todos têm de prova.

Flávio: Não vai haver negação.

Leonardo: E se não houver perdão?

Flávio: Todo mundo é condenado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: E se eu disser que tô honrado?

Leonardo: Realizou o seus sonhos.

Flávio: Aqueles bons e os medonhos.

Leonardo: E os que são malassombrados.

Flávio: E que me deixa assustado.

Leonardo: Se se assustar, tem razão.

Flávio: Pois treme meu coração.

Leonardo: E eu fico emocionado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: (...) que se passara.

Flávio: Foram de alegria e dor.

Leonardo: Desse jeito eu também sou.

Flávio: Nossos destinos se encontraram.

Leonardo: E alguns se emocionaram.

Flávio: Com a nossa discussão.

Leonardo: Os dois pedindo perdão...

Flávio: E os dois aperreados.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Ó, o caba é ligeiro...

Flávio: (...) que é feito caldo-de-cana.

Leonardo: Assim Bernardo se dana.

Flávio: E vai cantar no puleiro.

Leonardo: Galo canta é no terreiro.

Flávio: Brincando com esporão.

Leonardo: Fazendo risco no chão.

Flávio: E ficando atarantado...

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Eu não vim a Itapetim...

Leonardo: Mas se veio, vai vir de novo.

Flávio: Porque gostei desse povo.

Leonardo: E esse lugar não é ruim.

Flávio: Por isso que eu sou assim.

Leonardo: Muito obrigado, meu irmão.

Flávio: Eu lhe dou meu coração.

Leonardo: E o meu já tá doado.

Flávio: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Afonso: É uma metralhadora, rapaz.

Hesdras: Esse aqui é ligeiro!

Leonardo continua com as rimas: Eu já dei fé, meu amigo.

Hesdras: Eu nunca tive inimigo.

Leonardo: Se eu tiver, é o primeiro.

Hesdras: Com a luz do candeeiro...  
 Leonardo: Deus me dá inspiração.  
 Hesdras: Apagando a escuridão-  
 Leonardo: E deus deixando abençoado.  
 Hesdras: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: A vida só presta assim.  
 Hesdras: Com amizade da boa.  
 Leonardo: Pra ninguém ficar à toa.  
 Hesdras: Nem gostar de coisa ruim.  
 Leonardo: E aqui em Itapetim...

Hesdras: Tem um chão abençoado.  
 Leonardo: (Tem abençoado chão...) E eu tô à disposição.  
 Hesdras: Para o verso improvisado.  
 Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Por que parou de beber?  
 Leonardo: Porque me deu prejuízo.  
 Hesdras: Ia perder o juízo?  
 Leonardo: Fazia as coisas sem ver.  
 Hesdras: E quando foi perceber?  
 Leonardo: Já tava quase ancião.  
 Hesdras: No bolso tinha um tostão?  
 Leonardo: Não tinha nem um cruzado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Afonso: Isso antes de tu falar, ele já tava com a rima pronta.

Flávio: Por isso que chamam de "repente".

Leonardo: Não existe poeta menor, tudo é do mesmo tamanho.  
 Flávio: Não existe perda ou ganho.  
 Afonso: Se eu rimo mal, tenha dó.  
 Leonardo: Daqui pra o pôr-do-sol...  
 Afonso: Tenho o amanhecer no coração.  
 Leonardo: E depois da escuridão?  
 Afonso: Eu volto pro meu quadrado.  
 Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Um retrato na parede...  
 Leonardo: É recordando o passado.  
 Hesdras: Tem verso pra cada lado.  
 Leonardo: E sobra o revelado  
 Hesdras: Chega a seca, vem a sede.  
 Leonardo: Morre o pasto e o canção.  
 Hesdras: Açude esturrica o chão.  
 Leonardo: E fica o chão rachado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Me lembrei de minha avó.  
 Leonardo: E da minha também lembrei.

Hesdras: Mas tem coisas que eu não sei.  
Leonardo: E coisas que não sei de cor.  
Hesdras: Do passado eu tenho dó.  
Leonardo: Perder sua inspiração.  
Hesdras: Cada canto do oitão.

Leonardo: Tem um negócio guardado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Quem lembra das casa antiga?

Hesdras: Lembra de um passado bom.  
Leonardo: Lembra a quem Deus deu um dom.  
Hesdras: Embelezando sua vida.  
Leonardo: E depois que faz partida...  
Hesdras: Deixa um fio de emoção.  
Leonardo: Fica debaixo do chão.  
Hesdras: Onde lá tá bem guardado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.  
Flávio: E quando o amor termina?

Leonardo: Fica um apaixonado.  
Flávio: Sofrendo desesperado.  
Leonardo: Isso é pra cumprir a sina.  
Flávio: De uma sorte assassina.  
Leonardo: Que veio sem ter precisão.  
Flávio: E rasgou o meu coração.  
Leonardo: Porque tava magoado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.  
Quem se casa e não dá certo?

Flávio: Sofre muito e sente dor.  
Leonardo: E quando fala em amor?  
Flávio: Vai perdido no deserto.  
Leonardo: O que tás dizendo é certo.  
Flávio: Eu senti na emoção.  
Leonardo: E eu senti no coração.  
Flávio: O corte desesperado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Eu lembro da mocidade...

Flávio: Quando você foi feliz.  
Leonardo: Mas isso é você que diz.  
Flávio: Porém, é mesmo verdade.  
Leonardo: Mas tem muita qualidade...  
Flávio: E tem muita oscilação.  
Leonardo: E se for falar em paixão?  
Flávio: Eu fico desmantelado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Um dia tudo termina.  
Leonardo: Isso daí tem saber.  
Flávio: O que é que eu posso dizer?  
Leonardo: Falar nessa lei divina.  
Flávio: Será que é nossa sina?

Leonardo: Eu acho que é, meu irmão.

Flávio: Pois tome aqui minha mão.

Leonardo: Colega, muito obrigado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Marcela: Tá, mas eu nunca tentei.

Flávio: Tá, mas peraí que eu tô emocionado agora. Esse saiu bonito.

Marcela. Ei, me ajuda, eu tô nervosa. Me diz a terminação, por favor, eu nunca fiz.

Leonardo: O que acha da roedeira?

Marcela: Oi?

Hesdras: O que acha da roedeira.

Flávio: Roedeira é sofrimento de amor.

Hesdras: Veja, como é a estrutura, ele vai dizer uma frase, certo, aí você vai dizer outra. A próxima que ele vai dizer vai rimar com a sua, e a sua quarta frase vai rimar com a primeira sua.

Flávio: Eu vou dizendo a ela, é melhor eu ir dizendo. Diz de novo pra ela o verso, a primeira estrofe, a primeira linha.

Leonardo: O que acha da roedeira?

Flávio: Aí é livre, você diz o que quiser.

Marcela: Muito tem me feito sofrer.

Leonardo: E já cansou de doer.

Flávio: Eira.

Marcela: Quase que me pira.

Flávio: Não, eira.

Marcela: Eira? Beira?

Flávio: É, o que achou da roedeira, né? Aí você tem que dizer com "eira" agora.

Marcela: Tá.

Flávio: Brincadeira, poeira, mangueira, feira...

Marcela. Tá, deixa eu ver. Como foi que começou mesmo?

Flávio: O que acha da roedeira.

Marcela: Aí eu respondi o quê?

Flávio: Muito tem me feito sofrer.

Leonardo: É, rodeira não dá prazer...

Flávio: Não, agora é "eira".

Marcela (finalmente acertando): Da paixão me sinto à beira.

Leonardo: Ainda que o caba não queira...

Flávio: ão. ão agora, viu?

Marcela: Vai sofrer do coração.

Leonardo: Não, vai morrer de paixão.

Marcela: É sina do apaixonado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Agora pergunte!!

Marcela: Deixa eu ver... O que é o tempo?

Leonardo: Eu não estudei pra nada.

Flávio: Ada.

Marcela: A vida é uma virada.

Leonardo: E quebrar rima é um exemplo, porque pra "tempo"... Eu...

Flávio: Pra "tempo" não tem rima.

Leonardo: Fui eu que quebrei, mas dizendo que tava quebrando.

Flávio: Normalmente essas palavras... Você procura sempre os... Por exemplo, ão, ado, os verbos terminados em infinitivos, gerúndios, que é mais fácil porque tem muita rima.

Marcela: Tá.

Hesdras: Deixa eu contar uma história. Eu não sei se o senhor já viu...

Hesdras:

No sereno sertão da Palestina

Eu cantava no Dia de Finados

Uma vaca pastava no cercado e um macaco comia uma menina

Um sargento chegava em uma usina, um moleque zarolho vendia pente

Um cavalo chinês trincava os dentes e uma zebra corria atrás de um frade

Quer saber quanto custa uma saudade?

Tenha amor que queira bem e viva ausente

Afonso: Vou botar uma.

Geovanna: Tem uma, eu não sei de qual dos Nonatos é... Mas tem um dos quadrinhos...

A saudade não se cansa de gargalhar de quem chora  
Não é dor que um remédio ajuda a passar na hora  
É um banzo que a pessoa só vendo a outra melhora

Hesdras: É uma sexta.

Flávio: O que é que vale na vida?

Bernardo, que provavelmente não tava gravando: Pera aí, rapaz, oxe, isso é um momento único na vida. Ninguém sabe, oxe...

Hesdras: Tás vendo a presepada de doido que eu ando, Leonardo?

Marcela: Graças a Deus, viu?

Flávio: Leonardo, o que é que vale na vida?

Leonardo: É saúde e nada mais.

Flávio: E o que é que a gente faz?

Leonardo: É caçar uma saída.

Flávio: Pro amor e pra despedida.

Leonardo: A saudade e a ilusão.

Flávio: O amor e a inspiração.

Leonardo: A sofrer apaixonado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. O tempo num instante passa...

Flávio: E a vida corre ligeiro.

Leonardo: Não dou valor a dinheiro.

Flávio: Que é coisa de trapaça.

Leonardo: É farrar e achar graça.

Flávio: Com amor e inspiração.

Leonardo: Aí tá em religião.

Flávio: Que o coração é sagrado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Acho que eu vou traçar uma cantoria pra nós dois hoje!!

Hesdras: Bom demais!!

Afonso: Seu Leonardo, o senhor tem retrato do seu tempo de criança?

Leonardo: Retrato?

Flávio: Deixa eu botar na rima isso aí, na métrica.

Afonso: Bote aí.

Flávio: Você tem algum retrato?

Leonardo: Eu tinha mas acabou-se.

Flávio: Era amargo e ficou doce?

Leonardo: Joguei o resto no mato.

Flávio: Sentiu que o tempo é ingrato?

Leonardo: Senti e tenho razão.

Flávio: Lhe cortou o coração?

Leonardo: E retalhou um bocado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Tem retrato de criança?

Leonardo: Tenho não, não deixei tirar.

Flávio: Nunca chegou a gostar?

Leonardo: Gostei, mas não tenho lembrança.

Flávio: Nem guardou uma esperança?

Leonardo: Eu não guardei, meu irmão.

Afonso: Nem um retrato revelado?

Leonardo: Aí eu não tenho, não.

Flávio: Tu quebrasse o...

Afonso: Eu quebrei. Porque o retrato revelado era pra ser a última, né?

Flávio (continuando a rima): "Eu não guardei, meu irmão..." E o que é que há sobre o chão?

Leonardo: É um segredo pesado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Eu já tentei descobrir...

Flávio: Mas chegou a entender?

Leonardo: Não veio a voz me dizer.

Flávio: Para lhe fazer sorrir.

Leonardo: E por isso é que eu vivo aqui.

Flávio: Curtindo seu machucão.

Leonardo: Só tem eu e um irmão.

Flávio: Pra se sentir abraçado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Vai escrevendo aí e...

Hesdras: Isso dava uma décima bonita, não dava não?

Geovanna: Daqui pra amanhã eu termino.

Na campina por trás da velha casa  
A lembrança embala o meu suspiro  
A saudade me esconde do delírio  
Quando o peito ferido arde em brasa

Afonso: Muito bem.

Hesdras: Que acha desse Covid?

Leonardo: Eu acho que é um castigo.

Hesdras: Infectou um amigo.

Leonardo: E essa doença divide.

Hesdras: Há quem diga e duvide.

Leonardo: Que tem cura, e eu acho que não.

Hesdras: Será que é coisa do cão?

Leonardo: Se não for, tá desgraçado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Pode ir no beira-mar, se quiser...

Geovanna: No beira-mar, se quiser... Vá!

Flávio: Precisava ouvir um desse que eu nunca brinquei.

Geovanna: Diga aí como é um galope, ele não conhece não. Faça um galope.

Flávio: Diga um galope pra ele, pra ele entender. Um beira-mar.

Leonardo: É difícil fazer.

Flávio: Quantas linhas é o beira-mar?

Hesdras: Dez.

Geovanna: "Cantando a galope na beira do mar", o final.

Leonardo: Ele sabe, e você sabe também.

Flávio: Assim, lá no inconsciente eu acho que eu sei, dando um giro. Precisava ouvir um.

Hesdras: Bora fazer um junto aqui.

Leonardo: Só presta embalado.

Hesdras:

Saí de Tupã, meu velho torrão  
Pra Itapetim, cantar de improviso  
Cantar pra esse povo que não tem juízo  
Mas tem muito amor no seu coração  
Cantar bem cantado...

Flávio: É difícil porque é estrutura de décima, né? Tem que rimar... Eu sei até a quinta linha, da quinta pra frente eu não sei qual a organização. Se eu ver uma eu consigo, mas... Não tô me lembrando.

Hesdras:

Eu quero um sertão onde os beija-flores  
Fazem ziguezague com esbanjamento  
As folhas galopam na crina do vento  
Nas tardes soprando por ar e vapores  
Onde o arco-íris mostra sete cores  
Matrizes celestes, beleza sem par  
Cordão esticado da terra pra o ar  
Mostra o compromisso de Deus com a gente

Se acaba uma nuvem, começa uma enchente  
Nos dez de galope na beira do mar

Flávio: Quantas linhas tem isso?

Hesdras: Dez.

Afonso: Isso é mais comprido do que bota de soldado.

Flávio:

Uma tarde de inverno no sertão  
é um grande espetáculo pra quem passa  
Ar revolto, mutuo e fumaça,  
água forte rolando pelo chão  
O estrondo da máquina do trovão  
entre as nuvens do céu arroxeadado  
O raio caindo, a sombra, o gado  
atolado por entre as lamas pretas  
E rola o vento fazendo piruetas  
nas espigas de milho do roçado

Mas isso não é um galope à beira-mar...

Leonardo:

Eu nasci ali no Sítio Guaiana (??), ali me criei  
Eu não tinha nada, a terra foi livro, o lápis, a enxada  
E o meu remédio era só beber cana  
À rua eu vinha no fim de semana  
Ficava bebinho e não podia voltar  
E ficava o povo pra me procurar  
Mas não me achava aqui na cidade  
Eu tava caído lá em Piedade  
Cantando galope na beira do mar...

Bernardo: É a primeira vez que eu vejo ele cantando galope.

Flávio: Eu não consigo, não. Tenho que ser sincero.

Leonardo: Consegue, você é veloz demais.

Hesdras: De improviso é difícil, visse.

Flávio: Tem que entender a estrutura e eu não entendi, aí eu me perco.

Afonso: Tem estrutura que é métrica, tem outra que é melódica... É barra pesada...

Hesdras: Parece que é Geraldo Amanso que ele diz assim, ele cantando com Moacir:

A nossa cantiga se torna tão linda

Que eu peço pra um anjo, um anjo remete  
 Daqui para o céu tem uma internet  
 Tem rima baixando, tem verso subindo  
 O povo escutando e o tempo se indo  
 Tem dois repentistas que chamam de par  
 Eu peço a Jesus pra ir lá ajudar  
 Eu mando uma carta, recebo a resposta  
 Eu peço, Deus manda  
 Eu canto, Deus gosta  
 Dos dez de galope na beira do mar

Leonardo: É bom!

Bernardo: Mais um, Leonardo.

Leonardo pra Flávio: Faça um! Você pegou aqui tão veloz que eu tava até com medo.

Flávio: Não... Mas é que eu não entendi ainda...

Hesdras: Eu fiz um acho que quando eu tinha uns 15 anos, quando eu fui morar no Recife. Foi a primeira vez que eu fui no Recife Antigo na minha vida, nunca tinha ido. Cheguei lá, achei aquela coisa mais estranha do mundo, sabe. Mas gostei, assim, um negócio meio alternativo e tal... Aí eu lembro que eu cheguei em casa, acho que isso foi em 2000, cheguei em casa eu disse:

Essa noite eu passei no Recife Antigo  
 E lá encontrei figuras passadas  
 que já habitaram terras atrasadas  
 E hoje são fatos, história e artigo  
 Buda, Zoroastro, Jesus, um amigo  
 Daqueles que estão a se lamentar  
 Eu vi Maomé que estava a rezar  
 sentado no chão, olhando pra Meca  
 Vi incas, vi maias, até um asteca  
 Nos dez de galope na beira do mar

Afonso: É teu, é?

Hesdras: Sim.

Bernardo: Vai, Leonardo, mais um.

Leonardo:

Eu quando bebia perdi o que tinha  
 Fiquei pela rua mais de uma semana  
 Só dava valor a um copo de cana  
 E um tira-gosto, às vezes de galinha  
 Dias que era um pouquinho de farinha  
 E outra comida não pude avistar  
 Ficava na rua e pegava a chorar

Dormindo na praça, igual um mendigo  
Isso é meio feio, mas cantando eu digo  
Se for num galope na beira do mar.

Leonardo:

Quando eu pego improvisando,  
o tempo vai se passando  
Mas eu num tô reparando  
que eu não quero reparar  
É você vai me acompanhar  
agora no improviso  
Pra eu não perder o juízo...

Parece que é assim, né?

Hesdras: É em oito linhas.

Leonardo: Já é outro.

Flávio: Mas esse é em oito linhas também, né?

Leonardo: É.

Flávio: Tá vendo, Afonso, tu tava dizendo meia-dúzia ali, tem umas trezentas, véi.

Afonso: Mas me diga uma coisa, seu Leonardo, qual é a modalidade que o senhor gosta mais?

Leonardo: Eu não sei fazer nenhuma, mas em todo assunto de cantoria, se o cabra me perguntar, se começar, eu faço.

Leonardo: Um mourão do pé quebrado? É muito difícil, mas eu nenhuma vez...

Hesdras: É lindo, é lindo...

Flávio: Eu não conheço.

Leonardo: Se o caba puxar, eu...

Flávio: Tu conhece, Hesdras?

Hesdras: Conheço, mas é difícil, viu?

Hesdras:

A felicidade é tanta na casa de Leonardo  
Por isso é que a gente canta um mourão de pé quebrado

Leonardo: De primeira...

Hesdras: Faça uma, Flávio, também.

Flávio: Eu não sei não, nunca vi!

Leonardo: Cê rimou as quatro, não era pra ter rimado não.

Hesdras: O mourão do pé quebrado é assim...

Leonardo:

Pra cantar de improviso precisa a gente saber  
Fazer verso e depois ver aonde é que tá cantando

Hesdras:

Nessa deixa vou pegando na casa de Leonardo  
Pra fazer improvisado pelas bandas do sertão

Leonardo:

Tô na mesma direção, eu faço o que Deus quiser  
Agrado homem e mulher e não agrado ninguém... (É pra quebrar mermo...)

Hesdras:

Mas no seu verso hoje tem um verso quase divino  
E pra cantar esse hino, vim parar em Itapetim

Leonardo:

Vou recebido por mim e eu tive um grande prazer  
E agora vou lhe dizer que é pra você voltar de novo (O cabra pra quebrar a rima, ele tem que...)

Hesdras:

Se depender desse povo eu volto amanhã à tarde  
Porque eu nunca fui covarde e volto na sua casa

Leonardo:

Seu verso é igual a brasa, seu improviso é ligeiro  
Você é um seresteiro que tá no meu coração

Hesdras:

Agradeço, meu irmão, sua palavra bonita  
Nessa cantiga esquisita, eu canto achando graça

Leonardo:

Eu sei cantar numa praça e sei cantar lá no mato  
Cantar espantando um gato que anda atrás de um... Preá... Eu já ia rimar!

Hesdras:

(...) Improvisar com essa cabeça santa  
É assim que a gente canta, rindo e achando graça

Leonardo:

Cantar sem tomar cachaça, bebendo só água fria  
Isso eu faço todo dia quando tiver precisando

Hesdras:

Mas um copo em sua mão, nunca vi você beber  
O que faz pra esquecer uma dor de uma mulher?

Leonardo:

É ruim, mas eu já dei fé que o cabra tando sozinho procura outro caminho  
Não fica na mesma estrada

Hesdras:

Mas a saudade apertada maltrata de todo jeito  
Encarca ferindo o peito e o cabra perde o juízo

Leonardo:

Faz o que não é preciso, da vida ele se arrepende  
Do tempo não se defende, que o tempo é muito malvado

Hesdras:

O tempo é afiado, corta com facilidade  
E quando chega a idade o homem esquece o que fez

Leonardo:

E se nasci em pé da vez  
Pra mim, mentir não é bonito  
E por isso é que eu acredito que tudo aqui vai ter fim

Hesdras:

Por isso é que eu canto assim  
Pausando... Sem versejar... E agora vamos encerrar essa cantiga de vez

Leonardo:

Eu vou dizer pra vocês que achei muito bonito  
E no seu verso eu acredito no mourão do pé quebrado

Hesdras:

A gente encerra o cantado com rima com rima, verso e mourão  
Cantando com perfeição um mourão de pé quebrado.

Leonardo: É porque é mais difícil do que... O cabra que sabe que é poeta... Eu não sou não, sabe? Mas é mais fácil fazer rimando do que sem rimar. Trabalho da moléstia, viu?

Hesdras: Uma coisa interessante, Afonso, é que desde pequeno que eu escuto cantoria, que eu gosto de poesia e tal, então se eu for explicar a estrutura de um verso eu tenho a maior dificuldade, mas se eu ouvir eu sei se ele tá metrificado ou não. O ouvido, né?

Hesdras: Um cabra falou pro outro: "Poeta, faça um verso aí sobre Jesus!". Aí o cabra disse:

Jesus nasceu em Belém  
Preste muita atenção  
Ele passou em Tabira  
Depois foi pra Solidão  
E veio pra Tuparetama...

Aí quando acabou, ele disse: "Poeta, não rimou não...". Aí ele disse: "Mas eu não trouxe o homem?".

Leonardo: Esse aí ficou parecido com um verso que eu fiz.

Jumento é um animal que não respeita ninguém  
Quando vê uma jumenta arrasta aquele terém  
Quem tá na frente se lasca, quem tá em cima também

Isso é doido igualmente a esse...

Hesdras:

É assim:

Jesus, esperança  
Divino cordeiro, poeta, pastor  
Juiz infalível do código do amor  
Estrela cadente da constelação  
Nascente perene do ventre do ventre do chão  
Painel que reflete a luz do luar  
O mundo é pequeno pra te consolar  
Perpétuo Socorro dos desiludidos  
Farol que ilumina dos barcos perdidos  
Jesus, meu galope na beira do mar

Jesus, padroeiro do homem de fé

Cometa visível do largo horizonte  
 Pedacos de pétalas que descem da fonte  
 Deixando o perfume no igarapé...

Geovanna continua:

Estátua sagrada que tem como sé  
 Uma mãe, uma igreja, um santo e um altar  
 Piso envergonhado no teu patamar  
 Gemendo envergado do peso das culpas  
 Orando, chorando, pedindo desculpas  
 Cantando galopes na beira do mar

Hesdras: Isso é Pedro Bandeira.

Geovanna:

Jesus, o refúgio de nós pecados  
 Autor da orquestra do som dos arcanjos  
 Poema evangélico do couro dos anjos  
 Maestro do palco dos bons cantadores  
 Canário que trina no leque das flores  
 Artista das almas que vivem a cantar  
 Lanterna profética do topo do altar  
 Libélula que pousa no doce da malva  
 O homem é quem peca, você é quem salva  
 Cantando galopes na beira do mar

Jesus, oceano completo de encantos  
 Angico fandoso coberto de ninhos  
 Preserva a vivenda de seus passarinhos  
 Com sopros de vida por todos os cantos  
 Lençol perfumado, consolo dos prantos  
 Da alma penada que vive a chorar  
 Nos teus olhos quem bem reparar  
 Vê duas lanternas nas noites de inverno  
 Crianças sorrindo no colo materno  
 Cantando galopes na beira do mar

Hesdras:

Cavaleiro andarilho, não te rendas na difícil missão do viajor  
 Quando fores ferido, não se ofenda  
 Se humilhado, responde com amor  
 Se o inimigo invadir as tuas sendas  
 Mostra a graça afetiva ao infrator  
 Pois pra Deus o melhor das oferendas é o doce do perdão consolador  
 Pois aqueles que vivem atribulados  
 Já conduzem nos ombros inflamados o madeiro infeliz dos seus castigos  
 Joga fluido nas chagas desses pobres  
 Que a vingança maior dos homens nobres é vencer doutrinando os inimigos

Geovanna:

(...) que tal modo faça, que ninguém saiba quanto me custou  
 Mãe, espero de Ti mais essa graça  
 Que eu seja bom sem parecer que sou  
 Que o pouco que me dês me satisfaça  
 E se do pouco mesmo algum sobrou  
 Que eu leve essa migalha onde a desgraça inesperadamente penetrou  
 Que minha mesa a mais tenha um talher  
 Que seja, Minha Mãe, Senhora Nossa  
 Para o pobre faminto que vier  
 Que eu transponha os tropeços e embaraços  
 Que eu não coma sozinho o pão que possa ser partido por mim em dois pedaços

Poema de Djalma Andrade

Flávio: O que é o mandacaru?

Hesdras: Um guerreiro da caatinga.

Flávio: Na natureza se vinga.

Hesdras: Pra quem mata o uirapuru.

Flávio: Lá não senta um urubu.

Hesdras: Mas senta um lindo carão.

Hesdras: Se ferir, já sai curado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Será que hoje a chuva cai?

Leonardo: Eu acho bem parecido.

Hesdras: Mas chove ou não, meu amigo?

Leonardo: Quem sabe é Deus, nosso pai.

Hesdras: Tô achando que ela vai.

Leonardo: Chover em São Sebastião.

Hesdras: Lá não tem inverno, não?

Leonardo: E nem o ano passado... Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo. Nevoeiro não é chuva.

Hesdras: Mas deixa o clima bacana.

Leonardo: Melhora o doce da cana.

Hesdras: Do que o feito por saúva.

Leonardo: O que é que gosta uma viúva?

Hesdras: Um homem em pé, bem armado. (É com ão, né? É mermo...) Um homem em pé no oitão.

Leonardo: É, mas se for um Raimundão?

Hesdras: Tá perdido igual Bernardo. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Todo viúvo é safado?

Leonardo: Acho que não, que eu não sou.

Hesdras: Mas aqui esse senhor...

Leonardo: Aí é um desgraçado...

Hesdras: Ouvi até que é capado.

Leonardo: E quem disser tem razão.

Hesdras: (Pensei foi safadeza aqui...)

Flávio: Solta, tem criança não.  
Hesdras: Perdi o embalo, fui pensar safadeza, aí cortei...  
Flávio: Safado não tem culhão.  
Leonardo: Ele tem, tá pendurado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Os carro ali, nessa pista.  
Flávio: Lá onde alcança a vista.  
Leonardo: Se vê até ?? assada  
Flávio: Nunca vi cobra deitada.  
Leonardo: Nem com pé e nem com mão.  
Flávio: Nessa ou noutra ocasião.  
Leonardo: Se ver, vai morrer no dia. (Pode sair de qualquer jeito... Fica mais fácil pra nós)

Flávio: E vai sofrer agonia.  
Leonardo: Pode sair qualquer coisa.  
Flávio: Vamo lá. Vai Hesdras, puxa aí.

Leonardo: Os carro ali, nessa pista.  
Flávio: Lá onde alcança a vista.  
Leonardo: Se vê até ?? assada  
Flávio: Nunca vi cobra deitada.  
Leonardo: Nem com pé e nem com mão.  
Flávio: Nessa ou noutra ocasião.  
Leonardo: Se ver, vai morrer no dia.  
Flávio: E vai sofrer agonia.  
Leonardo: Pode sair qualquer coisa.

Hesdras: (...) calor.  
Leonardo: É mais ruim do que o frio.  
Hesdras: É coisa que eu nunca vi.  
Leonardo: Doido ensinar a doutor.  
Hesdras: O que acha do pescador?  
Leonardo: Uma boa profissão.  
Hesdras: Mas se pescar com a mão?  
Leonardo: Não vai comer nem assado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Quem nasce tem que morrer.  
Flávio: Quando morre é sem saber.  
Leonardo: Que a traição é perigosa.  
Flávio: Seja no verso ou na prosa.  
Leonardo: Dá a mesma confusão.  
Flávio: Desorganiza a razão.  
Leonardo: De quem tá organizado... Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: (...) eu acho um rapaz decente.  
Hesdras: Pelo menos aqui na frente.  
Leonardo: Ele está bom demais.  
Hesdras: Você acha que ele faz?

Leonardo: Tem mais de uma profissão.

Hesdras: Ele adora uma atenção.

Leonardo: Porque criou-se educado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: (...) e criou eu e você.

Flávio: Nos viu nascer e crescer.

Leonardo: E o que eu disser, não estranhe.

Flávio: Pra que essa luta se ganhe.

Leonardo: Vai lutar uma porção.

Flávio: Sem faca, corte facão.

Leonardo: Só conversando inspirado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: (...) se ele nascer com o dom.

Flávio: Senão, nunca vai ser bom.

Leonardo: Agradar o mundo inteiro.

Flávio: Vai ficar sem ter roteiro.

Leonardo: E sem ter mais profissão.

Flávio: Aí lhe falta a noção.

Leonardo: E o nome fica estragado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: (...) e pra glosar tem que ter calma.

Flávio: Nessa aqui ou em qualquer hora.

Leonardo: Se chover, o sapo chora.

Flávio: Cantando a sua canção.

Leonardo: E o passarinho do sertão.

Flávio: Também é todo afinado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: (...) gente boa e hospitaleira.

Leonardo: Vive às custa sem ter dinheiro.

Flávio: Vai cumprindo o seu destino.

Leonardo: Caba que não fala fino.

Flávio: Fala tal qual canhão.

Leonardo: Mas se não olhar o chão?

Flávio: Ele fica aperriado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: São bons e são prestativos.

Leonardo: E aqueles que ainda estão vivos?

Flávio: Os ajudam ainda mais.

Leonardo: E agradeço a Deus dos pais...

Flávio: Com toda essa gratidão.

Leonardo: Fez tudo com perfeição.

Flávio: E foi pra nós presenteado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Se Deus não tivesse feito a Terra?

Flávio: O Homem não existia.

Leonardo: Nenhum sabido sabia.

Flávio: Subir nem descer a serra.

Leonardo: Nem preparar uma guerra.

Flávio: Para matar multidão.

Leonardo: Ganhar sem ter precisão.

Flávio: Um ganho agoniado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: E o que vê no infinito?

Leonardo: Uma boniteza imensa.

Flávio: Será que é de Deus uma benção?

Leonardo: É, e é muito bonito.

Flávio: Será que ouve o nosso grito?

Leonardo: Ouve, se tem, presta atenção.

Leonardo: (...) esteja inspirado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio:

Depois que a chuva cai  
Vê a paisagem bonita  
onde quer que ele vai  
E sabe que é um milagre  
Enviado por Deus Pai

Leonardo:

Bem cedinho, quando o Sol sai  
Se mostra a grande beleza  
Até galinha é contente  
Parece que a tristeza  
se afasta com o movimento  
das coisas da natureza

Flávio:

Aí só vejo grandeza  
Beleza, grande emoção  
Vejo se criar riqueza  
Na terra do meu sertão  
E vejo chegar em mim a luz  
com a força da inspiração

Leonardo:

O pobrezinho do sertão  
chama os filhos pra trabalhar  
Plantando milho e feijão  
que outra coisa não dá  
É ainda se acha rico,  
de nada vai se queixar

Flávio:

Porque sabe observar  
o que Deus dá com amor  
No pequeno, vê o grande

No pouco, o esplendor  
Na tristeza, a alegria  
E, na maldade, o amor

Leonardo:

Deus fez o pecador  
e pediu pra ele ser forte  
Uns nasceram mais desditos  
e tiveram mais cedo a morte  
E outros ainda enricaram,  
mas se queixaram da sorte

Flávio:

Eu já me queixei da sorte  
Hoje não me queixo mais  
Vou aceitando o que vem  
E sempre buscando mais  
Sempre olhando pra frente  
E nunca olhando pra trás

Leonardo:

É assim que a gente faz  
E esse tempo a gente leva  
Sofrendo aqui no sertão  
Mas muito mais sofreu Eva  
E agora vamo esperar as sete noites de treva

Flávio: (...) tá adivinhando chuva.

Leonardo: Acho que ela é uma viúva.

Flávio: Que promete mas não dá.

Leonardo: Eu não queria falar...

Flávio: Mas falou na expressão.

Leonardo: Eu não prestei atenção.

Flávio: E ficou atrapalhado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. A noite já vai cair.

Leonardo: E o dia já foi embora.

Flávio: Tô vendo que chega a hora.

Leonardo: Dos pássaros voar daqui.

Flávio: Vamos para os ninhos dormir.

Leonardo: Outros na escuridão.

Flávio: Perdido na imensidão.

Leonardo: E muitos deles achado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Um deles é o bacurau.

Leonardo: E a coruja aparece.

Flávio: Nas noites os dois se tecem.

Leonardo: Tudo nas zonas rural.

Flávio: Isso não é bom nem mal.  
Leonardo: Também não dá confusão.  
Flávio: E eu também acho que não.  
Leonardo: Que eles são abençoado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.  
Os passáro é da natureza.

Flávio: Inspiram a poesia.  
Leonardo: Os pássaros que cantam meio-dia.  
Flávio: Expressam a sua beleza.  
Leonardo: Nas ruas tem mais tristeza.  
Flávio: Já aqui no mato, não.  
Leonardo: ?? no azulão.  
Flávio: Que canta todo inspirado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Nem eu, nem tu é poeta.

Flávio: Somos dois imitadores.  
Leonardo: Poeta mermo é as flores.  
Flávio: Que têm beleza concreta.  
Leonardo: E nossa rima completa.  
Flávio: O belo que vem do chão.  
Leonardo: Deus deu a inspiração.  
Flávio: E a nós, o verso inspirado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Que a poesia é divina.

Flávio: Pois vem da força da alma.  
Leonardo: E nós com jeito e com calma...  
Flávio: turvo qual neblina.  
Leonardo: A chuva quanto mais fina...  
Flávio: Mais sossega o coração.  
Leonardo: E pra quem canta uma canção?  
Flávio: É instrumento inspirado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Às vezes olho pro céu.  
Leonardo: Quando eu olho, vejo Jesus.  
Flávio: Emanando a sua luz.  
Leonardo: Por baixo daquele véu.  
Flávio: Aí lhe tiro o chapéu.  
Leonardo: E a água cai pelo chão.  
Flávio: E renova o meu sertão.  
Leonardo: Deixando o mato bordado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Homem não vai imitar.

Flávio: Aquilo que Deus criou.  
Leonardo: O Pai do Criador.  
Flávio: A quem tudo vai olhar.  
Leonardo: E pra aquele que tem mar  
Flávio: Tem peixe e tem compaixão.  
Leonardo: Mas se perder a razão?  
Flávio: Fica todo atrapalhado.  
Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Eu vou, mas vai na lembrança.

Leonardo: E eu vou ficar com saudade.

Flávio: Eu também digo, é verdade.

Leonardo: Mas fico com a esperança.

Flávio: De voltar como criança.

Leonardo: E eu, como um ancião.

Flávio: E eu seguro a tua mão.

Leonardo: E por mim, já tá segurado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Flávio: Eu vou, mas volto outra vez.

Leonardo: E o lugar é aqui.

Flávio: É lugar bom de se sorrir.

Leonardo: Seus versos têm português.

Flávio: Os versos a gente fez.

Leonardo: Os meus, vou pedir perdão.

Flávio: Os meus semeci no chão.

Leonardo: Eu pego e deixo guardado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

### 3. Transcrição da segunda conversa com o poeta Leonardo Bastião. Itapetim, julho de 2021.

---

Seu Leonardo, me diga uma coisa. O que é que a fotografia é pro senhor? O senhor gosta de fotografia?

Leonardo: Gosto de fotografia porque, sem fotografia, o cabra é difícil se lembrar de uma pessoa, né? Fica difícil.

Afonso: O senhor tem fotografia que o senhor guarda? Antiga?

Leonardo: Eu tenho, as minhas... Eu tenho umas três.

Afonso: Três fotografias?

Leonardo: Mais ou menos três.

Afonso: Só isso.

Leonardo: Só.

Afonso: E como são essas fotos?

Leonardo: Tô mais bonito do que hoje.

Afonso: O senhor tinha que idade?

Leonardo: Dezoito, vinte...

Afonso: Novinho...

Leonardo: É...

Afonso: Certo. E o pessoal que tem foto na parede, que guarda essas fotos em casa, que bota assim na parede as fotos do pessoal, uns estão vivos, outros já são defuntos, o que é que o senhor acha disso?

Leonardo: Eu acho que quase tudo já morreram, né?

Leonardo: Ali naquele retrato são os filhos, os netos, que já tão com eles ali... Eu acho que os donos daquelas fotos não existem mais, não. Eu imagino assim.

Afonso: Como assim? Ninguém é mais dono daquelas fotos?

Leonardo: Porque já morreram tudinho, né?

Afonso: E o senhor não gosta disso?

Leonardo: Eu não gosto de ficar olhando uma coisa que eu achei ruim e ficar olhando direto, eu não acho bom, não boto na parede, porque se eu botar eu vou ficar vendo direto, né?

Afonso: Vai ficar lembrando. Agora me diga, aqui em Itapetim já teve aquele caso de pessoal que fotografa o morto, não?

Leonardo: Já.

Afonso: O senhor já presenciou isso?

Leonardo: Já.

Afonso: Ainda tem, não?

Leonardo: Não, parece que agora tá meio parado, né?

Afonso: E aqui em Itapetim tem gente que coleciona foto, alguma coisa assim, não?

Leonardo: Eu não conheço, não. Gente que tem muitas fotos eu não conheço não.

Afonso: Seu Leonardo, se eu lhe der um mote mostrando uma fotografia, não é nem um mote, pense: botar a palavra "fotografia" dentro do mote, pode ser qualquer um, o senhor cria, dá pra fazer, não?

Leonardo: Não sei, deixa eu ver o mote, né?

Afonso: Não, mas vamos fazer um mote assim. Pode ser um mote com lembrança, pode ser um mote de vivência, né... Tem que ver a palavra pra poder rimar, né?

Leonardo: É... Se eu vou dizer qual é o mote que eu gosto, aí vai ser difícil...

Afonso: Não, mas diga.

Leonardo: Não, o mote tem que vir de lá.

Afonso: Ah, é? Hesdras, ajuda aí.

Hesdras: Tô pensando.

Afonso: Tá pensando...

Leonardo: Mas você só diga bom! E vem fazer também, ou não?

Hesdras: O poeta aqui é você.

Leonardo: Não, é não...

Hesdras: Hoje eu sou o apologista.

Leonardo: Fazer só nem graça tem.

Hesdras: Tem, poeta.

Leonardo: É bom mais outro que o cabra vê quando tá apanhando.

Afonso: Bom, eu não sou poeta... Aí como é que a gente vai fazer? Tem que primeiro metrificar. Ou então se eu disser "num retrato na parede, muita lembrança se guarda".

Leonardo: A guarda...

Afonso: É difícil.

Leonardo: Pra mim é, pra ele é fácil.

Hesdras: Pra mim é não, pra mim é difícil também, poeta.

Afonso: E se eu trocar... "Muita lembrança se guarda num retrato na parede".

Leonardo: Fica difícil também.

Hesdras: Fica difícil também porque termina em guarda.

Afonso: Não, é "muita lembrança se guarda num retrato na parede".

Leonardo: Se achar uma rima pra "guarda"...

Afonso: Não, mas em "parede"...

Hesdras: Não, mas a primeira linha termina em "guarda".

Afonso: Ah, é?

Hesdras: É.

Afonso: "Muita lembrança se tem em cada foto na parede"...

Hesdras: Tá desmetrificada.

Afonso: Tá desmetrificada, né? Vamo pensar. Bebe, Hesdras.

Hesdras: "Numa foto pendida na parede, tá guardada a lembrança do passado". Olha o mote aí.

Leonardo: Pendida?

Hesdras: Pendida.

Marcela: "Numa foto pendida na parede, tá guardada a lembrança do passado".

Hesdras: "Numa foto pregada na parede"... Pronto.

Leonardo: Vamos, começa o teu aí.

Hesdras: Vá, poeta.

Leonardo: Não, você tá escrevendo... E eu não escrevo nem nada, eu levo um pau da gota.

Hesdras: Eu tô escrevendo outra coisa aqui.

Leonardo: Tem que tirar a coisa arrancando do juízo, né?

Afonso: É pra fazer em décima, é?

Hesdras: É em décima aí, o mote.

Afonso: Em décima é difícil... A foto é essa aqui. D. Lourinha, da ingazeira, olha, Leonardo. De um lado ela bora os vivos, do outro, os mortos. E aqui, essa foto, ela com o retrato dos pais.

Hesdras: Não... O difícil pro poeta né tão difícil, não. Passei tanto tempo pensando no mote, nesse tempo todinho, aí o mote aparece agora.

Leonardo: Faça um aí.

Hesdras: Rapaz, é difícil...

Leonardo: É difícil pra você e pra mim.

Hesdras: Pra mim é que é difícil, poeta.

Leonardo: Não, é não... Abra o caminho aí. "Um retrato pregado na parede guarda muita lembrança do passado". Eu quero ver o seu!

Hesdras: Saiu bonito, saiu bonito!

Afonso: Ó, lembra com "gado"... Lembra com "rede"...

Marcela: Até com "amado" lembra.

Afonso: Com "amado".

Hesdras: Pense num trabalho difícil!

Leonardo:

Eu me lembro de coisa que passou-se  
E essas coisas pra mim já acabou-se  
Mas deixou a lembrança só pra nós  
Eu guardei o retrato dos avós  
Ainda hoje tô impressionado  
Meu avô morreu "inda" afogado  
Bebeu muita água sem tá com sede

Um retrato pregado na parede guarda muita lembrança do passado

Afonso: Puta que pariu!

Hesdras: Bom demais. Ó aí, tá vendo que sai? Se apertar, sai.

Afonso: Dá pra puxar ele de volta?

Leonardo: Dá não, que ninguém se lembra mais não.

Hesdras: É mermo.

Afonso: Vivi, você pegou do começo?

Vivi: A primeira frase não pegou, não.

Leonardo: E eu me lembrei que meu avô morreu afogado mermo.

Hesdras: Foi mesmo, Leonardo? Aonde?

Leonardo: Numa lagoa que tem ali, lá em cima.

Hesdras: Foi mermo?

Leonardo: Aí eu me lembrei do meu avô porque falei no retrato, né?

Hesdras: Tá vendo? Olha a memória aí.

Afonso: E o senhor tem retrato do seu avô?

Leonardo: Tem não, tem uma irmã minha que tem, mas mora longe.

Afonso: Certo. Mas na cabeça o senhor se lembra dele.

Leonardo: Me lembro.

Afonso: Qual é a melhor lembrança que o senhor tem dele?

Leonardo: A melhor lembrança que eu tenho dele é porque quando eu era pequeno ele guardava as coisas pra me dar. Só me lembro disso.

Afonso: Coisa boa. Amor de vô é bom demais, né?

Leonardo: É. Agora faça o seu.

Hesdras: Oxeeeente... Um decassílabo eu tenho que me sentar pra escrever, consigo fazer assim não.

Bernardo: Com esse tema dá pra fazer um bocado de mote, num dá?

Leonardo: Eu já esqueci do mote.

Hesdras: "Um retrato pregado na parede guarda muita lembrança do passado".

Vivi: Leonardo, tu lembra as duas primeiras que tu falou?

Leonardo: Lembro não. Verso de improviso o cabra num se lembra não. Se o cabra se lembrar, é um balaio que ele tem. Se eu disser um verso aqui, perguntar e eu disser ele de novo, é um balaio. Vai assim e num vem mais não. E eu num faço balaio porque se eu fizer eu esqueço, aí nem começo. Pra ser desenvolvido no pensamento é muita pouca gente, viu?

Afonso: Tá gravando, Vivi? Pode bater a claquete.

Leonardo:

Tudo o que o homem estudou, pra natureza foi pouco  
Ele não faz um coqueiro, e se inventar fica louco  
Caçando a encanação que leva a água do chão pra botar dentro do coco

Afonso: E aquela que você fez em homenagem a Bernardo?

Hesdras: Qual das, né?

Leonardo: Num sei não.

Afonso: O senhor fez uma homenagem a Bernardo, elogiando ele...

Leonardo: Ele deve se lembrar... Eu nunca elogiei Bernardo, não... Bernardo, como foi que eu te elogiei fazendo verso?

Hesdras: Ele também não lembra. Era tudo falando mal dele.

Bernardo: Foi tudo me lascando.

Leonardo: Pois é, eu não me lembro não.

“Bernardo é mais conhecido do que o Papa de Roma  
Vive bebendo garapa e vendendo bolo de goma  
E só ainda não deu o rabo porque não achou quem coma”

Foi esse, não prestava nem pra dizer. Elogiei desse jeito.

Hesdras: Mas foi um elogio bom, não foi não?

Leonardo: Mas ele não acha bom, não.

Hesdras: E aquela da infância, Leonardo?

Leonardo: Me lembro da sombra, me lembro do juazeiro... Mas da infância?

Hesdras: A que o senhor falava do pai, da terra...

Leonardo: Essa aí já é outra.

“Nasci na casa atrasada, sou filho de Luísa e Bastião  
Fez muitas letras no chão, mas o lápis era uma enxada  
Morreu à mingua sem nada e minha herança foi assim  
Meio quadro de terra ruim que ainda hoje eu defendo  
Nem abandono e nem vendo o que pai deixou pra mim”

Hesdras: É essa mesmo.

Leonardo: Faz um verso aí que é melhor improvisar mesmo que lembrar.

Hesdras: Acha melhor, né?

Leonardo: Depois, se eu me lembrar, eu digo.

Hesdras: Diga mesmo.

Leonardo:

A casa que eu nasci nela,  
dei os meus primeiros passos  
Quem nasceu pra fazer ela  
me carregava nos braços  
Hoje, sem mãe, sem pai,  
que a casa depois que cai  
Vira passado e se encerra  
E cada torrão daqueles  
Tem lágrimas dos olhos deles  
que misturou com a terra

Chorei quando vi caído o que pai fez com trabalho  
Até porque tinha sido o meu primeiro agasalho

Deu um branco, me perdi.

Hesdras: É assim mesmo, normal...

Leonardo: O cabra esquece, tem jeito não.

Hesdras: São muitos.

Leonardo: Eu fiz uns dois mil e poucos que Bernardo gravou, agora, antes disso, eu acho que eu tinha feito mais de...

Leonardo: Quando eu ia pra uma cantoria, era mais doido do que hoje, aí... Ficava a noite todinha, naquele tempo. Saía muita doidice, mas o povo só entrava pra sala quando eu começava. Isso tudo ficou perdido.

Afonso: Isso era onde, aqui em Itapetim?

Leonardo: Era. Aqui por esses sítios. Aquilo ficou perdido tudo, ninguém tinha nenhum gravador nem nada. Aí eu fiquei dando uns "paradeiros", parei, parava... Passava um ano, dois, três sem tomar cana, aí voltava de novo.

Hesdras: Aí cantava com a cana?

Leonardo: Aí não tinha jeito. Aí foi quando eu parei de beber em 91. Tá completando 30 anos, né? Perdi a vida com esse negócio de acompanhar cantador e fazer verso.

Hesdras: Então faça um mote do verso pra eu lhe dar agora.

Leonardo: Diga o mote, você faz também.

Hesdras: Não, o senhor gosta de dar mote. E você faz o verso.

Leonardo: Gosta de dar mote, é mais poeta do que eu...

Hesdras: É não, faça aí. "Perdi a vida todinha bebendo cana e cantando".

Leonardo: Você que começou isso. Eu só faço se você fizer.

Hesdras: Não, como é que eu vou?

Leonardo: Essa é boa de fazer, não é ruim...

Hesdras: Pra mim tudo é difícil.

Leonardo: Mas eu sei que eu vou apanhar de você.

Hesdras: Eu nunca bati numa viola.

Leonardo: Eu já cantei quando eu era menino, mais doido do que hoje, mas eu levei pisa de cantador da gota.

Hesdras: E eu que nunca bati nas cordas de uma viola? Só vi ela de perto.

Leonardo: O cantador chegava no primeiro baião, me dava uma pisa no segundo, no terceiro... Eu via que estava apanhando.

Hesdras: Mas no quarto dava o troco.

Leonardo: No quarto ele acabava, "rapava" o que tinha trazido, aí era pra fazer mesmo. Aí eu sempre levei umas quatro ou cinco lapada.

Hesdras: Pois comece aí o baião.

Afonso: Mas seu Leonardo, ninguém tá aqui competindo não. A gente tá aqui pra você...

Leonardo: Naquele dia tu me apertasse, por que que hoje tu não aperta?

Hesdras: Ali eu estava inspirado e era um quadrão perguntado, era diferente.

Leonardo: Não.

Hesdras: É.

Leonardo:

Eu já deixei de beber  
que a estrada foi comprida  
Sofri muito em minha vida  
E hoje eu tenho que dizer  
Foi o maior padecer  
E o tempo foi se passando  
E eu não tava ligando  
e vendi até as galinhas  
E perdi a vida todinha  
bebendo cana e cantando

Hesdras: Olha aí, desse jeito.

Leonardo: Agora faça o seu.

Hesdras: Mas como é que eu vou fazer? O aperto é grande demais em cima de mim.

Leonardo: Poeta nunca veio pra aqui pra sair calado. Você já veio duas vezes mas não saiu calado, não. Se sair hoje eu acho que é... É difícil.

Hesdras: Eu gosto é de ouvir o senhor falando.

Leonardo: Sabe mais do que eu. Naquele dia eu não sabia nunca esse negócio de mourão do pé quebrado... Eu vi quando eu era menino cantar aquilo, mas não sabia mais. Mas tu já estava com ele decorado.

Hesdras: Sim, o senhor começou como?

Leonardo: Eu terminei.

Hesdras: Terminou?

Leonardo: Foi. Falta você começar. Sim, e só presta pra cozinheiro, é?

Hesdras: Sim...

Leonardo: É isso mesmo.

Hesdras: Como foi o começo que eu não lembro mais?

Bernardo: No começo ele disse... É... "Só serve pra cozinheiro".

Hesdras, declamando: "Só presta pra cozinheira"... Pra lavar prato também.

Leonardo: Se eu chamar, ele não vem.

Hesdras: É todo cheio de besteira.

Leonardo: Ele gosta é de bagaceira.

Hesdras: E gosta de confusão.

Leonardo: Eu já prestei atenção.

Hesdras: Que esse Bernardo é veado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Fale sobre a natureza.

Hesdras: Não consigo nem falar.

Leonardo: Eu gosto de admirar.

Hesdras: Tamanha a sua pureza.

Leonardo: E eu quando vejo a beleza...

Hesdras: Da obra da criação.

Leonardo: A água molhando o chão.

Hesdras: E Deus pintando um roçado.

Leonardo: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão. Bonito!

Hesdras: E o rixado do jumento?

Leonardo: Abusa até a grenguena.

Hesdras: Hoje eu sinto muita pena.

Leonardo: Eu não gosto de sofrimento.

Hesdras: O assobiar do vento...

Leonardo: Que vem a inspiração.

Hesdras: Pois o jegue do sertão.

Leonardo: Foi muito penalizado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Hesdras: Gosta do sítio ou da rua?

Leonardo: Eu gosto mais de tá no mato.

Hesdras: Aqui tem algum retrato?

Leonardo: Se tiver é mulher nua.

Hesdras: Nem que seja uma foto sua?

Leonardo: Eu tenho, não tá aqui não.

Hesdras: Tá no fundo de um caixão?

Leonardo: Tá muito desbotada. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Cê disse que era bom de fazer.

Hesdras: Não, é bom de fazer pra quem é poeta, pra quem é assim como eu... "Um retrato na parede traz lembrança do passado".

Leonardo: É, faça aí.

Hesdras: Começa aí, começa aí.

Leonardo: Não, começa aí, faça o seu. Eu disse que era mais fácil assim e é mesmo, né? Eu escutei muita coisa e não me concentrei em nada...

Hesdras: Pois se concentre agora. Vou me concentrar também, vou ver se consigo fazer.

Leonardo: "Um retrato na parede traz lembrança do passado", né?

Hesdras: É.

Leonardo:

Eu tenho que improvisar,  
que eu nasci pra ser assim  
Mas quando o passado é ruim  
eu não gosto de lembrar  
Mas agora eu vou falar  
Num caso que foi passado  
E eu ainda tô lembrado  
Me balançando na rede  
Que um retrato na parede  
traz lembrança do passado

Hesdras: Olha aí, tá vendo aí? Que se apertar, sai.

Leonardo: Agora faz aí.

Hesdras: Enquanto eu tô fazendo, o senhor vai fazendo mais.

Leonardo: Não, faça um, aí eu faço outro.

Hesdras: Enquanto você faz dez, eu faço um.

Leonardo:

Eu vou ver se resgato  
o tempo da bisavó  
Que eu vi e guardei de có  
o quarto cheio de retrato  
Ali não era boato,  
santo ela tinha guardado  
E retrato tinha um bocado  
E ela não matava a sede  
Que um retrato na parede  
traz lembrança do passado

Afonso: Muito bem!

Hesdras: O acocho aqui é grande.

Leonardo: Faça um.

Hesdras: Tô com esse nível de inspiração não.

Leonardo:

Minha lembrança não sai,  
que eu não posso recordar  
Mas é bom a gente guardar  
retrato de mãe e pai

Quando da parede um cai  
o cabra fica lembrado  
E pega com tanto cuidado  
Como quem dobra uma rede  
Um retrato na parede  
traz lembrança do passado

Leonardo: Vamos mudar pra ver se nós fazemos os dois, puxa aí o que quiser.

Hesdras: Oxe... Mai meu Deus... O senhor era acostumado a pegar numa viola. Eu só sei bater palma.

Leonardo: Na viola não, eu pegava na cana, a cana fazia tudo. O cabra bêbado pega em viola, pega em qualquer coisa. Não aprendi a tocar, não sei aprumar viola. Mas eu não gosto de viola porque viola toma muito tempo, o cabra fica batendo na viola, né... E quando vai errar o verso, aí é que bate com força na viola pro povo não ouvir. Erra meia palavra e joga a mão com força que é pro cabra não ver que o verso ficou quebrado. Eu me lembrei do verso que eu quebrei, quebrei não, esqueci. Danado é se eu for dizer no mesmo canto e enganchar, né?

Hesdras: Engancha não.

Leonardo:

A que eu nasci nela,  
dei os meus primeiros passos  
Quem sofreu pra fazer ela  
me carregava nos braços  
Hoje, sem mãe, sem pai,  
que a casa depois que cai  
Vira passado e se encerra  
E cada torrão daqueles  
Tem lágrimas dos olhos deles  
que misturou com a terra

Chorei quando vi caído  
o que pai fez com trabalho  
Até porque tinha sido  
o meu primeiro agasalho  
Foi ali onde eu nasci,  
onde eu chorei e sorri  
Meus pais choravam também  
Tantos sonhos desmoronados  
e tanto suor derramado  
Sem servir mais pra ninguém

Aquela casa pequena...

Esqueci do outro... É perdido... Olhe, velho é melhor parar.

Hesdras: É nada! Dessa vez esqueceu na outra estrofe.

Aquela casa pequena  
onde eu vivi minha infância  
Caiu apagando a cena  
e matando a minha esperança  
Aqueles cacos de telhas  
virou moradas de abelhas,  
marimbondos e cupim  
E aquelas terras mexidas  
são testemunhos de vidas  
que se acabou pra mim

Vai pra frente, mas eu não lembro mais não. Tá gravado, mas foi perdido. E eu não tenho o gravador...

Vamo fazer um, rapaz!

Hesdras: Deixe eu pensar aqui.

Leonardo:

A mulher que eu mais queria,  
toda noite eu esperava  
E toda vez que ela tratava,  
se desculpava e não ia  
Meu rancho sem energia,  
o vento apagando a vela  
E eu vendo o retrato dela,  
pelejei e não dormi mais  
Que a solidão é quem faz  
eu beber pensando nela

No mal que a cachaça faz,  
eu perdi tudo na vida  
Até dei fé que a bebida  
é coisa do Satanás  
E jurei pra Deus nunca mais  
eu inventar de beber  
Já hoje eu posso dizer  
que tô vivo em qualquer canto  
Que a força do Espírito Santo  
não deixa o diabo vencer

Hesdras: Bom demais. Como era o mote, Bernardo? "Um retrato na parede"...

Bernardo: Traz lembrança do passado.

Hesdras:

Me lembrei da minha  
avó sentadinha no oitão

Segurada num pilão,  
chega me causava dó  
Viveu ali sempre só,  
da cozinha pro roçado  
E vovô, muito animado,  
se balançando na rede  
Um retrato na parede  
traz lembrança do passado

Leonardo: Demorasse mas fechasse, né?

Hesdras: Faça mais outro aí.

Afonso: Rima com "sede" também, né? Dá pra botar "boi" no meio... "Meu boi morreu de sede"...

Leonardo:

De primeiro eu não lembrava  
quando eu era criança  
Não tinha nem esperança  
e minha avó me criava  
Nem pensei que se acabava  
um troço aperfeiçoado  
Ficou no chão enterrado  
e a terra matando a sede  
Um retrato na parede  
traz lembrança do passado

Hesdras: Daqui a três horas eu faço outro. Fico aqui pensando... Deixa eu lhe dar um mote também que tem "retrato", tem "foto"... "Me lembro muito de pai quando vejo a foto dele".

Leonardo: Vai dar trabalho a eu e a tu.

Hesdras: Vai nada.

Leonardo: Num vai não?!

Hesdras: Pra mim dá trabalho demais...

Leonardo: Com "dele" vai achar pouca coisa, visse.

Hesdras: Vou dar outro. "Me lembro muito de pai quando vejo seu retrato".

Leonardo: Isso é pra quem sabe ler... Rima pra "retrato" é ruim... Agora eu não, eu boto tudo "gato", "pato"...

Hesdras: E dá certo.

Leonardo: "Quando eu vejo um retrato me lembro muito de pai", é?

Hesdras: Não, é... Nem lembro mais o que eu disse.

Marcela: "Me lembro muito de pai quando vejo seu retrato".

Leonardo:

Eu sinto é uma agonia  
de um tempo que foi perdido  
Perder um ente querido  
e ficar com a fotografia  
Passar a noite e o dia  
para mim é um maltrato  
Mas já que isso é exato,  
minha lembrança não sai  
Eu lembro muito de pai  
quando vejo seu retrato  
Hesdras: É difícil, viu... Leonardo, se lembra...

Marcela: "Eu comi a carne assada preparada por Bernardo".

Hesdras: O primeiro, como era o primeiro?

Leonardo: Me lembro não.

Afonso: "Eu num tô muito inspirado".

Vivi: "Nós vamos cantar agora um mourão do pé quebrado, eu num tô muito inspirado mas topo qualquer parada".

Hesdras, rimando: Eu comi a carne assada preparada por Bernardo, que parece ser veado e eu acredito que seja.

Leonardo: Ele ajudou na igreja e eu também acho que é verdade, não tem criatividade mas toda a vida é assim.

Hesdras: Bernardo já disse a mim que namorou com um rapaz, mas isso foi bem pra trás... Agora ele diz que é homem".

Leonardo: Se ele namorou com homem, ele ainda não deixou. Isso é gigolô que veio da gota serena.

Hesdras: Confiei nessa gangrena, emprestei o meu dinheiro, não sabia que é xexeiro daqui de Itapetim.

Leonardo: Esse caba é muito ruim, todo mundo já conhece, dele o povo não se esquece porque o povo é honesto.

Hesdras: E agora pra rimar com honesto?

Afonso: Resto, presto...

Hesdras: Eu sou de um provo que presto, diferente de Bernardo, que além de ser veado é metido a gigolô.

Leonardo: Quem disse foi o doutor que ele tava sendo ruim, e aqui em Itapetim não tem macho que aguento.

Hesdras: Dizem que seu rabo quente à noite sai pela rua, veste saia, fica nua, e eu pensei que era mentira.

Leonardo: Peguei ele em Tabira, num reboição danado, era um sujeito montado debaixo de uma banquinha.

Hesdras: Costumado a usar calcinha mas é metido a machão, esses dias em solidão, um velho meteu-lhe a ripa.

Leonardo: O dono do carro pipa tava brincando com ele que eu nunca vi como aquele e ruim daquela manhã.

Hesdras: Bernardo, cheio de besteira, quis ser vereador, se passando por doutor e enganando o pessoal.

Leonardo: Dessa vez ele passou mal, saiu do ramo ligeiro e anda com um candeeiro e uma esteira na mão.

Hesdras: Se parece assombração com história de trancoso, mas não passa de um medroso... Tem medo até de barata.

Leonardo: Correndo atrás de uma gata eu vi Bernardo outro dia, era a maior agonia. Deu a gota e não pegou.

Hesdras: Em Teixeira ele passou uns tempos num cabaré, e só andava de pé pra esbanjar simpatia.

Leonardo: Eu vi ele na Bahia fazendo uma mandinga, mas caba ruim nunca vinga, foi obrigado a voltar.

Hesdras: Voltou de lá para cá pra morar em Itapetim e viver com gente ruim que ele chama de amigo.

Leonardo: Dessa vez eu lhe digo que ele gosta de mentir, tá sendo santinho aqui, mas isso é uma desgraça.

Hesdras: Quando passa pela praça o povo grita "olha o doido!"... Quem disse que eu tenho mais rima pra "doido"? Teve um branco agora.

Leonardo: Eu vi que não tinha. Bota "coloido".

Hesdras: Coloido, doido.

Leonardo: Se o caba não tiver cuidado ele faz rimando.

Hesdras: É, faz rimado mesmo. Você começa a pensar rimado.

Leonardo: E o mourão? "A pergunta foi bem dada, foi respondido o mourão"?

Hesdras: Perguntando e respondendo, né? Aí o pé quebrado a gente terminava a quadra rimando, né?

Leonardo: Parece que o dia hoje não tá bom pra poesia não, visse... Num tem dia de pescador, né?

Afonso: Seu Leonardo, me diga uma coisa, na sua mocidade, quando o senhor começou a tirar verso, o senhor tinha que idade?

Leonardo: Doze anos.

Afonso: E como era, entrava na roda junto com a cabrueira, como é que era isso? Me conta um pouquinho.

Leonardo: Era. O cabra... Comecei a fazer uns versos, aí os caba disseram "bota Leonardo pra cantar aí"... Tinha muito cantador naquele tempo, mas era... Cantava mais cantador do que gente, na certa. Fui só pra beber, não. Toda cantoria eu cantava um pouquinho. Noite de São Pedro aí tinha forró, um horror de canto, mas tinha um canto que tinha cantoria também. Era muito animado. Aí eu fui entrosando, apareceu cantador de muitos cantos, mas que o rojão que tinha aqui mesmo era daqui e de São José.

Afonso: Seu Leonardo, uma dúvida... Existe cantoria sem bebida?

Leonardo: Não.

Hesdras: Seu Leonardo, me diga uma coisa, seu pai, Luizinho Bastião, cantava também?

Leonardo: Cantava quando bebia, era que nem eu.

Hesdras: O senhor já viu seu pai cantando?

Leonardo: Já.

Hesdras: Ele cantou com quem?

Leonardo: Cantou com Cancão, esse povo já morreu tudo aí... E mais outras pessoas ele cantava também.

Hesdras: O senhor gostava de ver seu pai cantando?

Leonardo: Eu acompanhava ele cantar. Ele cantava uns versos bons mas a voz dele era que nem a minha, era ruim demais.

Hesdras: A primeira cantoria que o senhor viu foi quem cantando, foi o seu pai?

Leonardo: A primeira cantoria que eu vi foi João Severo e Zé Soares, uns cantores velhos...

Hesdras: Sabe algum verso deles?

Leonardo: Não, não decoro verso de ninguém não.

Hesdras: O senhor passou quanto tempo cantando?

Leonardo: Rapaz, sabe que eu não sei? Eu só cantava bêbado, aí não sabia quantos tempo foi não...

Hesdras: Esquecia o tempo...

Leonardo: Dez ano ou vinte... Vinte ano ou mais. Fiz cantoria mais oito ou dez cabras e fiz só também, mas no canto que eu fazia uma cantoria ficava um convite.

Hesdras: Pra cantar depois...

Leonardo: "Vai cantar na casa de fulano tal dia", os caba me chamava. "Só quero se Leonardo for, só vou se Leonardo for". Aí começou esse negócio, né? Depois eu parei e fiquei só fazendo verso. Trabalhando no roçado e fazendo verso. Não tinha quem gravasse e... Quando eu chegava ali naquela rua, fechava a rua.

Hesdras: Aí o pessoal chegava pra escutar.

Leonardo: Começava chegando gente, chegando gente. Mas eu bebendo, sabe? Tinha vez que fechava a rua. Minha vida foi assim, né? Aí inventei de fazer uns versos aí, Bernardo pegou a gravar e jogou no mundo... Aí o povo muitos se admirou, mas eu não sou... Sou poeta não. Tenho assim uma velhinha muito fraca, sabe? Tem outros mais poeta do que eu muito. As coisas que eu faço não é boa não, eu dou pé. Se os caba disser também eu nem ligo. Pra mim serve de conforto.

Leonardo: Eu sou assim mesmo. Se disser assim "não, Leonardo não é poeta", tem um cabra aí que diz... Eu não ligo não.

Hesdras: A sua veia poética é mais grossa que um cano de cem.

Leonardo: Passou uns cinco anos sem falar comigo, aí quando foi a semana passada foi onde eu estava aí disse um verso que eu tinha feito, aí eu também disse que o verso não era bom... Quero ver esse cabra se chegar. Chega mais nunca. Mas ele falou certo. Mas eu que não chego mais pra falar com ele, não. Negócio de poesia, já era. Eu não sou poeta, eu faço minhas besteiras aqui e se o cabra achar bom, achou, e se não achar, eu também ligo pouco. Ah, não... Porque também tem cabra que faz de besta. Eu agora fiz uma coisa boa, uma coisa grande, num sei o quê... Eu num tenho isso não.

Afonso: Mas seu Leonardo, o senhor falou aí que fazia poesia na roça, né? Capinando mato, semeando, né, fazendo semeadura, tal... Dá pra puxar um verso desse daí?

Leonardo: Ah, o cabra tem um bocado de verso com roça, essas coisas... É porque quando o cabra pega assim uma coisa é mais fácil, né? Se eu for fazer verso mais um mecânico, eu vou me lascar em bando. Eu nem começo. Se o cabra for cantador e mecânico, aí o cabra não vai entrar no assunto, o assunto é falar em peça, em carro, isso assim... Eu vou entrar?

Invento logo que tô doente. Ele sabe de tudo e eu não vou saber de nada, né? Mas da roça, aí não é difícil fazer verso, né? O mais difícil é mexer na roça.

Hesdras: Qual o tema que o senhor gosta mais de fazer verso?

Leonardo: Eu não gosto muito de tema, não, sabe por quê? Porque vem um pedaço feito. Vem um pedaço feito e o tema é uma escola. O tema já tá dizendo o assunto, né? Mas aquele pedaço do fim não fui eu que fiz. Aí os versos que eu faço é tudo solto. Mas faço também em mote, em... Já cantei... Em viola era obrigado cantar tema, não? O cabra que faz mote é muito poeta também.

Hesdras: E cantar a natureza, sai muita coisa boa?

Leonardo: Não sai boa eu fazendo, porque a natureza ela é a professora da gente. Se não tivesse isso aí, não tinha nenhum poeta no mundo.

Hesdras: Não tinha o que cantar, não?

Leonardo: Tinha não. Aí quem é poeta é Deus e fez tudo e jogou na terra pra os caba fazer verso com aquilo. Porque todo verso o cabra tá pegando carona. Todo verso que o caba fizer. Pegando carona...

Hesdras: Em alguma coisa que Deus fez...

Leonardo: Em tudo. Aí com a natureza fica fácil. Entra no mato aí, vê um passarinho, dá um verso. Vê um preá, um... Tudo no mundo dá um verso. Cê tá vendo ali. Tá vendo a coisa, só vai dizer. E tem que botar um tempero no verso, pra dizer que ter um tempero. O tempero é mais difícil. E eu não sei quando o tempero tem pro verso, não. O caba que faz um verso em uma hora, duas, ninguém dá uma risada, fica tudo sério...

Hesdras: Aquela pedra de amolar que tá ali nos fundos, dá um verso?

Leonardo: Dá. Isso dá um verso não, isso dá é uns dez metros de cantoria.

Hesdras: Tem um versinho aí pra aquela pedra de amolar? Zé Marcolino fez uma música... Faça um versinho aí pra essa pedra de amolar.

Leonardo:

Essa pedra de amolar,  
ai aí, meu Deus, se eu fosse  
No mundo igualmente a ela  
Num queria nem ver doce  
Que já acabou muitas facas  
E ela não acabou-se

Hesdras: Muito bom.

Leonardo: Mas é bom você fazer também.

Hesdras: Não... Eu gosto só de ver o senhor versejando.

Leonardo:

É muito bom nessa roça  
 Bem cedo a gente escutar  
 Um passarinho cantando  
 Pra gente acreditar  
 Que tudo é Jesus que faz  
 E nós só não pode imitar

Hesdras: Quando foi que o senhor percebeu, quando era menino, que o gostava de fazer verso? Foi vendo seu pai?

Leonardo: Foi vendo pai... Ele fez muitos versos bons, tem gente que escreveu... Pra tu ver, eu não decorei nenhum verso do meu pai. Não sei nenhum. Mas esse negócio de fazer verso e ser poeta... Ninguém sabe de onde é que vem, não. Tem dia que vem tanta coisa que o cabra fica até pensando que... Num sabe não... O cabra começa um verso sem saber de onde sai e fechar o verso no fim, e o povo gostar? É coisa da natureza.

Hesdras: Vai chegando do pensamento, né?

Leonardo: Vai chegando da natureza. Porque quantas pessoas não gostaram de versos meus? Tem muita gente por aí que chora quando recita um verso meu, eu sei das notícias. Aquele verso foi doer numa pessoa distante daqui num sei quantos mil quilômetros, né? O pensamento meu cruzou com o que aquela pessoa estava pensando... Pra fazer um verso e mexer com uma pessoa que passou por aquilo tudinho. Eu não faço verso com coisa que passou-se comigo, eu não quero fazer, sabe? Mas faço com coisa que passou-se com uma pessoa que nunca ouvi nem falar. Aí nisso aí é que o povo vai admirando um pouquinho... Vai dando um nome a quem não merecia. Porque o que eu desejo mesmo é ser menor do que todo mundo.

Hesdras: Por que?

Leonardo: Porque eu quero ser menor. De todos eu ser o menor. Não quero me exhibir pra dizer que eu fiz uma coisa boa, uma coisa bem feita, eu quero ser menor. Eu tenho até vontade de passar um mês ou dois sendo morador de rua.

Hesdras: E era? Queria saber a experiência?

Leonardo: É, pra pegar uma experiência que tá faltando. Eu não estudei. Se eu passasse um mês na rua, por gosto mesmo, dava pra pegar uma experiência boa.

Hesdras: E dizer uns versos pros moradores de rua.

Leonardo: É... Eu até tenho uns versos pros moradores de rua, mas tá gravado e eu não me lembro, né? Queria era ser menor do que eles. Eu me acho desse jeito. Mais feio, mais pobre, mais burro e menor do que todo mundo. Tá realizado o meu sonho. Não desejo possuir carro, dinheiro, nunca pensei nessas coisas, né? Esses negócios aí... Quando eu era menino, o pessoal ia comprar uma bicicleta, quase não compra. Pobre que só a gota. Quando vim comprar uma bicicleta estava com dezoito anos. Depois eu pensei em

comprar uma moto, comprei, ainda comprei mais cinco, comprei seis, pensei em comprar um carro velho, comprei, aí comprei mais quatro, comprei cinco carros... Faz três anos, quatro, que eu ainda tenho um carro velho, uma moto velha. Quatro anos que eu não tenho nenhum. Houve um acidente comigo... Foi comigo, mas podia ter sido muito grande, né? Aí eu criei medo, fiquei nervoso e não peguei mais nenhum... Não tenho vontade de possuir as coisas... Agora o cabra pode chegar e me dar uma moto que eu não quero. Eu não quero não, essas coisas assim. Tenho um jumento acolá que eu só não vou montado nele pra rua porque falta comprar a cela, mas no dia que comprar eu vou.

Hesdras: Vai?

Leonardo: Vou.

Hesdras: Não tem medo de cair do jumento, não?

Leonardo: Ele é até manso, né? Porque é melhor o cabra ser pequeno do que crescer bem muito e cair.

Hesdras: É verdade. Quanto maior a altura, maior a queda...

Leonardo: Eu sou o menor de todo mundo. Vejo um cabra se arrastando na rua porque não pode dar, eu imagino que eu tenho muito. Deixei de me queixar da sorte faz um bocado de ano, eu me queixava muito. Mas eu fiquei olhando pra trás, aí... Não dá pra ninguém se queixar. O cabra vê coisa no mundo que...

Afonso: Seu Leonardo, o senhor já fez verso pra passar o sofrimento?

Leonardo: Não fiz porque agora eu tô é querendo sofrer. Tô querendo sofrer pra ver se pago os pecados, né?

Hesdras: Tem muitos pecados?

Leonardo: Devo ter uns três mil, por aí assim, né?

Hesdras: Acho que não chega a isso tudo não.

Leonardo: Mas pelo tempo de vida, talvez...

Hesdras: Mas o senhor nem tá perto de 150 ainda.

Leonardo: Nem chega.

Afonso: E poesia pra pedir mulher em namoro, já fez?

Leonardo: Fiz não, mas vou inventar.

Afonso: Ajuda.

Leonardo: Em verso fica mais fácil. O cabra que tiver com medo do sogro, fazendo um verso fica mais fácil.

Afonso: Como assim? Diga aí. Como é que facilita?

Leonardo: O cabra faz uns dois agradando ele, elogiando, e o outro... Porque velho não namora mais, né?

Hesdras: Namora não?

Leonardo: Não. Se tiver um dizendo que namora, é mentindo.

Hesdras: Bernardo Garapa diz que namora ainda.

Bernardo: Eu disse não, oxe.

Leonardo: Bernardo vai completar 60 anos ainda... Ele namora.

Bernardo: Vai tomar banho, homem, que eu disse o quê, oxe.

Leonardo: Tu num diz, rapaz, que acha bom.

Hesdras: O que é que Leonardo acha desses velhos que fica atrás de mulher novinha pra namorar?

Leonardo: É perder o que tem. Se tiver alguma coisa, perde tudo.

Hesdras: Tem um versinho com isso?

Leonardo:

Vi um véio amancebado  
 com uma mulé bem novinha  
 Gastou tudo quanto tinha  
 pagando pra ser chifrado  
 Ele já tinha atracado  
 que só sopa de quiabo  
 E ela, virada no diabo,  
 entrou no meio da gandaia  
 E um véio quando se abestaia  
 é bom que tome no rabo

Agora "rabo" num é feio não! O cabra falar em rabo... Não é feio de jeito nenhum.

Hesdras: Ô Leonardo, na época que o senhor cantava, o pessoal gostava muito de cantoria? A população?

Leonardo: Gostava! Aqui eu acho que cantoria e vaquejada foi quem começou e ainda hoje não morreu. Cantoria, vaquejada... Futebolzinho. Mas cantoria e vaquejada foi além.

Afonso: Cachaça, cavalo e mulher, né?

Leonardo: É. E não vai morrer nunca, porque tem uns meninos aí que já tá poeta que só a gota, né? Daqui a 50 anos... Poeta mermo, vou te falar uma coisa, quando morre um...

Poeta é como a cabra, que o cabra corta uma e se ela olhar passa 100 anos pra ter madeira da mesma grossura. Se for numa terra que chova. Parece que quando morre um poeta mermo, passa 100 anos pra vir outro.

Hesdras: É verdade.

Leonardo: Demora. Aí eu não posso... Eu segui mais pra frente porque eu não podia ser cantador. Como era que eu ia cantar... Vem um mote... Se pegasse um cantador que nem eu, que tinha muitos, que não sabia ler nem escrever... Escrevia e botava lá. Eu não podia.

Afonso: Mas o senhor já foi de mesa de glosa?

Leonardo: Já.

Afonso: Faz ainda?

Leonardo: Mesa de glosa nunca mais fiz não porque... Mesa de glosa já foi. Mesa de glosa não é ruim porque dá tempo o cabra... Aquilo é muito pensado, e esses caba daqui faz primeiro. Mesa de glosa... O mote cada um só faz um, né? Aí tu tá aí, vai fechar com oito, eu tô ali, aí quando vem chegar onde eu tô, se eu quisesse eu fazia um bocado. Mas eu não faço porque eu tenho o defeito de esquecer, sabe? Mas dá tempo fazer o verso bem sossegado pra chegar a vez do cabra. Por isso que mesa de glosa tem caba que se solta mesmo, viu? Mas eu fazia glosa nos balcão, bebendo, né? Sai ligeiro. Por isso verso meu não presta, porque tem que sair ligeiro. Se eu for pensar, esqueço a primeira.

Hesdras: Mas no improviso...

Leonardo: É, o cabra tem que sair ligeiro, porque... Num esquece da primeira se for pensar? O cabra... Diz uma coisa, aí... Quanto mais diz outra... O povo já começa... Quando o cabra tiver cantando e ver o povo se levantando, aí o cabra... Apaga o cabra mermo, né? O cabra tá se levantando e saindo... Se o cabra for cantar e ninguém bater palma, o cabra esfria, esfria de um jeito que começa a cantar ruim mesmo, né? Aí o cabra tem que ser criativo. Quando tiver fria a coisa o cabra tem que dizer uma lorota, não dizer muito feio, mas dizer. Aí começa. O cabra sabe o que é que o povo gosta. Quando o povo tá aumentando, o cabra sabe que ali... Aí continua daquele jeito. O cabra aprende é no mundo. Agora claro que o cabra que sabe ler, ele... O cabra que sabe ler ele arruma rima até no... Se o cabra duvidar vai no dicionário... Achar a rima já é difícil, palavra bonita também. Viola impressa mais no fim. Pode prestar atenção. Se pega mais com o fim. É a chave, capricha na derradeira. Se outras duas não for boa, se a derradeira for...

Afonso: E desafio, o senhor já fez?

Leonardo: Já. Desafio eu já fiz, né bom não. O cabra tem hora que o cabra esquenta a orelha, dá a gota serena, né.

Afonso: Desafio que fica falando mal do outro, né?

Leonardo: É, quando o cabra tá carecando no cabra mermo, assim, como um... Desfazendo, qualquer coisa assim, o caba esquenta a orelha mesmo...

Hesdras: Mas Leonardo gosta de um desafio? Gostava, quando cantava?

Leonardo: Os caba me pedia, o cabra tinha que fazer... O cabra estava sendo escravo daquela profissão. Mas né bom não. Tem caba que quer um balaio no desafio que o cabra só...

Hesdras: Sente saudade, Leonardo, daquela época?

Leonardo: Eu sinto, assim, uma lembrançasinha, mas aquela época não prestou não. Eu perdi o meu tempo todinho. O cabra que... Quando eu deixei de beber eu tinha 48 anos. Eu devo ter perdido 40, que eu dava umas paradas... Devo ter aproveitado 8 anos. De 48. Mas quantos anos eu não bebi? Comecei com 12, dava umas paradinhas por um mês, depois emendava sessenta dias, mais... O cabra se arrepende muito de coisa errada, né? Mas depois não tem mais jeito de voltar pra trás. Se o caba pudesse dizer assim "não, você vai começar hoje", embora ficasse velho, do jeito que eu tô, mas "você vai começar hoje e vai viver trinta anos ou quarenta"... Se eu fizesse nada errado durante esses quarenta anos, eu me dane. Eu aprendi muita coisa no mundo. Mas aí como o cabra perdeu já a vida, a vida é meio curta, né? Eu mesmo só considero a vida agora.

Hesdras: Se arrepende de ter bebido?

Leonardo: Muito. A coisa que eu mais me arrependo do mundo é de ter bebido. Porque beber não é defeito, mas se viciar como eu que rejeitava comer pra beber... E ficar de um jeito que se não tivesse cana eu não vivia... Difícil. Eu era desses cachaceiros que mandava trazer grade de Pitú pra casa e não bebia. Se chegasse uma pessoa que bebesse eu bebia mais a pessoa.

Hesdras: Pra beber acompanhado?

Leonardo: Sim. Mas quando a pessoa saía, eu descia. Só tinha graça lá.

Afonso: Não bebia sozinho?

Leonardo: Não. Só tinha graça lá. Começava a juntar gente, começava um a dizer uma coisa, outro dizia um verso, outro inventava uma coisa, né... Mas sozinho era ruim de beber. Não tinha jeito, não. Mas viciado mesmo, perdido. Se tivesse cana...

Afonso: Qual era a sua vaidade?

Leonardo: A minha vaidade era só... Nunca gostei de samba, não aprendi a dançar... Era só as cantorias mesmo, as cantorias minhas. Nunca fui, não sou chegado à missa... É difícil eu ir à missa... Eu fui numa missa domingo fez oito dias. Porque era da minha mulher e fazia um ano, né? Fui pra missa. Mas fazia cinquenta anos que eu não tinha ido na igreja. Cinquenta anos. Não tenho religião. Tanto faz... Eu entro na igreja católica, entro na de crente, qualquer uma... Pra mim é uma coisa só, não tem diferença de nada. Todos tão falando em Jesus, né? Aí pronto. Eu também acredito em Deus, aí tanto faz... Pra mim é uma coisa só. Tem gente que "não, porque não sei o quê...", tá num caminho só... O caminho só tem um, né? Se o caminho é Jesus, o cabra vai tá... Todos eu vejo falando em Jesus, Jesus, Jesus... Só tem Ele. E nós aqui na Terra não tem nada. Possuí aqui vinte ou trinta quadro de terra, quando eu morrer eu tenho que me enterrar numa terra que nunca foi minha. O cabra não tem nada. Não leva... É perdido. Na vida tudo é perdido. É bom

pra o cabra que nem Bernardo, o rapaz aqui, você... Tá bom o mundo aí, né? Vocês tão namorando.

Hesdras: Bernardo vai deixar muita herança pra Jefferson, muita terra, muito dinheiro...

Leonardo: Não deixa muito não, visse? Ele é meio amarrado. Ele...

Hesdras: E é?

Leonardo: É.

Hesdras: Mas rapaz...

Leonardo: Ele num tem nem coragem de dar dinheiro às mulé.

Hesdras: Eu soube que num dá nem um real agora.

Leonardo: Dá dinheiro pra mulé não, é uma gota serena.

Hesdras: Por isso que tá só, né?

#### 4. Transcrição da conversa com a multiartista Odília Nunes. Vale das Juremas, Ingazeira, julho de 2021.

---

Odília: No cordelzinho eu digo toda a história dessa foto.

Odília: Oi, eu sou Odília Renata Gomes Nunes, mas só quero ser chamada de Odília Nunes. Se eu souber que botaram Renata aí no meio, vai dar confusão...

Afonso: Deixe de sua brabeza. Tu sabes que o teu melhor não é isso. Ó, conta história desse vaqueiro. Quem é o cidadão, como essa foto foi tirada e por que ela é importante pra você.

Odília: Essa foto... Esse é João Lopes, um amigo lá de Nova Olinda, no Ceará, que fez a passagem dele desse plano esse ano, faleceu com 102 anos. Quando eu o conheci, eu conheci ele com 96 anos. Essa foto era a capa de uma revista e eu faço umas carteiras de papel, então quando eu vi essa foto eu disse "não, eu quero fazer uma carteira com essa foto". E aí eu fiz uma carteira pra mim com essa foto... Um belo dia chego em Nova Olinda, fui pagar uma conta e uma grande amiga minha viu eu abrindo a carteira e disse "ôxente, vovô?". Aí eu disse "mentira"... Aí era o avô dela. Aí eu pude ter certeza que tudo que a revista disse era verdade e ela me levou pra conhecer essa criatura, que é João Lopes. Essa foto foi tirada por um grande amigo meu, chamado Samuel Macêdo, um cara que eu admiro demais, assim... As fotografias dele são muito incríveis. E essa foto chegou aqui na minha parede porque eu fiquei muito amiga do seu João e ele me contou umas histórias... A história da vida dele, que virou um folhetim de cordel, inclusive eu fiz de presente pra ele, pro aniversário de 100 anos, e a neta imprimiu e deu na festa de 100 anos. Aí eu ganhei essa foto porque é isso, eu virei tão amiga dele que a neta dele imprimiu essa foto de presente pra me dar e ela tá aqui. É tão bonito, às vezes meu pai chega aqui, se senta nesse sofá e começa a aboiar pra ele, assim...

Afonso: Sério?

Odília: Seríssimo.

Afonso: Tu aboia?

Odília: Aboio nada. Eu contei pra Seu João que meu pai também era vaqueiro, né? Não esse vaqueiro, porque Seu João era o vaqueiro original, entre aspas, era o vaqueiro que entrava na capoeira pra reunir o gado. Meu pai era vaqueiro de vaquejada. E aí eu contei pra Seu João do amor do meu pai... Uma das vezes que meu pai mais sofreu na vida foi quando o cavalo dele morreu. E aí eu contei essa história pra Seu João e Seu João me contou uma história dizendo que entende o que é esses homens rudes e brabos do sertão, e as mulheres também, feito eu, mas que dentro têm uma coisa muito sentimental, e ele começou a chorar... E eu lembro que as lágrimas dele ficava entre as ruguinhas, assim, dele, e eu fiquei muito mexida com isso, em ver esse homem chorando. Porque é isso, ver meu pai chorando é uma coisa muito forte pra mim, sabe? Aí ele contou uma historinha que virou isso aqui, quer que eu leia pra tu?

Afonso: Claro.

Odília: Aí eu mandei de presente pra ele isso daqui. Ainda bem que ele conseguiu ver vivo.

Era capa de revista  
 Quando vi primeira vez  
 Grande foi a emoção  
 Vendo tanta solidez  
 Era somente uma foto  
 Mas com ela eu conversei  
 Sobre assuntos diversos  
 No meu sertão adentrei

Fiquei por quase uma hora  
 Nos detalhes reparando  
 Era como se eu ouvisse  
 Um aboio ele cantando  
 "Dentro da mata eu corria  
 Nada de mim se perdia  
 E de noite ou de dia  
 Santo Amâncio era meu guia"

O tempo se foi passando  
 A minha vida segui  
 Em retorno ao Ceará  
 Muita coisa eu entendi  
 E bem ali em Nova Olinda  
 Tive a felicidade  
 De saber que a tal revista  
 Falou somente a verdade  
 E como se não bastasse  
 Aquele ser encantado  
 Morava naqueles lados  
 E me foi apresentado

Falo do homem João Lope  
 Vaqueiro e bom rezador  
 Que de boi e gente braba  
 Se fez grande curador

Cem anos já foi vivido  
 Por este nobre guerreiro  
 Que no meio da caatinga  
 Com coragem, foi vaqueiro  
 Montado no seu cavalo  
 Muita boiada tocou  
 E no meio da grande seca  
 Dificuldade passou

No total, quarenta e dois anos de profissão  
 E vaqueiro como ele  
 Por ali não teve, não  
 Entrava na capoeira

E só saía quando o boi  
Brabo, virado na gota  
Rendido por ele, foi

Santo Amâncio como guia  
Galo Preto, o companheiro  
Enfrentava até mandinga  
Com reza, foi escoteiro  
"Valei-me, meu Santo Amâncio!  
Meu santinho amansador  
Amansai os bicho bravo  
Me livrai de toda a dor"

Galo Preto, o seu cavalo  
Lhe atendia e protegia  
Dentro das mata fechada  
Tudo ele via e ouvia  
Era mais que um cavalo  
Um amigo se via  
E onde João estivesse chamando  
Ele atendia

Sobre este nobre cavalo  
Um caso triste me contou  
Nestes versos eu divido  
Pois muito me emocionou

Na fazenda que morava  
E também era empregado  
João um dia quis partir  
Tanger o seu próprio gado  
E para a sua surpresa  
O patrão se acovardou  
Nenhum direito lhe deu  
E Galo Preto, trancou  
Seu João olhava abismado  
Sem poder acreditar  
Por tudo que ali fez  
Covardia ia levar

Dois anos tinha passado  
Da fazenda bem distante  
Até que num fim de dia  
Alguém chegou ofegante  
Era um vizinho de cerca  
Que já foi logo gritando  
"Corra, João, que é ele  
Teu amigo procurando  
Galo Preto ali está  
Tenho certeza que é ele  
Mas corra, cumpade véi

Que a morte tá perto dele"

Pois num é que era verdade?  
Galo Preto ali chegou  
Mas tava muito doente  
E no chão ele arriou  
O que foi vivido junto  
Nesse instante reviveu  
Olhando pra seu amigo  
A memória reacendeu  
Pra onde foi o vigor  
E toda aquela alegria?  
Doía ver seu amigo  
Ali naquela sangria

Já tava dado por morto  
Quando João Lope berrou  
"Galo Preto, meu amigo!"  
E o cavalo murmurou  
Com muita dificuldade  
No chão, ele despertou  
Levantando a cabeça  
Para João Lope olhou  
E como se achasse a paz  
Nos olhos do seu comparça  
Relinchando bem potente  
Da vida pra morte passa

E ali, diante da morte  
Nosso vaqueiro chorou  
E pensou no qual motivo  
Que o Galo lhe procurou  
Dois anos tinha passado  
Depois da separação  
E aquele forte cavalo  
O tinha no coração  
Seu João me contava isso  
Com tanta convicção  
Que saí dali ciente  
Que aquilo era uma oração  
Mas não é reza que se conhece  
É reza que se viveu

Este homem, curandeiro  
A fé em mim acendeu  
Tudo que ele me disse  
Me deixou mais verdadeira  
Tanto me reconheço  
Que quero ser mensageira

Que possamos, como João

Ter coragem na labuta  
 Fé na força da vida  
 E um amigo da luta  
 Quiçá possamos chegar  
 Como ele, glorioso  
 A ter cem anos de vida  
 Sendo tão maravilhoso  
 João, meu querido amigo  
 Uma honra ter em casa  
 Uma foto do vaqueiro  
 Que parece mais ter asa  
 E olhando pra ela agora  
 Desejo que esse cordel  
 Que escrevo nesse papel  
 Te chegue com muito amor

Sertão, outubro de 2018

Afonso: Tá. Tem uma senhora negra sendo abraçada, congregada, consolada, ou um compartilhamento de emoção muito forte, por outra senhora que não sei se pode ser indígena, se pode ser negra também... É, me fala dessa foto. Por que ela tá na tua parede? Por que ela é importante?

Odilia: Essa foto tá na minha parede e é muito importante porque essa senhora é Mestra Margarida, uma mestra de guerreiro. É uma mestra também lá do Ceará, lá de Juazeiro do Norte, e é uma mulher que eu tenho um carinho muito grande, uma identificação muito grande. A gente já morou no mesmo bairro...

Ela tem uma história de vida muito difícil, essa senhora. Mas ela é uma das maiores mestras de brincadeira popular que eu já tive a honra de conhecer. Essa senhorita que está abraçando ela é Maria, a filha dela, é quem guia o guerreiro hoje em dia, né? Mestra Margarida já tá muito debilitada, mas ainda canta, é uma das vozes mais bonitas que eu já escutei, inclusive. E essa foto veio parar aqui porque em janeiro de 2020, na Festa de Reis, no dia 6, eu tive a felicidade de poder brincar no guerreiro dela.

Eu sempre tive um respeito muito grande pelas brincadeiras de tradição... Apesar de me inspirar muito nesses brinquedos, eu nunca estive brincando ativamente. Mas eu fui convidada por Mestra Margarida pra brincar em 2020 no guerreiro dela como Catita porque eu brinco de Catita também, além de Palhaça Bandeira eu brinco de Catita...

E eu pude brincar ao lado dessa mestra e tinha, além da festa acontecendo, tinha uma exposição com fotos dessa mulher, porque enfim, várias pessoas fotografam ela, e aí ela olhou pra mim e disse assim: "escolha um retrato meu pra você levar que você brincou bem brincado". E aí foi meio que o pagamento, sabe? Por eu ter sido a palhaça de cara preta do dia, assim, pra ela... Então... Essa foto veio parar aí por causa disso.

Foi tão lindo nesse dia... Que é isso, ela já tá muito velhinha, né? Hoje ela mora num asilo, enfim, a memória já tá muito debilitada... A memória, olha! Mas é isso, ela não sabe ler nem escrever, então todas as músicas ela tem na cabeça. Ela não lembra de tudo, só que quando ela viu a gente brincando ela começou a lembrar no meio da apresentação... Ela começou a lembrar de músicas, de toadas que chamavam a Catita e o Mateus. Olha a gente aí de novo cutucando a memória de quem a gente acha que estava sem memória... De repente ao ver, ao sentir o brinquedo ali, ela pôde lembrar de músicas, pôde lembrar de... De entremeios, a gente chama de entremeios as figuras que entram, né, no reizado. E foi linda. Aí essa foto veio parar aqui por causa disso. É uma alegria imensa ter essa foto pendurada.

Essa foto ela tem esse significado pra mim, eu sei o que ela é, mas por exemplo, meu pai, toda vez que vem aqui, que olha pra essa foto, diz "eita, mas como parece com Dona Maria Frazão", que é uma senhora daqui. Então automaticamente meu pai vê essa foto e lembra de outra senhora daqui da comunidade, sabe? É muito lindo isso.

Odilia: Essa foto é importante pra mim e tá aqui na minha parede porque eu tenho um grande amigo que estava vindo me visitar e, quando viu essa foto e esses burros, disse: "meu Deus, que coisa linda". Fez essa foto no celular, chegou aqui em casa e disse "olha isso, olha quanta poesia eu vi nessa foto". E quando eu vi a foto, eu disse "nossa, eu quero essa foto impressa do tamanho de João Lopes". E aí meu amigo imprimiu pra mim e me trouxe de presente essa foto. Eu acho muito forte porque, enfim... Pra mim tem muitos símbolos dentro dessa foto, sabe? E todo mundo que chega aqui em casa fica muito encantado por essa foto. Quem é daqui do sítio fica na coisa de tentar adivinhar onde é a casa.

Afonso: É no caminho, né?

Odilia: É, é no caminho. E quem não é, se encanta por ver a foto, por ver o casal de jumento. Eu tenho uma grande amiga que ela é apaixonada por jumento, uma amiga argentina. E é isso, mandei pra ela. Esses jumentos já entraram na arte do projeto, sabe... Já é isso. Meu pai adora brincar com as pessoas isso, de trazer as pessoas aqui e dizer "ó aí, onde é essa foto? Reconhece essa casa?". E é engraçado como as pessoas daqui muitas vezes não reconhecem. Dizem "é em fulano? Não?".

Eu vejo a foto como um recorte do que é maior nessa casa, porque ela é bem maior, né? Ela tem uma calçada maior, ela tem umas árvores, ela tem um curral... Então quando a gente tá passando na estrada que vê, a gente vê o todo, a gente não a vê assim, recortada. E aí a foto dá uma coisa como se fosse um lugar completamente diferente. E as pessoas ficam doidinhas sem conseguir achar. Mas é isso, foi mais um presente de um amigo que olhou e disse "Odilia vai gostar dessa foto".

Odilia: Eu encomendei um boneco a uma amiga... A essa amiga que tá aqui, a Ju, ela é bonequeira. E é uma história muito forte de um senhor que eu quero muito transformar... É um espetáculo que eu tô concluindo. Se chama "Fecundo". E aí essas fotos foi do dia que Fecundo chegou na minha vida, e foi uma emoção tão grande que eu digo que é um parto. Ó aqui eu grávida. Tô eu grávida. Eu na sala de parto, no caso é um parto domiciliar...

Afonso: você teve em casa, foi?

Odilia: Foi, tive em casa, com toda a minha família em volta, meus amigos... Tendo contrações...

Afonso: Nossa senhora... Essa foto aí eu achei que era assim, do chá de fraldas, uma coisa assim...

Odilia: Não senhor, eu já estou em trabalho de parto. Acabei de parir e estou vendo pela primeira vez a criatura.

Afonso: O primeiro encontro, né?

Odília: O primeiro encontro.

Afonso: Isso aí foi o parto de...

Odília: Fecundo. Essa foto, Heitor olhando pra essa... Pra o primo que acabou de sair, é muito louco. Helena olhando o irmão. E Heitor vendo pela primeira vez um bebê, não é não?

Afonso: Tu tens três filhos.

Odília: Não, eu tenho duas meninas humanas e tenho umas cinco criaturas teatrais. Fecundo é o mais novo. Eu com ele nas mãos. Eu cortando o umbigo. Primeiros momentos, assim, da criaturinha... Finalmente eu com ele no colo. Não é bem isso?

Afonso: Quando você começou a narrativa eu achei que você tinha tido um menino aqui.

Odília: Ah...

Afonso: Aí eu disse "só vejo as meninas, cadê o outro filho?". Aí caiu a ficha, eu vim entender que é um ser de criação.

Odília: Olha eu.

Afonso: Segura aí assim, segura aí assim. Baixa um pouquinho mais a foto, só um pouquinho, isso aí. Entendeu? Porque... Esses trabalhos entre ficção e realidade, essas coisas acontecem, né?

Odília: Eu contando os dedinhos, pra ver se tinha todos os dedinhos do pé. Olha isso.

Afonso: Eita...

Odília: Primeiro momento de segurar a criatura no colo mermo, assim, mais de perto... Olha isso, se não é um parto. A gente se conhecendo. Finalmente eu chegando pra sentir o cheiro. E haja cheiro. E aí, como bom filhote que é, rapidamente ele já se sentou pra saudar todo mundo.

Afonso: Já nasceu de barba, foi?

Odília: É muito, muito amor. E ele é essa criatura. Esta criatura. Fecundo tá em processo, ele vai ser um espetáculo de teatro de lambe-lambe, vai acontecer dentro de uma caixa que é pra uma pessoa de cada vez assistir. É uma história real de um senhor que há 60 anos não fala e não desce de cima de um carro de boi. Ele mora em cima de um carro de boi lá no sertão da Bahia. E o olhar desse homem me atravessou... Quando eu vi isso eu fiquei muito sensibilizada e eu disse "eu quero falar sobre esse homem", mas eu não queria falar só sobre a depressão desse homem, sabe? Não é isso que eu quero falar. Porque ele consegue me levar pra outra dimensão. A sensação que eu tenho é que ele tá vivendo em outro tempo. E aí nesse dia que eu vi ele pela primeira vez, eu tive um sonho que, quando todas as pessoas da família dele, quando todas as pessoas de volta dele tão dormindo, ele desce do carro de boi pra voar numa dimensão paralela... E quem vem buscar ele é um boi com asas imensas. E aí ele vai pra outro lugar. Deixa-me pegar ele pra vocês verem.

## 5. Transcrição da conversa com Maria de Lourdes Gomes Nunes. Vale das Juremas, Ingazeira, julho de 2021.

---

Afonso: (...) completo e como a senhora é conhecida por aqui.

Lourdinha: Meu nome todo?

Afonso: Sim.

Lourdinha: Meu nome é Maria de Lourdes Gomes Nunes, mas todos me chamam de Lourdinha Nunes.

Afonso: Dona Lourdinha, a gente vai perguntar as histórias de umas fotos aqui, a senhora pode contar pra gente?

Lourdinha: Com certeza.

Afonso: Essa parede aqui é dos...

Lourdinha: Defuntos. Das pessoas que já partiram. É tipo uma saudade, um... Uma coisa que eu botei pra homenagear as pessoas. Aí muita gente chega: "mas menina, mas pra quê esse monte de foto aqui?". Mas é porque umas são as lembranças, né? Que a gente nunca esquece.

Afonso: E desse lado aqui...

Lourdinha: E desse lado aqui são as pessoas que são vivas, né? Os familiares que... Eu vou botando, as meninas "ave maria, tanta foto das menina repetida!", não, cada ano, cada mês às vezes eu reformulo e boto fotos mais recentes. Aí tem da família, tem dos sobrinhos, tem das filhas... De aniversário de neto, de tudo tem. Tem aqui minha formatura aqui, essa de cima...

Afonso: Ah, isso é tu, é? Que ano foi isso?

Lourdinha: Isso aqui foi em 79, eu concluindo. Eu estava grávida de dois meses de um filho que eu perdi. E aqui foi em 81, eu estava grávida de Odília. No mês de dezembro eu tirei essa foto, foi quando eu terminei o magistério em Tuparetama e ela nasceu em janeiro.

Afonso: A senhora é formada em quê, Dona Lourdinha?

Lourdinha: Eu fiz magistério e eu fiz matemática.

Afonso: Ah, a senhora é boa na matemática...

Lourdinha: Fiz faculdade em Arcoverde.

Afonso: A senhora sabe tudo de derivada, dessas coisas de matemática, né?

Lourdinha: Já faz tanto tempo que deixei de ensinar... Eu me aposentei em 2003. Comecei a ensinar quando eu tinha 13 anos, aí já passou.

Afonso: Tá certo. Dona Lourdinha, eu queria pedir um favor, assim... Que a senhora contasse a história de algumas pessoas que tãõ nessa parede. Quem é esse senhor?

Lourdinha: Esse senhor aqui é o avô de Expedito. É Bernardo Nunes, é quem fez essa casa. Ele construiu essa casa aqui. Quando ele construiu essa casa, meu marido tinha dois anos. Ele morreu e ficou o filho dele, o pai de Expedito, Seu Sebastião. Seu Sebastião morreu e ficamos nós. Expedito que ficou, né... Nós ficamos aqui na casa.

Afonso: Essa casa tem quantos anos?

Lourdinha: Essa casa tem uns 73 anos.

Afonso: Tá certo, eu vou parar aqui...

Afonso: Esse senhor aqui?

Lourdinha: Esse senhor aí é João Gomes, ele era meu avô. É pai do meu pai. Meu pai é esse ali, que tá naquela foto lá. Ele morreu em 68.

Afonso: Esse aqui?

Lourdinha: É. Essa aqui é a bisavó do meu marido. Ela morava em João Pessoa... Também ela faleceu em 73.

Afonso: E esses daqui, esse casal?

Lourdinha: Esses aqui são os pais de Expedito, que é aquele quadro ali e esse aqui foi pintado, né, à mão...

Afonso: E essa senhora?

Lourdinha: Essa aqui é minha mãe. Ela morreu em 76. Fazia um ano e pouco que eu tinha me casado e eu estava grávida do meu primeiro filho. Ela estava conversando, caiu e já foi...

Afonso: Coração?

Lourdinha: Coração. Esse aqui é meu irmão, ele morreu em 2015... Um CA nos rins. Esse aqui também é meu irmão mais velho, morreu tá fazendo dois anos. Também estava bom e, de repente, morreu.

Afonso: E esse casamento aqui, quem foi?

Lourdinha: Esse casamento aqui são os pais de Expedito. Eles casaram em 47. Casaram em João Pessoa. Eles tiraram essa foto em 90, em dezembro de 90, e em 91, no mês de abril, ela morreu, e, no mês de julho, ele morreu. Foi diferença de dois meses e vinte e oito dias.

Afonso: Tiveram quantos filhos?

Lourdinha: Quatro. Eram dois homens, esse aí e o meu marido, e duas filhas. Deixa-me ver onde é que elas estão aqui, alguma das irmãs...

Afonso: Foi.

Lourdinha: Aqui é o pai de Expedito, esse aqui, ó. Ele com a mãe dele, Dona Tonha. Aí sentadinha, tá vendo?

Afonso: Aí essa aqui é sua mãe?

Lourdinha: Essa aqui é minha mãe. Ela morreu com 53 anos.

Afonso: Nova.

Lourdinha: Meu pai com 76.

Afonso: Me conta essa história dessas três fotos aqui.

Lourdinha: Essa foto lá é uma neta de Expedito, ela mora em Brasília. Aí ela veio, aí estava toda alegre porque tinha chovido e estava uma seca medonha. Já fazia uns 6 anos que tinha chovido aqui. Aí quando estava chovendo ela foi no terreiro e ficou bem... À vontade, aí Odília tirou essa foto. E essa segunda aí é Expedito, ia saindo e Heitor ia chegando... "Chega vovô, vamos tirar uma foto". Aí ó, tirou a foto. E aqui são Arthur e Helena, são meus netos. Foi a formatura do ABC de Arthur, ela foi a madrinha.

Afonso: A senhora falou de chuva aí... A sua psicologia, o seu astral muda quando chove?

Lourdinha: E como muda, ave maria, fica tudo tão mais fácil, mais diferente, a gente fica mais esperto, mais alegre, né? Porque a seca é uma coisa triste. A gente ver os bichos tudo com fome, aquela agonia... A gente procurando ração num canto, noutra pra dar... E quando chove, né? Tem os pastos, só é soltar nas campineiras...

Afonso: Tá certo... E a senhora se lembra de alguma seca braba? Essa última, de 2010 pra cá... Que terminou em 2016 foi pesada.

Lourdinha: Foi pesada. Seis anos que a gente passou no sufoco. Meu marido uns dois anos carregando palma de Santa Cruz, perto de Recife, ali, de Pombos... De Carpina, os menino ia tirar aqueles capins lá perto de caminhão pra trazer pros bicho. Terminou vendendo os bichos tudinho porque num tinha como segurar.

Afonso: Mas me diga uma coisa, se eu chegasse pra senhora e dissesse "a senhora vai se mudar". Tô querendo que a senhora se mude não. Mas daqui... Se fosse pra levar só cinco fotos, a senhora levava qual?

Lourdinha: Ah, eu levava a de minha mãe, do meu pai, e de meus netos e dos filhos. Eu não posso... Apesar de que já faz tempo que eles morreram, mas eu num... Aqui eles também são muito queridos, meus sogros.

Afonso: E todo mundo passou por essa casa?

Lourdinha: Todo mundo passou por essa casa. Os quatro filhos dele, né, porque aí o mais velho ficou, que é Expedito, ele permaneceu aqui.

Afonso: Viveu a vida toda aqui?

Lourdinha: Toda a vida ficou aqui. Eu morei em Tuparetama 27 anos, mas ele ficou aqui, e eu morava lá com os meninos. Ele ia duas, três vezes por semana... Nas férias eu vinha pra cá. E eu sempre dizia "quando eu me aposentar, eu vou voltar. Eu venho pra cá". E eu me aposentei e vim. Que eu me casei em 75 e eu morei aqui dois anos com minha sogra...

Depois a gente construiu uma casa lá no Oitis, aqui perto, numa comunidade aqui perto... Aí fui pra Tuparetama terminar os estudos e lá trabalhei até 2003, ensinava. Depois voltei pra cá, e graças a Deus é um sossego. Porque é muito agoniado a gente com criança numa rua, e eu que trabalhava de manhã, à tarde e à noite... Aí é que era sufoco, mas vencemos, graças a Deus.

## 6. Transcrição da terceira conversa com Leonardo Bastião. Itapetim, setembro de 2021.

---

Leonardo: Parece que vivo, não sei quem é não. Maior poeta do Pajeú vivo?

Afonso: Ou morto, ou de lembrança...

Leonardo: De lembrança tem uns poeta grande, mas... O maior poeta do Pajeú falta nascer.

Odília: Coisa linda!

Leonardo: Tinha uns poeta grande...

Marcela: Que poeta que já foi referência pro senhor?

Leonardo: Todo poeta eu quero considerar de um tamanho só. Não gosto de dizer "fulano é, fulano não é"... Tem cabra que chega aqui, aí pela rua mesmo, inventa de fazer verso mais eu, mais outras pessoas, às vezes faz até trinta versos, mas não dá botar as rimas, não dá um. Mas eu digo que ele é poeta, ele fica satisfeito... Tem um aqui que de vez em quando... Todo dia nós se encontra ali. É despeito, né? É muito satisfeito comigo porque eu digo "rapaz, tu sois poeta grande, rapaz, tu sois uma inspiração monstra, rapaz". Mas pro cabra saber, eu não digo não. Digo não porque o cabra fica muito desgostoso. Se o cabra for cantar num canto e fica todo mundo de vista baixa, ninguém bate uma palma, ninguém se levanta pra aplaudir um verso... O cantador se acaba de uma maneira que não vale mais nada. Aí quando o cabra dá um fogo assim, aí... É bom, o cabra...

Odília: E o senhor começou como, seu Leonardo?

Leonardo: Eu comecei com dez anos já bebendo cana e... Meu pai fazia cantoria em casa e boestava um botequinho pra vender... Mas ele bebia quase tudo. Quando eu via era eu e quatro irmãos. Tinha dois muitos poetas, já morreram. Aí começou... E ele botou cana pra os cabra beber. Só quem bebeu fazendo careta fui eu. Tinha um irmão meu que disse "ô bicha boa!", aí ele disse "aqui vai ser cachaceiro". Mas quem estava cometendo o crime era ele, que botou. Aí eu tomei uma e meu avô bebia muito... Aí eu já comecei a levar cana pra casa do meu avô, que eu gostava muito dele. Começou por ali. Ele se embebedava, contava umas histórias de... Não sei se era verdade... Muito astucioso... E ali eu fui me viciando nas cantorias e fiz uns versos pro roçado mesmo. Os cabra que estavam trabalhando mais eu foram e decoraram e foram dizer a outros cabra. Aí botaram eu pra cantar.

Marcela: E o senhor lembra qual foi o seu primeiro verso, a sua primeira poesia?

Leonardo: Lembro não. Eu comecei a fazer verso disso com sete anos, não me lembro não. E os outros, quando eu comecei a fazer, depois de doze anos, já estava bêbado, também já não lembrava mais.

Hesdras: Aí é que não lembrava mesmo, né.

Leonardo: Aí o povo decorava, muitos dos versos daquele tempo o povo decorava. Tem verso que o cabra vem me dizer, eu digo "fui eu que fiz isso nada, homem". E é assim, o

cabra vai na onda... Perdi a vida todinha, noite de sono, assim, atrás uma da outra, sem dormir, amanhecia o dia as brincadeiras, e muita bebida, e eu bebendo, amanhecia o dia, não dormia, no outro dia não podia trabalhar e era obrigado...

Odília: E sempre trabalhou na roça?

Leonardo: Toda a vida foi na roça. Já mexi com um horror de coisa, já botei venda pra vender, eu mermo bebi...

Afonso: Bebesse a venda...

Leonardo: Foi, bebi. Uma vez botei um bar lá em baixo, eu não pagava aluguel, a casa era minha, e eu... Um dia estava desanimado que só a gota... Eu digo "vou tomar uma cana", fazia três anos que eu não tomava.

Afonso: Eita, essa história eu já ouvi muito.

Leonardo: Uma garrafa de vinho. Aí dormia... Aí eu digo "isso não presta não, vou tomar cana". Tomei cana, me embebedei... Aí começou todo dia. Aí juntou muita gente pra lá. Aí um dia eu subi aqui pra rua e deixei lá aberto. Uma vez eu entreguei um cabra todo atrapalhado pra ele despachar... No outro dia deixei mermo aberto. Cheguei aqui num bar que tinha ali, que o cabra que bebe cana ele gosta de beber no meio do povo... Tem em casa mas ele não quer, né? Cheguei num bar que tinha ali pra me amostrar, besta que só a gota e comecei pagando o que tivesse. "Derruba o que tem aí, tudo". E o cabra botando...

Leonardo: (...) "Amanhã eu venho pagar isso". Eu sei que deu uma conta infeliz. Eu estava dormindo no sítio aí o cabra chegou lá, que a conta era grande, né? Aí chegou lá e foi atrás do dinheiro, eu digo "eu te pago amanhã, disse que era hoje porque estava bêbado, amanhã eu te pago isso. Quanto é a conta?". Aí ela disse "noventa e pouco...", naquele tempo era muito dinheiro. Eu tinha uma vaca boa, aí chamei um cabra lá e vendi a vaca. Só pagava se vendesse a vaca. Era muito dinheiro. Era no valor mais ou menos de R\$900,00 hoje.

Hesdras: Quase mil conto.

Leonardo: Quase mil. Paguei e aí comecei a quebrar. Aí o cabra disse "ele agora não bota mais não"... Eu fui... Eu tenho um terreno lá na Boa Vista, eu vou vender o terreno e vou mostrar que eu boto. Mas é uma besteira, né? Aí botei de novo, aí tornei a beber. Aí fui, vendi a casa. Tinha duas casas naquela rua, vendi tudo. Gastei tudinho, tudinho com negócio de bebedeira, cana, esses diabos. Adoeci de uma maneira, vi tudo quanto foi de coisa ruim eu vi sem ter nada perto de mim, mas eu... O povo dizendo "ele tem que sair pra fora que ele não vai ficar aí toda a vida, ele tem que sair pra almoçar ou jantar, quando ele sair eu pego ele".

Hesdras: E era, Leonardo?

Odília: Os bichos diziam, era seu Leonardo?

Leonardo: De noite, de dia... Aí ficava com raiva do povo de casa. A mulher "não tem ninguém aqui, rapaz, tem não", os meninos também não via... Aí eu os chamava tudinho "venham, olha, olha aí". Ninguém via nada. Só eu que estava vendo. Foi um negócio ruim. Eu já fiquei assim duas vezes. E agora o ano retrasado eu fiquei sem beber aqui, eu cheguei

do hospital foi logo vendo tudo, né? Os cabra começava a bater, jogar pedra em cima da casa, fazer verso esculhambando...

Marcela: E era em verso, era?

Leonardo: Fazia em verso, de todo jeito eu via. E desacelerava aquelas motos que é uma zoadada da gota, "ele tem que se acordar, ele se acorda", e eu acordado escorando as porta... Sozinho no sítio, tremendo. Era um negócio danado. Eu passei por um medo danado. Uma depressão assim que durou uns seis meses. Aí foi aliviando um pouco, aliviando... Mas ainda hoje eu tomo os mesmos remédios. Porque aqui já deu muito doido em Itapetim... E o cabra pra ficar doido é ligeiro.

Hesdras: E é terra de doido.

Leonardo: Agora tá aparecendo uns doidos ruins da gota aqui, viu?

Hesdras: Quando era uns doidos bons era bom, né Leonardo?

Leonardo: Uns doidos pra fazer piada... Agora é doido pra fazer outras coisa...

Hesdras: É... Pra roubar...

Leonardo: Mas eu já sofri muito na vida... E sem dormir... Que as noites de sonos todinhas, todinhas "que amanhã é na minha casa a cantoria", aí ia de novo... E começava a mesma coisa... Era um tempo... Agora tinha uns, aqui de primeiro tinha assim, três, quatro cantorias numa noite só. Um canta ali, outro ali, outro ali... Só era assim, cantoria, novena, um forrozinho meio tocando fole, né? Forró eu fui uns três, mas não aprendi a dançar.

Afonso: O quê?

Leonardo: Não, aprendi não. Negócio de tá... Os cavaleiro dançava uma parte, a outra não queria. Machucava os pés delas.

Leonardo: (...) Estando bêbado, ele... Parece que o cabra estando bêbado mermo ele num faz nada que preste. Porque uma coisa que ele fez boa... Mas é ele que diz, né?

Odília: É ele que acha, né?

Afonso: Olhe, quando você ver assim uma cabrueira junta, reunida e bebendo, você só tem uma certeza: vão fazer besteira.

Leonardo: Vai. Tem os cabra que bebe pouco... Mas outros... Eu vou botar essa menina fazer um verso aqui mais tu. Nós três, tu faz um, ela faz um, eu faço outro.

Odília: Eu não consigo. De verdade. Se eu conseguisse, eu faria.

Leonardo: Consegue. Mas é tão fácil. É um verso pra três, rapaz...

Odília: Eu posso escutar e se eu sentir eu solto, tá bom?

Hesdras: É quadrão perguntado, é?

Leonardo: Tanto faz, ela faz qualquer coisa.

Odilia: "Ela faz qualquer coisa" é ótimo. Ô, seu Leonardo, eu não consigo assim não.

Hesdras: Quer começar?

Leonardo: Não, começa aí.

Afonso: Seu Leonardo, uma dúvida que eu tenho... Muitas pessoas já me falaram isso... Na hora de verso, o senhor já fez mais verso de noite, assim, tá meio com a cabeça cheia...

Leonardo: De noite eu nunca faço não, eu...

Afonso: Não, só de dia?

Leonardo: Porque eu não sei escrever, e se eu fizer eu esqueço.

Odilia: De noite.

Leonardo: De noite eu esqueço. De dia também eu esqueço. Mas o cabra pra fazer verso ele tem que se concentrar, né? Verso assim na hora não sai que preste, mas pra fazer verso tem que se concentrar. Bom mesmo é no mato. Se eu ficar no mato sozinho... Bom mesmo é sozinho. Andando pelo mato.

Hesdras: Aí é que sai coisa boa, né Leonardo?

Leonardo: Porque a aula Deus tá com ela, abrindo o livro e mostrando. Ninguém é poeta não. É muito engraçado o cabra inventar uma coisa, uma coisa que não tem o cabra formar uma... Finda um objeto, né? Mas não tem poeta, não. Você acha que tem poeta?

Odilia: Não, acho que tem poesia. Aí eu acho que pessoas como o senhor conseguem ver e conseguem ler essa beleza que Deus deixou ali.

Leonardo: É, o cabra vê uma coisa e sai fazendo uma montagem, né?

Odilia: É, e sabe dizer de um jeito que a gente não tá vendo. Porque é isso, por mais que a gente sinta a sombra do juazeiro, por exemplo, por mais que meu avô diga "olhe, não derrube um pé de juazeiro, que a sombra é muito importante pra quem vem de meio-dia", isso já é bonito, né? A gente sabe o quanto já é bonito, mas aí o senhor vai, pega o negócio e tudo o que a gente sente, o senhor... tome!!

Leonardo: É mermo, o juazeiro é um... O cabra num quer cortar a própria sombra. Num é nem pela fruta, porque a fruta mais ruim que já deu no mundo foi do juazeiro.

Leonardo: É uma besteira, mas o cabra achou aí o cabra... Disse "eu cantei sessenta anos e não achei isso pra dizer".

Odilia: Tá vendo?

Leonardo: "Cantei, estudei, mas não achei isso pra dizer". Aí tem aquele negócio do coco, aí o cabra disse "e eu não achei isso pra dizer".

Hesdras: Pois é.

Leonardo: Muitos... Ivanildo, os cantadores do Ceará, muitos... "Não achei isso pra dizer". É um bocado deles que eu fiz que o cabra não achou. Aí você pode achar primeiro do que eu, qualquer um... Ela pode achar... Aí fica quem achou primeiro, né? Agora cantar de improviso é muito difícil, mas quem canta de improviso eu acho que ele só marca o fim.

Odilia: Só marca o fim, é, pode crer, porque também tem umas coisas que a gente vê que só tá na métrica.

Leonardo: Eu acho que ele marca o fim do verso, porque se a derradeira palavra for boa...

Hesdras: Fica mais fácil.

Leonardo: Não.

Odilia: Fica grande.

Leonardo: O cabra já terminou o verso.

Odilia: Parece que é bonito.

Leonardo: Aí você faz a primeira boa e a segunda boa, aí no fim diz qualquer coisa. Aí eu acho que eles marcam o fim. Eu mesmo, se eu soubesse, eu ia marcar o fim.

Hesdras: Improviso é difícil, viu?

Leonardo: Eu já fiz verso de todo estilo. Todo estilo que o povo cantou aí eu fiz. Mas... Sei lá, tem uns cabra que canta assim... Mas o cabra... Parece que é uma coisa seca, né? Outros todos versos o povo acha graça, negócio de... Poeta é palhaço. Ela tem as duas coisas.

Hesdras: Feito Zé Limeira, né?

Leonardo: Tem que ser as duas coisas.

Afonso: Zé Limeira... Zé Limeira é natural de onde?

Hesdras: Teixeira. Aqui.

Afonso: Aqui perto?

Leonardo: O cabra tando cada canto cantando num canto, tem 100 pessoas, o cabra agradando 55, ele vira cantador. Vira cantador. Tem que passar da metade um pouco, né? Às vezes quem tá ali, o cabra faz um verso sem saber e tá dizendo a vida dele e ele disse "esse cabra me viu alguma vez? Esse verso foi bem comigo, aconteceu isso tudinho comigo". Aí cai os pensamentos. Mas vamo, começa aí. Qualquer coisa que tu quiseres começar, começa aí.

Hesdras: Comece a fazer seu quadrão perguntado. Vai ser eu e o senhor e Odília, é?

Leonardo: Pode ser.

Odília: Não, vai ser vocês dois, se eu sentir, eu entro.

Leonardo: O primeiro ela sabe. O primeiro pode ser vocês dois.

Marcela: Ele tá falando com firmeza: "ela sabe".

Afonso: Ela sabe.

Leonardo: Sabe, ela sabe... Ela sabe mais do que eu.

Hesdras: Sabe mais do que eu muito, mais do que nós dois juntos.

Leonardo: Já veio cabra aqui que ficou, ficou, ficou e nós fomos pro sítio. Ficou três horas, três horas... "Não, não, eu não sei não, não, eu não sei não...", aí quando pegou... Aí pronto. Aí eu me calei e não fiz mais nenhum durante o dia.

Hesdras: É desse jeito.

Leonardo: Comece mais ela.

Hesdras: Um quadrão perguntado, é?

Leonardo: É do jeito que vocês quiserem aí.

Odília: Amigo, eu não consigo. Eu já disse o que eu tenho, o que eu fiz, o que eu sei.

Leonardo: Pode ser perguntado do jeito que quiser aí.

Hesdras: Queria que Monique chegasse aqui pra dar certo...

Marcela: Monique e Mariana, né?

Hesdras: É. Monique deve tá livre já. Já é 16h30.

Marcela: Manda o endereço daqui pra ela.

Bernardo: Acunha, Leonardo.

Leonardo:

Se eu enricasse agora,  
pra mim não era vantagem  
Com setenta e sete anos,  
quase no fim da viagem  
Onde já foi muita gente  
mas não levou a bagagem

Bernardo: Mais outro, um qualquer...

Leonardo: Não, agora é ela...

Bernardo: Aqui no naípe só gente boa. Odília... Afonso...

Hesdras: Eu, bonito.

Bernardo: Esse cabra que passou na frente é o que estraga. Esse cabra a diferença minha é que a cabeça dele é menor do que a minha pouca coisa, mas na frente do sol é o eclipse. Ei, recita um qualquer. Bora, bora.

Hesdras: Sei não, tô sem verso. Eu tô tomando remédio pra doido, aí eu me esqueço das coisas.

Odília: É tu, visse? Tu primeiro, primeiro verso pra tu.

Afonso: Sou eu? "Onde já se viu um macho tão esculhambado?"

Odília: Claro que tô falando do meu amigo Bernardo.

Leonardo: Eu não vou ficar de cima, mas se eu errar essa rima eu quero ser perdoado. Eu errei...

Odília: Errou nada, olha aí!

Bernardo: Ei, ô Leonardo, fala a verdade, tu não tinha vontade de um mourão perguntado mais uma mulher? Ó agora, tu e Odília aí.

Leonardo: Não, queria ver uma mulher cantar, que eu nunca vi.

Bernardo: Ei, mas o mourão tu fizesse mais "Bichinha", fizesse mais um bocado de varão lá, mais ela. Começa.

Odília: Minha nossa senhora...

Leonardo: "A minha felicidade foi vocês chegarem aqui".

Odília: Tá vendo? Eu não consigo.

Hesdras: É só ter paciência que sai.

Odília: Não consigo não, eu vou ter que rimar com "felicidade" ou com "aqui"?

Bernardo: Ei, pera aí, deixa esse morta-fome comer que ele vai soprando... Entendes? Ele diz "agora ão!", entendes agora? Aí a gente filma e depois eu edito que nem eu fiz com... Deixa esse morta-fome...

Odília: Eu ia ter que rimar com "felicidade" ou com "aqui"? Tanto faz?

Leonardo: Se rimar com os dois era bom...

Odilia: Mas primeiro com aqui... Porra, mas o que é que rima com "aqui"?

Marcela: Vivi, percebi...

Odilia: "A minha felicidade foi vocês chegarem aqui".

Marcela: Te vi...

Bernardo: Deixa aquele morta-fome terminar ali...

Leonardo: "A minha felicidade foi vocês chegarem aqui", aí você pega assim, trocando as rimas... Aí dá um mourão daqueles "a resposta foi bem dada".

Bernardo: Ei, tu vai soprando pra ela?

Odilia: Não, deixa eu ficar à vontade.

Bernardo: Não, pera aí rapaz, senta ali, chupa-cabra.

Odilia: Chega, senta ali pertinho.

Hesdras: Não, eu fico aqui mesmo.

Leonardo falando de Odilia: Ah, se você saiu daqui, tirou a inspiração.

Bernardo: Agora quer que eu lhe diga, Leonardo? Escute. Lembra que eu falei que eu fui fazer uma cena lá no... Eu digo... A atriz... Eu trouxe a foto dela, eu mostrei... Eu mostrei a foto ou não mostrei? Eu disse "olha, eu nunca contraceno e botaram eu mais esse homem". Aí ó, bonita que só a peste, mas naquele, com a cabeça raspada, era um macho cagado e cuspidor. Eu montei na moto e disse "esse homem vai levar eu pra dentro do mato".

Leonardo: Hoje aqui eu vou fazer uma coisa que eu nunca fiz.

Bernardo: Ei, escute. Ei, Leonardo.

Leonardo: Hoje aqui eu vou fazer uma coisa que eu nunca fiz.

Odilia: "Hoje aqui eu vou fazer uma coisa que eu nunca fiz"... Porra, veio e fugiu.

Leonardo: Aí você diz "eu não tenho ainda o que dizer mas tô ficando feliz".

Odilia: Uhum. É porque é isso, minha cabeça num é assim, entendeu? Minha cabeça não funciona assim que nem a de vocês, não.

Leonardo: Aí eu vou e digo "fazer verso com uma atriz precisa ter condição". Aí você fala aí "chão", qualquer coisa.

Odilia: É... É, não vai sair.

Leonardo: Vamo fazer mais fácil, você começa agora.

Afonso, rimando: Pra verso sair bonito, acelera o coração.

Odilia: É...

Leonardo: Ó aí, o cabra já...

Afonso: Oxe, tu é atriz, rapaz...

Odilia: Sim, quer que eu interprete?

Hesdras: É diferente.

Leonardo: Essa sua inspiração de qualquer jeito me agrada, que a resposta foi bem dada e foi respondido o quadrão.

Bernardo: Ei, apois faz um mais ele que é pra ele...

Hesdras: Bora fazer um aqui pra ela ver, pra ver se sai. Bora Leonardo.

Leonardo: É assim a resposta, né?

Hesdras: É. Mas pode fazer com quadrão perguntado. Quer fazer com quadrão perguntado? Ou a "resposta foi bem dada"?

Leonardo: Não, assim mesmo. É bem facinho, é porque...

Hesdras, rimando: Pra fazer verso rimado, é preciso ter traquejo.

Leonardo: Eu faço de todo lado porque é o meu desejo.

Hesdras: Eu estava aqui pensando no verso e não lembro mais nem a resposta, como foi a resposta?

Leonardo: A resposta foi bem dada, foi respondido o mourão.

Hesdras: Vamo fazer quadrão perguntado?

Leonardo: Vamo. Comece.

Odilia: Pera, mas pra esse precisava rimar com...

Marcela: Desejo.

Hesdras: É melhor ir de quadrão perguntado.

Bernardo: Apois vão um quadrão perguntado que é pra ela ouvir...

Hesdras: Bora. É... Que acha do improvisado?

Leonardo: É pra inspirar a gente.

Odilia: Rima com "gente", é?

Hesdras: Verso lhe deixa contente?

Leonardo: Se eu não perder o juízo:

Odilia: Não fico no prejuízo.

Hesdras: Olha aí.

Odilia: Aí eu digo outra coisa, é?

Hesdras: Quando você diz "não fico no prejuízo"... Aí o outro diz.

Leonardo, rimando: Eu também não fico não.

Hesdras: Pronto.

Odilia: "Eu também não fico não". Aí foi outra coisa completamente diferente, né, não precisa rimar com...

Hesdras: Aí você diz...

Odilia: Aí agora eu rimo com "não"?

Hesdras: É.

Odilia: Como foi que você disse?

Leonardo: "Eu também não fico não".

Odilia: Abrindo meu coração...

Leonardo: Pra o povo dar risada. Que a resposta foi bem dada, foi respondido o mourão.

Hesdras: Entendeu?

Odilia: Não. Entender eu entendo, mas na hora...

Bernardo: Por que tu não faz como fizesse com a menina, quando ele terminar aí tu diz pra ela como rimar, tu lembra?

Afonso: É um mote. Fazer um quadrão...

Hesdras: Aí vai ter que rimar "ão" duas vezes.

Leonardo: Flávio... É "Flávio", é?

Afonso: Flávio... "Flávio é um cabra bom, mas gosta de solidão".

Odilia: Nossa, aí é que o nó na cabeça dá mesmo.

Leonardo: É nada.

Odilia: Agora se eu escrever eu vejo.

Marcela: Quer o caderno?

Odília: Quero nada.

Leonardo: Pra improvisar assim... E o que é mais fácil fazer?

Hesdras: Interpretar ou rimar?

Leonardo: Tocar viola ou cantar?

Hesdras: Pra cantar ou desdizer.

Leonardo: E no que é que o povo crê?

Hesdras: É ter fé no coração.

Leonardo: Obrigado, meu irmão.

Hesdras: Também dou muito obrigado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Odília: Ah...

Hesdras, rimando: O que acha da Ingazeira?

Leonardo: Eu tenho vontade de ir.

Odília: Pois venha na minha casa.

Hesdras: Não, aí tem que ser com "ir".

Odília: "Eu tenho vontade de ir"... De lá eu quero partir.

Leonardo: Vá pra Serra do Teixeira.

Odília: Pra puxar minha peixeira...

Leonardo: Ficar somente de surrão...

Odília: Gosto de confusão.

Leonardo: Mulher braba é palhaçada.

Hesdras: A resposta foi bem dada, tá respondido o mourão.

Leonardo: Agora quem começa é...

Hesdras: É você.

Odília: Cheguei em Itapetim...

Leonardo: Diga se gostou da festa.

Marcela: Agradecer é o que me resta.

Odília: Oia, não deixa nem a pessoa dizer o negócio... Vocês tão me botando muita pressão!

Leonardo: Não, poeta bom é assim.

Odília: Como foi?

Marcela: Agradecer é o que me resta.

Leonardo: E poetisa é assim.

Odília: Não quero que chegue o fim.

Leonardo: E nem eu quero escuridão.

Odília: Te levo no coração.

Leonardo: E deixe o seu emprestado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Odilia: Ai... Menino, é muita pressão, viu, ave maria.

Bernardo: Quando vem, a farra é sempre assim. Quando vem... Por onde a gente passa com ele é assim, o rojão é desse jeito.

Odilia: Não, pois quando o senhor for na minha casa num vai entrar nenhuma câmara dessa não, viu seu Leonardo? O senhor vai ficar bem sentadinho na rede...

Afonso: Mai minino...

Bernardo: Agora duvido ele sentar numa rede.

Leonardo: E eu sento mermo.

Bernardo: Quer dizer, eu fico calado porque...

Afonso: Fazer um "o senhor tem medo de rede?".

Leonardo: Vamo fazer mais.

Odilia: Bora.

Leonardo, recitando: Nunca glosei com uma atriz.

Odilia: Só porque o senhor não quis.

Leonardo: Vou dizer outra coisa...

Odilia: Pode ir que eu seguro o...

Hesdras: Óooooia!

Leonardo: Mas aí era o quadrão, agora eu num sei mais...

Odilia: Como é? Era pra ser um quadrão e eu tinha que fazer o quê?

Leonardo: "Nunca glosei com uma atriz".

Odilia: "Nunca glosei com uma atriz"... Aí eu não rimo com "atriz", não?

Leonardo: Não, cê...

Odilia: Aí eu invento outra coisa, né?

Leonardo: Outra coisa.

Odilia: Ah, tá bom. "Nunca glosei com uma atriz"...

Nunca interpretei com um mestre.

Leonardo: Agora eu vi o celeste.

Odilia: Aí eu invento um novo, né?

Leonardo: Você inventa que eu não sei o que é que diz.

Odilia: "Agora eu vi o celeste"...

Somos uma dupla da peste.

Leonardo: Em qualquer ocasião.

Odilia: Bora nesse mundão?

Leonardo: Eu já estou preparado. Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Agora você pergunta. Pergunte pra esquentar mesmo, porque...

Odilia: Isso não te incomoda?

Leonardo: Isso pra mim é uma festa.

Odilia: Aí eu rimo com festa, né?

Afonso: Pode, pode.

Odilia: Isso não te incomoda?

Leonardo: Pra mim é uma festa.

Odilia: Ai meu Deus...

Marcela: "Resta".

Odilia: Poesia é o que nos resta.

Leonardo: E a mente da gente roda.

Odilia: Poemas de dentro brota.

Leonardo: E traz mais inspiração.

Odilia: Pra enfeitar o mundão.

Leonardo: É um verso improvisado.

Odilia: Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.

Leonardo: Gostei muito do seu jeito.

Odilia: Admiro sua maestria.

Leonardo: Eu gosto é de poesia.

Hesdras: Agora tu com "jeito".

Odilia: Com "jeito"? "Eu gosto é de poesia"...

Afonso: Perfeito, sujeito...

Odilia: Pera aí, viu minha gente... Podia ser que nem o tempo de mesa de glosa.

Odilia: "Jeito, gostei muito do seu jeito"... Eu disse "maestria"...

A pressão desse sujeito...

Leonardo: Pois eu tô é satisfeito.

Odilia: Eu fico incomodada.

Leonardo: Não fica, tá preparada. Não sei mais onde vai sair não, onde sair nós para.

Odilia: Mas aí tem que ver... Agora não já era o "isso é quadrão perguntado"?

Leonardo: Era pra rimar com "chão", mas deixa.

Odília: Eu tinha que rimar com "chão"? E não com "esse sujeito"?

Odília: Como foi mermo que eu disse?

Leonardo: Se você falou em mesa de glosa, cê faz mesa de glosa?

Odília: Faço nada! O senhor acha? Eu não tô conseguindo fazer nem aqui com o senhor, imagine numa mesa de glosa.

Odília: Preciso escrever, assim, ó...

Bernardo: Ei, Leonardo, o mundo é pequeno, né? Porque lembra que a gente fala muito dela? Lembra que eu dizia "vamo lá?", eu dizia...

Odília: Me achando parecida... Tá vendo... Querendo ver o homem, né?

Bernardo: Não é não, na festa? Eu não disse da festa que ela fazia? Eu num disse, de Ingazeira? Eu digo "nós vamos por aqui, chega depois de Tuparetama a gente tira por dentro", te lembra da história? Eu dizia direto. Falava direto. Mas eu não nego não, eu dizia "é um homem".

Leonardo: Eu não aprendi a ler...

Bernardo: Pera aí, Leonardo!

Odília: Oxe, minha nossa senhora, esse povo... Tá vendo, seu Leonardo? "Eu não aprendi a ler"... Sei menos do que você.

Leonardo: E eu não tenho o que dizer.

Odília: Eu não sei o que fazer.

Leonardo: O melhor é nós beber.

Odília: É melhor nós ir beber? Por que? Sou eu que tô errando, né? Eu tinha que fazer o...

Leonardo: Não, tá bom.

Odília: Eu tinha que fazer o quê agora? "É melhor nós ir beber"... Aí eu tinha que rimar com "beber"?

Leonardo:

Eu tô achando bonito do jeito que você diz  
Um prazer muito grande  
De glosar mais uma atriz  
Eu sabia que hoje, pra mim, ia ser feliz

Bernardo: Leonardo vai começar de novo, ele diz. Começa agora, Leonardo. Pera aí, agora.

Leonardo:

Vou guardar esse retrato  
pra traça não destruir  
Que é pra quando eu tiver triste,  
olhar e me divertir  
Pra ver se a sua energia  
demora mais por aqui



Odília: Ô meu Deus, coisa mais linda!

Marcela: Maravilhoso!

Odília: Afe maria...

Leonardo: Faça outro!

Leonardo: (...) E Mariana vai cantar... Vai, rapaz, vá. Monique é poeta também que eu sei.

Marcela: "Mariana vai cantar"...

Monique: Eu sou, mas eu sou de bancada... Passo uma hora pra escrever.

Mariana: Eu também, eu só escrevo assim, ó, no clarão da lua, lá na minha casa...

Marcela: Tem que ser com "ar", né?

Leonardo: Quem é que faz uma glosa aqui? Glosa, glosa, agora?

Mariana: Odília.

Hesdras: Odília.

Odília: Não. Ele já sabe que não. Ele já sabe que meu...

Mariana: Eu faço, eu tenho decorado só... Deixe-me dizer um pro senhor.

Leonardo: Diga!

Mariana: Oia...

Mariana:

A gente se encaixa até nos gemidos  
Deixados na cama depois do prazer  
Que pena que somos dois seres perdidos  
Buscando na cama alguém preencher  
A gente se encaixa, mas só no momento  
Que o corpo padece das ansiedades  
Carências enganam qualquer sentimento  
No peito daquele que sente saudades  
Porém, na distância, meu peito se esfria  
E a falta do corpo que me preenchia  
Não cobre o desejo que a alma reclama  
Qualquer sentimento parece distante  
E é como se a alma quisesse bastante  
Pra ser completada somente na cama

Mariana: O nome é "Beijo Traidor"... Eu toda vez declamo esse negócio, né?

Monique: Esses dois eu já decorei.

Mariana:

Tua lembrança já não me afeta mais  
Perdi todo e qualquer tipo de encanto  
Se nas queixas nós somos desiguais  
Como eu posso no amor esperar tanto?  
Não calculo teus erros pela ausência  
Que de fato a distância foi culpada  
Mas não posso fingir ter paciência  
Se hoje até a saudade está cansada  
Dividi com você noites de lua  
Hoje eu passo sozinha pela rua  
Com a saudade na mão pra jogar fora  
Que é inútil sentir um grande amor  
Quando a boca de um homem traidor  
Beija a face da gente de hora em hora

## 7. Transcrição da conversa com Antônio Joaquim da Silva. Tabira, janeiro de 2022.

---

Afonso: Antônio Joaquim da Silva é agricultor da zona rural aqui já é Tabira. Tô aqui na casa do seu Antônio, junto com o Rayane, minha assistente de produção. O sobrinho dele, Seu Antônio eh sua profissão?

Antônio: Agricultor. Sou agricultor. Sempre fui da roça.. Já trabalhei em construção, sabe? De servente, sabe? Mas foi muito pouco também,sabe? Está certo.

Afonso: Me diga uma coisa. Na sua na sua vida que sempre foi nessa região aqui do Pajeú?

Antônio: Foi. Pajeú? Nasci e me criei aqui. Nunca sai daqui. Não é a minha região é mais simples de São José do Egito. É, aí depois que eu vim para aqui eu vim com vinte e quatro horas. Eu sou filho adotivo, sabe? Então eh aquela senhora ali que justamente um rapaz de bigode. É, meu pai está ali. O que me criou.

Afonso: Conta um pouquinho a história daquela foto, quem é aquela senhora e um conta um pouquinho do seu pai? Esse dali me criou que nem um dia eu falei pro senhor com vinte e quatro horas de nascido. Na hora que minha mãe me teve, passou pra ele, sabe? Aí o pai da minha mãe, o legítimo, é desse povo ignorante. Aí, quando ela teve aí disse ou você dá esse filho, ou eu mato você com filho e com tudo. Ela foi só escreveu pra me dá né? Essa história aí só fui conhecer ela com trinta e três anos de idade. Foi, custei. É minha mãe legítima. Aí fui agricultor todinho, né? Passado dela, tudo, o sofrimento dela, né?

Afonso: Mas qual o nome dela?

Antônio: É dona Lurdes.

Afonso: Ela ainda é viva?

Antônio: É viva, é! Cê viu. Fui passar o ano com ela. Mas isso daí eu não tenho raiva dela nem nada e recebi do mesmo jeito, só que aqui é totalmente diferente né? Para o que ela me criou e o meu pai né? Desde a infância até agora né? Mas quer dizer, que ele tá com Jesus, todo os dois né? Mas eu agradeço demais o que ele fez por mim sabe? Porque criar... pai você encontra em todo canto né? Mas mãe é muito difícil. Não é verdade? Se botei segundo pai, mas segunda mãe não existe. Verdade. Né? E essas fotos aqui, a gente tinha mais, é que nem nós tínhamos mais. Que meu pai era rezador. Esse que me criou, sabe? Vinha aqui muita gente aqui dia de domingo, muita gente. Aí então essas fotos aqui é uma lembrança que não eu não vou esquecer nunca não. Né? Porque foi do tempo dele, mas eu queria que meus filhos fossem também, sabe?

Afonso: Mas ele era rezador de que? Jurema, dessas coisas?

Antônio: Não, ele rezava assim, dor de cabeça, dor de dente, espinhela quebrada. Justamente. Aí é uma coisa que a gente tem por lembrança, essa é uma lembrança boa, né? É uma lembrança boa.

Afonso: E quando a seca pega, qual é a lembrança?

Antônio: Ah, aí quando ela seca pega, aí fica feio. Né? Porque a gente, é que nem eu tô falando pro senhor. Aqui é no Sertão da gente Quando vem a seca aqui é brabo, né?

Afonso: essa de 2011 a 2016 foi de arrebentar, não foi?

Antônio: Foi. É melhorou agora, mas de primeira que peguei foi seis anos de seca aqui. É. Seis anos de seca emendado. Aí tanto sofre a gente como sofre os bichinho que a gente cria, né? No tempo da seca aqui mesmo o povo levava o gado pra vender, não vendia. Porque ninguém queria. Não ia deixar morrer de fome, né? porque a seca a quebra, é braba mesmo. mas tu nunca

Afonso: Você nunca trabalhou com gado, não?

Antônio: Já mexi já. Já trabalhei dois anos em fazenda. Bem pertinho aqui de Tuparetama. Perto da barragem de Ingazeira? Dois anos, mas é sofrido. Porque ali você não tem feriado, não tem dia de domingo, não tem nada. Serviço é pesado. Mas é o serviço que tem aqui, é isso, né? É o pesado mesmo.

Afonso: Seu Antônio, e essa foto menor aqui embaixo? Que tem esses três aí, quem são essas pessoas?

Antônio: Essa daqui é minha irmã, sabe? Dessa família, da gente daqui de agora. Essa que me criou. E esse daqui é o, é o esposo dela, e esse daqui é o pai dele.

Afonso: Está todo mundo vivo? Não, esse daqui não. Esse daqui já faleceu já. Esse daqui também já faleceu também já. O esposo dela só Damiano, na foto. De Vivo só tem esse daqui. Isso daqui é do meio, sabe? É. Rapaz eu ainda vou caçar aquele sua foto de pai Pronto.

Programa da rádio: Olá meus amigos da cantoria, já estamos aqui, começa mais um programa Cantoria na TV, o primeiro de 2022. Oh coisa boa, que Deus abençoe esse ano que está começando, abençoe você com a sua família, proteja dando saúde, paz, muita felicidade, muito livramento, tudo de melhor pra você e pra toda a sua família. Aqui estão os poetas João Marcolino e João Lourenço, Márcio Neto que trabalha conosco. E o trio começa o ano em alto astral com cantoria boa, com saúde, com perspectiva de muito trabalho e muita coisa boa que virá por aí. Deus abençoe os nossos caminhos. E o programa Cantoria na TV cantoria até a sua casa, a partir de agora. Já é inscrito no nosso canal? Não? Então se inscreva, dá tempo, é cantoria na tevê, programa o canal que tem mais cantoria no Brasil. Se inscrever, ative aquele sininho que você recebe, informando as notificações que tem vídeos para todos vocês e nós abrimos o programa cantando, né João?

Pois é, um abraço a você do outro lado, é o primeiro programa de 2022, cantoria na alta aqui. Eu quero continuar abraçando os amigos que gostam desse programa. Um abraço ao meu querido Pedro Damiano, lá em Petrolina. Aqui é o meu amigo João Marcolino. Ele é do Sindicato Rural daqui, a Emanuel Almeida. A toda família que gosta vamos cantar, são trinta minutos de cantoria boa, melhor do que um dia todinho de coisa boa.

Afonso: Você conhece um caboclo apoiador? Chamado Manoelzinho Aboiador?

Antônio: Conheço! Pra tá vindo já. Bota aí. Depois você bota no YouTube, tem o disco dele lá tudinho. Bota lá o Manoelzinho aboiador.

Afonso: era amigo do meu pai.

Som do programa de cantoria de Rádio.

## 8. Transcrição da conversa com a Sra. Lindaura Santos. Solidão, janeiro de 2022.

---

Afonso: Conversa com dona Lindaura Santos no sítio Barra da solidão. Dia de Reis, 06/01/2022. Ela vai falar um pouco sobre essa foto aqui. Tem ela e uma Luzia. Como é a história dessa foto?

Lindaura: Ah, essa foi uma mãe pra mim. Ela me ajudou muito quando minha mãe estava doente. Ela era uma mãe. Eu confiava muito nela, em deixar minha mãe com ela. E pra mim ela foi ela foi irmã, foi tia, foi tudo na minha vida. Ela foi uma mãe.

Afonso: Ela morava aqui também?

Lindaura: Morava nessa casa ali de frente. Quando minha mãe estava doente tudo que se passava, ela estava ali de dentro comigo. É quando eu fui ter meus filho minhas filha ela estava comigo, era um amor. Quando ela morreu pra mim, foi mesmo que ter morrido a minha mãe.

Afonso: quando ela foi embora?

Lindaura. É... já faz tanto tempo ele não lembra mais. quanto faz que ela morreu faz muito tempo.

Afonso: Fale uma lembrança boa que se você tem dela?

Lindaura: Ela era muito boa pra mim. Era boa até demais. Olha, ela era boa pros filhos, ela recebia o dinheirinho dela da aposentadoria aí ela chegava, ia pra casa dos filho, dividia, dava aos filhos, trazia pão, trazia bolacha, doce, pois o meu ela trazia também. Sem eu ser a filha dela. Só ela dava uma gorjetazinha. Ela dava. A minha lembrança que eu tenho dela. É de coisa. E eu não fiz uma foto. E aí é lembrança da minha casa, que eu quando eu cuidei de meus pai aí oito anos, não é oito dias né? Com meu pai doente. Eu cuidei dele aí passei meu pai foi três anos ele acamado, e minha mãe foi nove anos acamada. Eu cuidei deles dois porque meus irmãos moravam longe, aí quem cuidava deles, quem era a dona daqui, de mãe, de meu pai, era eu Então não me arrependi. Só tem lembrança deles, e muita saudade que eu tenho de meu pai, de minha mãe. Amém.

Afonso: Me conta um pouco essa parede aqui, porque é só meninada! é só lembrança boa aí né dona Lindaura?

Lindaura: Ah! Aqui só lembrança boa! meus Meus netos esse daqui é filho, essa é neta, essas duas ali é neto, esse é neto, ali sou eu e meu esposo que tava sendo padrinho do menino, ali é meu neto, meus netos mais novos. Aqui é filha e o pai, aquele que entrou. Sim. Aqui é a minha filha e o o meu esposo.

Afonso: E na e na outra casa, aquelas fotos que estão lá. Vamos dar uma olhada aqui. Essas pessoas aqui são essas pessoas.

Lindaura: Essa daqui sou eu, com meus dois netos mais velhos. Esse daqui é meu genro casado com essa daqui. São somos nós, né?

Afonso: Essa foto aqui foi a formatura dele,

Lindauro: Foi formatura dele.

Afonso: Ele se formou em que?

Lindauro: Deve ter sido pra professor não? Não sei.

Afonso: A senhora teve quantos filhos?

Lindauro: Eu tenho quatro. Dois homens e duas mulheres.

Afonso. Essa aqui, quem é essa pessoa?

Lindauro: Essa é a minha irmã. Aí ela morreu com setenta e dois anos. Pronto, da minha idade. Eu estou com setenta e dois ela morreu nessa idade. Deu uma parada cardíaca nela e ela morreu. Era uma pessoa excelente também. Ótima. Muito bom só tem as lembranças das coisas boas que ela fazia. Muito, muito, muita amiga, muito sei lá, foi uma boa mãe, tudo na vida. Aí o senhor me deixou essa lembrança que foi sem se esperar. Porque a pessoa morrer de uma parada cardíaca a gente não está esperando, né?

Afonso: Eu sei. A minha esposa foi embora sim também eu sou viúvo. Trinta e oito anos ela tinha. Pois é. Deixa-me... e essas aqui quem são?

Lindauro: Essa daqui é o José Vicente. É meu pai.

Afonso. São seus pais. É E aqui essa daqui quem é?

Lindauro: Minha vó, mas ela quando ela faleceu eu tinha três anos, não tem muita lembrança dela não, porque eu só tinha três anos. A minha vó morreu, mas meus pais eram minha vida, eu não tenho palavras cuidei deles e não me arrependi.

Afonso: E essa aqui quem é?

Lindauro: É minha sobrinha. Tá certo. Essa mora em São Paulo ela é engenheira mora lá.

Afonso: e esses dois aqui?

Lindauro: É minha irmã que faleceu, e meu cunhado. Ele também já faleceu, adoeceu e faleceu também.

Afonso: Eu percebi uma coisa aqui, me desculpe se eu for falar uma coisa muito forte, mas eu percebi que os mortos estão na outra casa e os vivos e os jovens estão aqui. Tem alguma coisa que a senhora organiza as fotos da senhora desse jeito ou é por acaso?

Lindauro: Não. É o seguinte. É porque os meus irmãos disseram desse jeito: não vamos abandonar, que eu não abandono ela, a casa dela. Mesmo hoje eu tirei foto da minha vó e foto de meu pai com minha mãe e coloquei lá, mas aí depois eu vou buscar e colocar aqui sabe porquê? É pra deixar meu pai e da minha mãe lá, porque a casa era deles. Certo? Minha vó, minha vó, a casa era lá embaixo, mas a casa já caiu, e já é já é outras pessoas que mora na terra. Mas aqui, eu vou eu vou deixar lá eu deixo a foto da minha vó e da minha mãe e da minha irmã pra cá. Aí eu coloco ali dentro do quarto.

Lindauro: mas meus irmãos diziam pra eu deixar lá. Que é pra não abandonar a casa. Mesmo ela estava velhinha pra deixar a lembrança dele, esse lado dele, assim né? Faleceram aí eu deixo né. Eu tenho vontade de fazer outra foto pra deixar uma lá e outra aqui. Mas você falou que vai me trazer, aí quando ele trouxer aí eu vou e ponho lá, está certo? Está bom assim? Está certo?

Afonso: Me diga só quem qual é a foto aqui que a senhora quer que eu faça de novo? Qual é a foto que você quer copiar, duplicar?

Lindauro: Ah! A minha mãe e meu pai.

Afonso: Então vão voltar lá pra fazer uma foto mais fechadinha, com mais qualidade, tá certo? Pra poder fazer daqui. Tá bom? Eu posso te fazer um recorte. Fácil, a gente volta lá e faz.

Lindauro:

A folha seca dos matos são mais feliz de que eu. Porque eu tirei meu pai e minha mãe. Mas aí ele disse oxente! Isso daí é um verso! É o mote? É mesmo o mote. É. Então eu não sei se deu certo. Vou perguntar a ele. Eu vou cobrar ele. Pois é.

## 9. Transcrição de conversas na Fazenda Serrinha. São José do Egito, janeiro de 2022.

---

Afonso: Sítio Serrinha, distrito de São José do Egito. Hoje é Dia de Reis, seis de janeiro de 2022. Vou conversar com João Vinícius Lulu. João Vinícius Lulu, neto do Zezé Lulu. Vinícius, como é que essa incrustação veio parar nessa parede? Qual é a história dela?

João Vinícius: Bem, essa casa deve ter pelas contas que a gente faz, uns cento e quinze anos de construída. E aí é Luiz Ferreira Gomes, Lulu Gomes, o pai de Zezé Lulu, o pai Pedro Lulu, de João Lulu, e numas das reformas dessa casa fez um novo reboco, é esse reboco mais escuro aqui. Mandou o pedreiro fazer o reboco. E o filho dele, Zezé Lulu, tinha um ano de idade. Nasceu em 1916. Aí, ele pegou assim, numa forma de brincadeira com o filho, colocou assim de encontro a parede. E aí ele colocou o pé e a mão, e formou né? A mão e o pé aqui. Nesse que ficou registrado exatamente. Ficou registrado a mão e o pé e é isso foi em 1917. Esse marco e outras questões que vieram depois. Isso sempre existiu na nas nossas gerações e acho que na década de oitenta houve outra reforma nessa casa foi feito esse reboco, esse que tá pintado.

Mas com o sentido de memória, de lembrança, de característica, foi Pedro Lulu, que era uma pessoa muito sensível a memória disse: não cubra o pé e a mão de Zezé não, eles eram muito unidos. E aí o trabalhador deixou esse quadrado aqui. Hoje já está danificado pela a zebra, um inseto que a gente conhece aqui, e agora ele passou cem anos sem danificação nenhuma, é exposto. E aí a zebra veio em 2017. Então ele passou cem anos sem ter danificação nenhuma. Aí... é com que a natureza esperou, né? Cem anos. Como se fosse... eu entendo como um novo recado pra gente: de que precisa ser visto novamente, ser mais ser mais lembrado, mais preservado.

E aí a gente colocou essa proteção e na verdade não serviu muito. Mas é a intenção foi essa, né?

Afonso: E a história do sítio e da propriedade remonta pra que século?

João Vinícius: essa casa aqui, que não foi a primeira construída, já deve fazer uns cento e quinze anos, como eu já falei. Essa outra casa ali na frente é que já era do sogro do meu bisavô, né? A gente chama Padinha. Ali na frente. A gente avalia, a gente acha que aquela casa ali é a primeira da Serrinha. E aí já deve fazer uns cento e cinquenta anos da existência daquela casa. Aí depois, vieram outras também, tem a casa aqui do Velho Antônio Marinho que foi um cantador o avô de Bia. Foi a águia do sertão, né? Ele casou com uma com uma irmã de mamãe Sinhá que é a mãe do meu avô e casou com o Bebê, né? Que é Isabel e aí construiu essa casa na Serrinha que é ali, que inclusive também na parede dos tijolos tem outros marcos, inclusive em algarismo romano, data de uma bezerra que nasceu, uma cacimba, uma coisa assim. Coisa simples.

Valderisa Lulu: Como Vinicius já contou essa casa aqui foi do avô da gente, depois ficou os irmãos dele, papai, Antônio Lulu, João, Zezé e os irmãos, enfim. Depois foram tudo se casando e papai permaneceu aqui na casa. Essa parede aqui que hoje ela é de tijolo, de primeiro ela é de taipa. Os irmãos foram se casando e cada um foi saindo e papai que permaneceu na casa onde ele nasceu e se criou. Aí passou uns tempos, aí a casa ficou fechada, a gente tudo era solteira, depois foi se casando e ele teve que sair da casa dele que era essa casa e ir pra casa dos filhos. Que minha mãe já tinha morrido, mamãe morreu muito nova, e ele ficou viúvo. A gente não queria deixá-lo sozinho aqui na casa e ele ficou na casa da gente.

Aí depois ele voltou, a gente fez um melhoramento na casa, que na época ficou até abandonada. Isso a gente sente profundamente, por ter deixado ele fora da casa dele, mas por necessidade a gente fez isso. Aí depois a gente o trouxe novamente pra casa e até por sinal ele fez uma poesia falando, ele já bem debilitado, ele já estava bem sofrido já com mais de oitenta anos, aí ele fez um verso contando a história dele. Eu vou passar essa poesia pra Lurdinha que ela sabe da poesia melhor do que eu.

Lourdinha Lulu: Eu nem sei se vou lembrar da poesia.

Valderisa Lulu: Eu vou lhe ajudando a dizer eu digo no começo e você completa. Nesse quarto aqui foi onde ele deu as primeiras passadas e deu as últimas. Aí no período que ele passou muitos anos fora da de casa quando voltou ficou muito emocionado, muito alegre.

A essa idade cheguei  
 por minha felicidade  
 na mesma propriedade  
 que nasci e me criei.  
 Aonde nela gozei  
 minha boa meninice  
 toda minha solteirice  
 onde pisava com roço  
 hoje eu quero, mas não posso  
 preso nas mãos da velhice.

Quando foi essa poesia linda.

Valderisa Lulu: Mas é porque tem várias, mas é um pouco prolongada essa história mas eu também tenho uma poesia que eu até gostaria de recitar. Agora se começar... porque na época que essa casa ficou fechada, como eu disse, que papai passou uns tempos na casa da gente. Tem uma irmã da gente que mora ali atrás e assim aí ela passou uma época em São Paulo. Por sinal quando ela chegou aqui a casa estava fechada, estava abandonada. Aí ela pediu até um primo da gente que é primo delas também pra fazer uma poesia. Como que se fosse ela que tivesse feito a poesia e no começo da poesia eu vou resumir um pouco, porque são muitos versos e se eu for recitar é a tarde todinha.

Aí eu vou dizer só uma parte da poesia porque faz muito sentido. Pra gente que conheceu a história faz muito sentido. Mas o primeiro verso que ela fez, depois que ela voltou de São Paulo, que ela encontrou a casa abandonada, e muita gente que ela conhecia já tinha morrido, outros tinham ido embora, e por isso ela contou a história em poesia. Ela disse:

Com saudade da terra em que nasci  
 resolvi visitá-la novamente  
 mas na volta chorei amargamente  
 como está diferente por aqui.  
 anta gente morreu e eu não vi.  
 Outros foram embora e não notei  
 pouca coisa de antes eu achei  
 e não parece mais terra conhecida  
 Vim rever o lugar que fui nascida  
 tive tanta saudade que chorei

Me assombrei com o temor da solidão

quando vi nossa casa abandonada  
A janela da frente escancarada  
e o telhado caindo pelo chão.  
Procurei por Lurdinha, foi em vão.  
Nem papai nem Fernanda eu encontrei.  
Valdecir e Valderiz eu não achei.  
E chamar por mamãe coisa perdida  
Vim rever o lugar que fui nascida  
tive tanta saudade que chorei

Com saudade eu entrei na moradia  
lá no quarto onde o milho era guardado  
escutei um soluço do passado  
nas paredes do lar que eu mais queria.  
Vi somente no chão uma bacia  
num tijolo arrancado, tropecei.  
Nenhum prato ou panela eu avistei.  
Mas pra que se ninguém faz a comida?  
Vim rever o lugar que fui nascida  
tive tanta saudade que chorei

Lá na sala de janta eu vi somente  
no lugar que mamãe botava almoço  
a velha mesa fornida de pau grosso  
forte ainda como era antigamente.  
Vem um copo de asa lá na frente  
E sua capa num ponto que achei.  
Na cozinha o fogão inda encontrei  
uma parte de pé outra caída  
Vim rever o lugar que fui nascida  
tive tanta saudade que chorei

Finalmente cheguei onde morava  
muito antes jamais tivesse ido  
sem poder sustentar o meu gemido,  
eu chorei muito mais do que pensava  
Se não fosse a saudade eu não entrava,  
assombrada na porta, ainda fiquei.  
Essa casa bonita em que morei,  
faz lembrar que perdi mamãe querida.  
Vim rever o lugar que fui nascida  
tive tanta saudade que chorei

Valderisa Lulu: Agora se eu for contar a história nos versos é muito versos ainda. Eu vou parar por aqui porque tem muitos versos. Eu vou recitar só dois últimos que por sinal ela fala em Zezé Lulu que era o pai dela, que ele era cantador de viola. E era a diversão da gente na época era cantoria. E no verso na poesia ela diz, lua clara de Tonho e Tião eram os tios da gente que era irmãos do papai. Dia de domingo, noite de lua clara, nós ía pra lá. Quando o papai terminava a luta (lida) dos bicho aqui, ele ia buscar a gente lá. E aqui na poesia ela conta a história.

Lua clara de noite a gente ia  
 para a casa de Tonho de Tijão  
 e papai com uma foice em sua mão  
 de repente na porta ele batia  
 Uma voz lá de dentro respondia.  
 Ninguém entra aqui dentro. Eu sou o rei.  
 Mas papai lhe dizia eu entrarei  
 Animado ele dava outra batida  
 Vim rever o lugar que fui nascida  
 tive tanta saudade que chorei

Com saudade eu lembrei da brincadeira  
 Cobra cega, eu serrei terras alheias  
 me embanando na luz das luas cheias  
 era toca, marré. barra bandeira.  
 No São João eu passava a noite inteira  
 a brincar sem parar nunca cansei.  
 Seu Olívio e Dedé sempre escutei.  
 Cantoria era a festa preferida  
 Vim rever o lugar que fui nascida  
 tive tanta saudade que chorei

Recordei o meu tempo de outrora  
 quando eu era feliz lá em Serrinha  
 toda essa ilusão eu sempre tinha  
 e no transporte do tempo foi embora.  
 Quem morou em Serrinha e veio agora  
 vai passar com certeza o que passei.  
 Beijará esse chão e que beijei.  
 Depois chora na hora da partida  
 Vim rever o lugar que fui nascida  
 tive tanta saudade que chorei

De voltar já perdi toda vontade.  
 É melhor ficar longe pra não ver.  
 Um lugar que jamais vou esquecer,  
 pois aqui eu gozei a mocidade  
 Essa terra em que eu tive liberdade  
 não é mais como aquele em que morei.  
 A saudade que eu trouxe carreguei,  
 a ilusão de matá-la foi perdida.  
 Vim rever o lugar que fui nascida  
 tive tanta saudade que chorei.

tem um bocado de poesias perdidas por aqui, mas eu vou resumir porque senão é muita coisa.

Aí também vou recitar mais duas poesias que é do primo da gente, esse que fez essa poesia pra minha irmã, nós primos legítimos. Ele também sabia da história da gente, nem da infância, que ele também se criou aqui. Hoje ele mora em Recife, mas na época ele morava aqui no sítio e sabia de toda história sem deixar uma vírgula como se diz, ele contou toda

história. Aí quando o meu tio vendeu o sítio aqui na Serrinha e foi embora pra São José. Depois foram embora pra Recife. Até hoje eles permanecem lá. Aí ele começou dizendo:

Olinda terra bravia  
onde canta a passarada?  
Ali a brisa cessia  
quando rompe a alvorada  
onde o mundo é tão formoso  
e aquele canto saudoso  
do rush numa tardinha  
envolve tudo em beleza  
retratando a natureza  
no coração de Serrinha.

Há muitos anos passados  
quando ainda era criança  
vivi momentos dourados  
que é conservam na lembrança.  
Saía de madrugada,  
pisava a grama molhada  
com o orvalho que tinha  
e tudo isso eu recorde  
que muitas vezes acordo  
pensando em estar em Serrinha.

É triste se ter vontade  
senão se tem esperança.  
É triste se ter vontade  
daquilo que não se alcança.  
Por isso é que eu desespero.  
O que não posso ter, quero  
já não posso o que tinha  
todo o véu dos desenganos  
me envolve na flor dos anos  
quando visito Serrinha.

Perdido em mim na lembrança  
eu revejo o que passou  
continuo minha esperança  
com o que já se acabou  
a casa já foi vendida  
e a terra adquirida  
A braúna não é minha  
só resta a recordação  
porém conserva a ilusão  
diga: voltar pra Serrinha.

Valeu?

Afonso: Meu Deus do céu. Nossa estou encantado.

Valderisa Lulu. Aí eu vou eu vou lhe contar a história agora, que se fazia cantoria e ele tinha que fazer uma com quem era Roseli, que tinha de fazer a cantoria? Era com um cantor e não era aqui na região não, era fora. E ela criava uma burreguinha enjeitada essa daí, Zélia. Aí quando ele estava terminando a cantoria, o dia já amanhecendo. Aí ele fez um verso com ela. Ele lembrando dela. Ele estava na cantoria e foi lembrando dela, ele disse:

Já está chegando a hora  
da minha linda galega,  
passear pelo terreiro  
dando ração à borrega  
e perguntando, ô mamãe,  
quando é que papai chega?

Eita, eu acho isso grande demais essa poesia. Agora Rosélia quem vai desvendar a poesia de Zezé Lulu.

Afonso: Seu nome, sobrenome.

Meu nome é Maria Rosélia Gomes, filha do poeta Zezé Lulu, analfabeto, repentista do sertão todinho aqui do Pajeú ele cantando com um poeta letrado, né, o poeta João Severo. E o poeta disse, que é como é o universo da ciência?

Você é muito poeta  
porém não canta ciência.

Zezé diz:  
Essa palavra ciência  
Deus a mim não concedeu.  
A minha mão não escreve.  
Minha boca nunca leu  
mas vivo estudando os livros  
que a natureza me deu.

O mesmo poeta João Severo disse:  
Quem não aprendeu a ler  
não sabe o que vai dizer.

Zezé diz,  
eu não aprendi a ler,  
mas canto sem embaraço  
descreva o céu e a lua, o  
sol, a terra, o espaço  
e o juiz direito não  
faz o verso que eu faço.

Afonso: agora, a história das fotos, né? Aí pode contando.

José Gomes do Amaral Neto. Zezé Neto. É pra falar sobre essas três fotos que estão ali em cima. A foto central ela é impressão do título de eleitor, na época o título de eleitor ainda tinha foto. Ela é de Luiz Ferreira Gomes, que é quem a gente conhece por Lulu. Era conhecido por Lulu e é quem originou o sobrenome da família.

A gente tem apelido do sobrenome. E o seu número original é Gomes mas chama Lulu em razão dele aí é o título de eleitor dele, que é a única imagem que foi preservada. E a partir de uma xerox a gente conseguiu restaurar algumas coisas e fez essa foto pra pendurar na parede.

Aí, a foto da direita é de Zezé Lulu e essa foto foi no dia do noivado dele, ele tirou essas fotos com Laura, com Lulu, que era a esposa dele e a foto de Pedro Lulu que tá a esquerda, ele de chapéu, era do jeito que é a minha memória é mais viva dele. Inclusive nessa foto ali eu tô no colo dele. Foi cortado a foto pra ficar só ele, é lá na minha essa foto.

Aí é Zezé Lulu, Lulu Gomes, e Pedro Lucas são os três maiores poetas da família aqui que seguiram a maior tradição poética da família. O do meio é o pai dos dois. É essa foto, todas essas fotos foram impressas no centenário de quando ele completaria cem anos e que aconteceu aqui nessa casa. Isso foi em 2016, ele é nascido em quatro de dezembro de dois mil e dezesseis. E Lulu estava fazendo cento e quarenta, a gente fez no dia três de dezembro 2016.

Aí a gente imprimiu todas essas fotos pra fazer uma exposição que era a foto do de papai Lulu que tinha só essa. A de mamãe Sinhá que era a esposa não tem registro fotográfico dela. Perdeu-se né? É a gente inclusive nesse dia colocou um encarte falando da história de até uma descrição física de como ela é fisicamente. E de todos os irmãos, irmãos que eram oito, a gente imprimiu também fotos. E aquela estrofe ali na janela tem que ter. Fui eu que pintei. É, mas é de Zezé do Lulu, o mote.

Afonso: Declama ela pra gente.

Amaral Neto:

A noite estava dormindo,  
canta o galo dando a hora,  
me levantei, saí fora,  
a lua vinha saindo.

Aquele quadro tão lindo  
fiquei prestando atenção  
pensei em forrar o chão  
e me deitar na calçada  
vendo a lua debruçada  
na janela do sertão.

## 10. Transcrição da conversa com a Sra. Maria do Carmo Lima. Sítio Redonda, abril de 2022.

---

Afonso: Sr.a Maria do Carmo Lima. A gente vai falar um pouquinho sobre as fotos que eu acabei de fazer agora. Vamos ver o que que ela se lembra. D. Maria do Carmo a senhora pode me dizer nessas fotos aqui ligeiramente quem são essas pessoas e depois a gente vai falar um pouquinho o que que essa lembrança puxa. Certo?

Maria do Carmo: Pronto eu vou falar Jacinto José de Lima que é meu esposo e eu aqui são os donos da casa e esse ai é Cicero José de Lima, o pai dele. Essa aqui Rita Maria da Conceição é a mãe dele, a mãe de Jacinto. Esse bebezinho que tá ali junto com o avô é meu filho que é o Zé de Lima que foi o primeiro que conversou com o senhor.

Essa dali é sobrinha, filha do meu irmão que hoje mora em Pindamonhangaba. Esse daqui é o meu neto é Otávio Lima, que disse que não dorme nessa cama porque tem... os mortos! Não dorme perto defunto! Esse aqui é o padre da nossa paróquia que já foi o padre, hoje mora em São José do Belmonte. Mas foi muito querido, aqui o tempo que passou conosco. Aí já vem pra aqui, aquela lá é a minha filha do meio, Elisângela Maria de Lima que hoje é secretária da escola. Ali em Tuparetama. Ela é secretária de educação. Aí, os dois filhos. O Otávio e a Ana Júlia. Sim. Essa aqui sou eu, Maria do Carmo. Essa Formatura. Duas formaturas. Eu tenho duas formaturas: de corte e costura e bordado. Essa aqui é a Ana Júlia lá com um aninho só. E aqui são o meu genro Clodoaldo a filha é rica de eles moram ali em Tuparetama. Rita Vânia. Esse é o Neto, esse mesmo que eu já falei. Essa aí é a mãe desse. Que é Elisângela, que é a secretária de educação e o esposo dela que é Ronaldo. Ele é agente de saúde. Esse aqui é o meu filho caçula que é Emerson, essa aqui é a minha caçula que veio ele já tinha dez anos chegou é o caçula e dona Edna Aparecida, ela é agente de saúde de Tuparetama também.

Afonso: E esse casamento aqui, quem foi?

Maria do Carmo: Sim, aí esse casamento é o que eu vou lhe explicar. Esse aqui é meu irmão, Otacílio, essa aqui é minha irmã, Josefa. Todos esses daqui são falecidos, esse daqui é falecido que é o esposo dela, ela o perdeu, sofreu muito, que já lutou com um câncer e ela que tá curada, mas eu não acredito, que câncer cura. Só o poder de Deus que faz isso, mas ela tá vivendo. Ele morreu e ela ficou. Essa daqui faleceu também. Passou vinte anos sem saber que estava no mundo. Ela não sabia que tinha filho, não sabia que tinha esposo. Aí ficou sofrendo desse jeito que eu estou lhe dizendo e ele faleceu, que era quem lutava com ela. Pronto. Foi embora os dois.

Esses daqui foram testemunha deles. Esse daqui. Aí depois ele casou. Ele casou, aí ela foi testemunha deles também. Esse daqui é falecido, essa daqui é falecida, que é a esposa dele, que é dessa história que eu contei, e essa daqui é a que é a história que eu estou lhe dizendo que é minha irmã, Josefa. Essa aqui é a Ana Júlia. Está no cavalinho aí. Essa mesma ali. Essa, aquela. Pronto. Está bom. Resumido, né?

Afonso: E quem é o seu xodó aí?

Maria do Carmo: eu não conto pra ninguém não viu? É.. não precisa contar porque pra mim são todos iguais, eu não dizer assim, eu não tenho privilégio maior pra um nem pra outro, não. Eles são iguais no meu coração. Porque esse daqui, o mais velho, é tudo em

nossa vida. Ele se formou em pedagogia como eu estou lhe dizendo. Aí é casado mora ali nessa casa. Que é o genro dele também. Desse aqui.

Sr. Jacinto, O filho dela.

Maria do Carmo: É. pronto. Mas o xodó que eu sinto por ele, eu sinto por esse, sinto por essa, sinto por essas é tudo do mesmo jeito. São iguais. Coração de mãe, né? cabe todo mundo, né? e, mas também não enche, né? Graças a Deus.

Afonso: Agora me diga uma coisa que eu achei muito engraçado a senhora falar. A história de quem é que dorme aqui e tem medo dos mortos? É isso?

Maria do Carmo: É o Otávio. Esse daqui ó.

Afonso: Teu neto?

Maria do Carmo: É o meu neto. Ele não gosta de dormir aqui não. Ele não dorme. Ele prefere dormir ali no sofá. Ele disse que tem medo dos defuntos. Mas o defunto é o bisavô dele. A bisavó. E então esses daqui. Que já morreram. Só sobrou essa daqui. Desses tudinho aqui que são quatro e quatro, oito, só tem essa. Que resta. Que é minha irmã.

Afonso: E esse conjunto aqui?

Maria do Carmo: Sim pronto. Esse conjunto aí a gente vai resumir só aquele lá. Porque esses daí são aqueles mesmo que estão lá, né? Que são os netos, a família que eu já lhe mostrei tudinho. Agora esse daqui esse rapaz aqui foi técnico da Emater em Tuparetama. Na época dois mil e cinco, por aí, assim... ele trabalhou com a gente aqui. A gente tinha uma linda horta comunitária ali e a gente plantava todo tipo de verdura. Isso era um conjunto de vinte e cinco famílias. Que ele lutava com a gente. Aí essa aqui é a minha avó que está com ele. Ele tinha um xodó muito grande por essas pessoas. Isso aqui é minha avó, essa aqui é minha mãe. Então todas duas falecidas. Essa aqui é a mãe de Jacinto que está aqui com ele, que ele tem um xodó muito grande com ela. Esse aqui é o meu caçula que ele batizou, é padrinho dele, essa aqui é a esposa dele, e esse tempo que a gente conviveu aqui a gente tinha ele como um filho nessa casa porque ele ajudou muita gente, construiu muita coisa boa com a gente, que a gente também, todas famílias aqui que eram vinte e cinco famílias, que dependiam dele fazendo essa horta comunitária pra colher as verduras, a gente vendia na feira. Mas aí isso tudo foi abaixo. E no ano passado ele infelizmente sofreu um acidente e faleceu.

Afonso: Isso foi em dois mil e vinte e um, né?

Maria do Carmo: Foi em dois mil e vinte e um, ano passado. É foi. O ano passado ele faleceu de um acidente de moto. É.

Isso para a gente foi uma dor também porque a gente considerava ele como filho. E ele ajudou muita gente aqui nessa lida de instrução, de saber como fazer as coisas, dividir entre as famílias, foi muito bom. Mas, aconteceu. Fazer o que né? Aí também tudo isso acabou a gente também chegou na idade que não pode mais carregar uma carroça de estrume. A gente carregava carroça, limpava mato, fazia tudo que a gente trabalhava de mutirão, a turma de mulher é a coisa mais linda do mundo. A gente sentia amor, gosto de fazer.

Mas aí, mesmo essas mulheres que a gente trabalhava de mutirão, já se foram embora todas, quase todas. Tem eu e a minha irmã que mora ali do outro lado. Sim essa que é a sobrinha do Jacinto ainda tem também. Mas as outras já se foram.

Afonso: Como é que é essa história aí dessa foto do casamento?

Maria do Carmo: Sim. Essa foto do casamento é muito engraçada a conversa dela. Se nós for conversar...Eita... isso foi... Esse casamento foi...

Afonso: A senhora falou quem é cinquenta e cinco anos. isso deve ter sido em essenta e sete... Sessenta e seis. Sessenta e seis! Foi. Sessenta e seis, a gente casou. A gente foi casar em São José do Egito.

Afonso: senhora é daqui mesmo ou de São José? Eu nasci aqui, é dois quilômetro mais ou menos, ou um quilômetro, né? Um quilômetro. Eu nasci e me criei nesse lugar, nunca sai pra canto nenhum. E tivemos a sorte de eu com dezesseis anos, a gente pensou em se casar. E quem disse que o padre quis fazer esse casamento?

Afonso: você casou com que idade?

Maria do Carmo: Aí ele só queria fazer o casamento com dezessete anos. Aí tive que passar cinco meses esperando completar a idade pra poder casar. Porque infelizmente a minha mãe foi embora pra São Paulo e eu fiquei. Eu não quis ir de jeito nenhum. Ficou eu e irmão meu só nessa casa. E eu fiquei esperando completar a idade pra poder casar com ele. Aí a gente foi casar em São José. No caminho o carro ia pegando fogo...

Jacinto: Ave maria!

Maria do Carmo: Era um jipe. esse carro era um jipe. O senhor conhece o Jipe? Graças a Deus a gente.

Jacinto: Deu certo até hoje.

Maria do Carmo: Deu Certo. Graças a Deus que a gente é uma alma num corpo só. Nem eu vivo sem ele, nem ele sem mim, eu acho. Aí eu penso assim eu falei pras minhas filhas. Ó, eu já vou planejar a minha situação de agora, vou dizer a vocês: que eu quero morrer de manhã eu quero morrer primeiro, de manhã, vou pedir a Deus pra ele me levar de manhã só levar a Jacinto de tarde. Porque eu não posso passar sem ele, e é muito difícil. Por quê? Ele é a pessoa da minha vida. Ele não pega um garfo assim, no armário, pra dizer: ó: vou pegar esse garfo aqui pra eu almoçar. Ele se senta na mesa e eu tenho que colocar a comida dele prontinha no prato. Ele passa nesse filtro ali, se senta lá na mesa e: me dê um copo d'água. Ele vai tomar banho. Entra no banheiro direto. Me dê a toalha, me dê o chinelo, me dê a roupa. E essa criatura como é que vai ficar? Sem mim? As filhas dizem que fazem a comida, mas não botam porque ele não come.

E aí? Aí por isso que eu fiz esse pedido a Deus. Se ele me consentir essa graça eu sou vitoriosa. Se não quem ficar Jesus tome de conta.

## 11. Transcrição da conversa com a Sra. Djanira Chalega. Tuparetama, abril de 2022.

---

Afonso: A gente está na casa de dona Djanira Chalega Moraes. Fotógrafa daquele Tuparetama durante várias décadas. E ela vai falar um pouquinho. Estamos aqui na casa dela com esse pequeno acervo que ela trouxe aqui, né? Das câmeras e das fotos. E a gente vai começar com uma foto pintura que é dela mesma quando ela era mais jovem.

Afonso: Eh quando essa foto foi feita, Djanira? Me conta um pouco da história dela.

Djanira Chalega: Dessa aqui? Dezoito anos.

Afonso: A senhora tem dezoito anos, tá certo? A senhora pode virar pra cá pra fazer uma foto dela pra senhora?

Afonso: E me diga uma coisa, essa foto foi feita aqui em Tuparetama mesmo ou não?

Djanira Chalega: Não, foi em Lajedo, Antônio estava lá e tirei essa foto minha. Lajedo ali perto de Garanhuns.

Afonso: a senhora dali é?

Djanira Chalega: Sim.

Afonso: Bom Conselho, Garanhuns, Jupi, Jucati.

Djanira Chalega: A gente passeava muito ali.

Afonso: Tá certo. E aí isso aí foi antes da senhora se casar?

Djanira Chalega: Foi antes. Ainda está em namoro.

Afonso: Me diga uma coisa, e quando a senhora conheceu o seu esposo ele já era fotógrafo.

Djanira Chalega: Já era fotógrafo.

Afonso: E a senhora foi aprendendo o ofício com ele?

Djanira Chalega: Fui aprendendo. Quando a gente chegou nessa cidade aqui. Eu não sabia de nada. Ai, fui trabalhando e na hora do trabalho ele chamava pra eu ver como era feito, ia me ensinando isso. Eu aprendi logo.

Afonso: Isso foi em que época?

Djanira Chalega: Sessenta. Ele chegou aqui em sessenta e um, ou mais ou menos sessenta e quatro... Só parei de trabalhar quando ele faleceu aí trabalhava em Jabitacá e ele trabalhava aqui. Aí dos meus meninos eu perguntei quem queria ficar trabalhando lá, pra não vender o ponto. Eles não queriam. Então eu parei também. Trabalhei muito tempo.

Afonso: Me fala um pouco sobre essas fotos, né? Tem uma foto aqui que chamou muita atenção. Verdade. Tem uma foto aqui que tá cortada, essa aqui. Que tem alguém que foi cortado da foto. Quem foi que caiu em desgraça aí, Me diga?

Djanira Chalega: (risos) Ah agora essa daqui é do eu num tô...

Silvana Chalega (filha) Não, Adélia é a pequenininha. Quem estava aí nessa foto é a tia de Adélia, Lúcia. Aí. Eu não sei quem foi que cortou, eu acho que foi ela que não gostou e cortou. Mas era Lúcia, irmã de Marizete, tia de Adélia.

Djanira Chalega: A bicha já vivia doente.

Afonso: E qual é essa criança daqui. quem é?

Djanira Chalega: Isso é ela.

Afonso: Quer dizer que seu marido também fotografava muito a família, ou era a senhora que fazia essas fotos?

Djanira Chalega: Era ele. Trabalhava ele. Sabia fazer ensinando, ensinando pra mim e aprendi, mas que teve um tempinho pra eu aprender. Quando chegou um monte de menino, aí ele trabalhava... (risos)

Afonso: aí que tinha que trabalhar mesmo, né?

Djanira Chalega: Tem que trabalhar.

Afonso: Tem que trabalhar mesmo... Vamos contar um pouco da história dessas fotos aqui? Vamos ver essas preto e branco. Que as preto e branco são mais...

Afonso: Preto e branco ele fazia tudo a mesma aqui em Tuparetama, né?

Djanira Chalega: sim dentro de casa. A gente tinha o quarto escuro, a gente entrava e todo mundo gostava, todo mundo tinha curiosidade. Era. Mas só quem entrava era eu e ele. O pessoal queria enfrentar pra ver como era, mas ele não deixava, porque não era coisa de estar se mostrando assim como o pessoal queria. Então trabalhei muito mais ele. A noite quando os meninos eram pequenos botava pra dormir, vamos dar uma trabalhadinha? vamos!

Djanira Chalega: Aí ele ligava lá e eu a fazia o que ele mandava. Eita, meu Deus! Gosto nem de pensar porque eu tanta saudade das coisas que a gente passa, Né? Mas tudo é tempo final, né? É a vida. Mas aí o serviço que pintava, que aparecia pra senhora fazer era mais o quê? Era menino nascendo, era aniversário, batizado quinze anos, formatura?

Djanira Chalega: Formatura. Nesse tempo quando eu tinha íos meninos pequenos eu não trabalhava muito, não. Mas só assim quando ele saía assim pra dizer: se chegar alguém pra eu atender o pessoal. Mas pra eu sair pra trabalhar fora, foi quando todo mundo ficou grande. criança eu foi ele comprou o ponto em Jabitacá. Quando ele parou, quem tomou conta fui eu. Trabalhava todos os domingos e tirava muita foto e tinha muito casamento, batizado. Naquele tempo tinha era muito trabalho. Mas agora acabou tudo. Porque no domingo chegava aquele monte de noiva pra gente fotografar. Quando não chegava na igreja, passavam lá em casa. Aí desse jeito, eu fechava a porta pra mim. Eu eu não tirava. Quando passava gente, se ele não tivesse em casa, eu não tirava não.

Camila: É o cortejo, né? É o cortejo que tinha, de pessoas que morreram. Aí passava lá em frente da casa deles e tiravam as fotografias com toda a família. Quando o sino batia avisando...

Djanira Chalega: Aí eu fechava a porta com os meus meninos tudo pequeno. Eu tinha medo. Vinha pra dentro. Tudo ilusão que não tinha...

Afonso: Camila faz essa observação de novo, por favor, porque misturou aqui um pouco as vozes.

Camila: Os cortejos das pessoas, né? Que morreram. Então. Sempre é histórico aqui na cidade o cortejo, no centro da cidade passava na casa de vovó pra fazer a foto com a família. Aí abria o caixão e ficava toda a família ao redor. E aí ela também se assustava quando tinha morte de bebê, que tocava o sino da igreja. Aí ela fechava as portas com medo porque vinha também um anjinho, né?

Djanira Chalega: ficava dentro de casa por que eu não vou abrir a porta também, Ainda estava recente com as coisas... a gente, os meninos tudo pequenos, e eu num deixava sair. Nem fotografava. Onde o sino toca, viu? - Porta fechada. Deixa de ganhar dinheiro ó, tem que fazer isso.

Afonso: Sério? Mas assim, todo enterro acontecia isso, é?

Djanira Chalega: Era quase em todos. Naquele tempo o pessoal, todo mundo era, foto, foto, foto... Morria gente era direto.

Afonso: Ainda tem essas fotos?

Djanira Chalega: Não. Deixava não, quando eles vinham pra receber, entregava pra eles.

Afonso: Eu vi uma foto dessa lá com seu Jacy, lá no Cajueiro. Ele mostrou aquele álbum que ele tem, né? Aí tinha uma foto dessa de um caixão aberto, um monte de gente assim atrás. Deve ter sido tu que fez.

Djanira Chalega: Com certeza. Era e naquele tempo era muita gente que morria e só tinha gente, fotógrafo. E ele viajava muito. A gente chamava pra trabalhar pra ir e ficava sem medo em casa.

Djanira Chalega: Fiquei com a casa. Ele faleceu, e eu trabalhava e já ele começou a... quando falece, eu fui tomar conta. Trabalhei muito tempo. E levei o tempo até... eu disse assim: vai acabar tudo porque eu não quero mais. E também fui toda abaixo, né? Porque os meninos... eu perguntei quem que e de vocês meninos? Eles não aceitaram também. Eu digo então...

Afonso: Essa foto aqui é a senhora, com esse bebezão aí no colo.

Djanira Chalega: É, com esse bebezão.

Afonso: Isso foi em que anos, você lembra?

Djanira Chalega: Hummm... Eu cheguei sessenta... quando eu cheguei aqui em Tuparetama foi em mil novecentos e sessenta e um. Sessenta e um. Isso. Esse aqui ele é de sessenta e três.

Afonso: É. essa foto vai pra sessenta anos né? A senhora a senhora casou muito nova né?

Djanira Chalega: Não, ia fazer dezenove anos. Era muito nova demais, não.

Afonso: Aí. Hoje ninguém pensa em casar com dezenove anos, é muito difícil, tem gente que casa, claro, mas assim.

Djanira Chalega: na época casar com de dezenove anos era velha. Vinte anos, já era coroa.

Afonso: Minha mãe se casou com vinte e seis, olha. Minha mãe se casou com vinte e seis e a família já estava olhando de lado assim.

Petrônio: Meu pai era mais velho do que era dezenove anos.

Afonso: E me diga uma coisa...

Camila: Fotografa não porque eu estou feia. Espera aí. Estou feia. Ó. Estou tirando onda de tu.

Afonso: Dona Djanira, me diga. E essa foto aqui, isso era namoro, era?

Djanira Chalega: Era! Era na frente da nossa casa, dos meus pais, sabe? morava. Ele chegou lá e ele já tirou essa foto. Mandou eu andar com as minhas irmãs e tirar essa fotozinha aqui. era perto da minha casa, a nossa.

Afonso: Seu Antônio sempre foi fotógrafo, ele não teve outro ofício aqui.

Djanira Chalega: Já conheci ele, já era fotógrafo, é. É já fazia tempo que ele trabalhava muito na política, quando era tempo, daqui pra Paraíba. Aí fui trabalhar e a gente se encontrou e foi da vez que eu acho que eu tô... interessada em falar com ele, e ele a falar comigo e... nos casemos!

Afonso: A senhora se lembra quando ele disse alguma coisa mais ou menos parecida assim? Tu não quer ficar mais eu não?

Djanira Chalega: Não, não foi não.

Hesdras: Como é que foi o namoro?

Djanira Chalega: Nós estávamos numa festa. Eu estava com namorado. Foi? E quando ele chegou ele entrou lá na casa da família dele. E eu estava sentada lá. Depois ele voltou e perguntou a uma menina: quem é essa menina bonita? Olha?

Afonso: confiante, né? Destemido!

Djanira Chalega: Aí também já ficou assim como uma pessoa... eu já estava com quinze, dezesseis anos... Mas ele era pra mim, era assim, muito velho. Mas eu estava novinha ainda mas... Levou tempo a voltar, pra ele vir embora. Quando ele voltou aí deu certo. Deu certo. Graças a Deus não estou me arrependi não. Meu marido, bom esposo, bom pai, tudo ele era.

Hesdras: E um bom fotógrafo.

Djanira Chalega: Fotógrafo também. Foi o primeiro fotógrafo da cidade, todo mundo era procurando, procurando... fotógrafo nessa cidade

Hesdras: A senhora tem ciúme dele?

Djanira Chalega: Muito. Ele era meio danadinho.

Hesdras: E era?

Djanira Chalega: Era. (risos). Tenho um ciúme tão grande... Porque assim, ele trabalhava na em Jabitacá. Mas ele não era muito disso. Porque davam muito em cima dele. Ele disse “olhe, aí você vai arrumar uma pessoa pra ficar com os meninos e você vai pra Jabitacá comigo mesmo”. Olha, ih.... pra esses menino é pra gente ter que estar em casa, tomando conta.

Aí, ele “mas nós vamos arrumar uma pessoa e você vai mais eu”. “Estou me sentindo muito... as mulher, ói!!!” Eu disse: o quê? o quê? Dessa vez olha. Fui. Aí pronto. Tomei conta. Eu trabalhava, ele ficava, eu ia pra Jabitacá e passei trabalhando lá e pronto. E acabou a festa delas lá com ele.

Hesdras: É, todo mundo quer namorar com fotógrafo, né?

Djanira Chalega: É.

Afonso: Era Jorge Tadeu, né? Se lembra de Jorge Tadeu, na novela?

Djanira Chalega: É, exatamente.

Afonso: Você, você é muito nova. E tem uma novela chamada.. Roque Santeiro.

Djanira Chalega: Olha.. no casamento ainda, no Beijinho. Ainda não dei fim a minha aliancinha do casamento.

Afonso: Não tem que dar não.

Djanira Chalega: Dou nada. Mas ela tem vez que eu tiro, eu tô mais gordinha um pouco aí, ela fica aí apertada e eu tiro.

Afonso: Um passarinho cantou aqui no meu ouvido pra perguntar qual era o transporte do seu Antônio. Quando ele andava trabalhando. Quando ele andava trabalhando qual era o transporte dele?

Djanira Chalega: Aqui na cidade é pegava as máquina e saia. Sim. Ah, no início da namora era um burro.

Afonso: Um burro?

Djanira Chalega: Muito querido, ele queria muito bem a esse burro dele. Pra dar fim foi difícil

Afonso: Tem foto burro ou não?

Djanira Chalega: Hein? Não.

Afonso: Eu estou vendo aqui... Tem quantos filhos tem aqui? Tem ela, Silvana, que é a única filha, né? Tinha quatro tinha quantos rapazes pra proteger ela? Pra proteger a rainha?

Djanira Chalega: É... quatro. Quatro. Aqui ó.

Afonso: Seis não? Ó aqui ó, essa turma toda. Sim. Eh tinha seis, seis filhos, só uma, tá vendo? É. Só tinha ela de mulher.

Afonso: Aí quem é que tá aqui nessa preto e branco pequenininha?

Djanira Chalega: Esse aqui é Paulo que é o primeiro foi o primeiro fruto da minha vida foi esse. Ói, está aqui. Aqui era onde a gente trabalhava tirando foto. Aí tem ele aqui assim. Tirei uma fotozinha dele dois está aqui. Foi o Paulo. Aqui é a Silvana, e tem foto dele sempre que o senhor nem imagina! Se for ver três dias, ainda não dá pra ver tudo não.

Silvana: Cadê a do papai? Tem tanta foto aí que eu não gosto muito... as vezes dá saudade, dia de domingo, vou olhar. Eu tenho uma foto que ele é botou é que era tirou isso...

Afonso: fotótica: foi feita em São Paulo, essa impressão. Por que aqui não tinha fotótica.

Djanira Chalega: Pra guardar pra fazer aquela foto só. Eu tenho ela. Vou procurar onde é que ela está. Aquela foto. Eu tenho uma foto com ele comigo assim, mais novo, e eu guardava essa foto mas nunca mais eu via ela. eu vou procurar. Pra guardar, pra lembrar da vida.

Silvana: Como era o nome do foto?

Djanira Chalega: Foto Santo Antônio.

Afonso: Santo Antônio. Aí dia Santo Antônio ele fazia uma festinha? Fazia um uma alimentação bem boa. E chamava o pessoal, aniversário, né?

Djanira Chalega: É.. é.

Afonso: quem me falou isso foi a mãe de Paulo Barba, dona Valderise. Ela disse que aqui no na região, no Pajeú o Forte é São João e o forte é São Pedro, porque aqui em Tuparetama o padroeiro é São Pedro, né? Mas ela disse que se alguém na casa se chama Antônio, dia de Santo Antônio tem festa.

Djanira Chalega: Eita é mesmo.

Djanira Chalega: Ó: minha primeira foto que eu essa foi a primeira foto que eu tirei com ele.

Djanira Chalega: eu nem contei a história direito quando foi que começou. Nós estávamos, nessa festa, eu não sei... era.. chamava-se negócio dos pifeiros, sei lá, pra você ir lá tocando, era novena, parece que era. É. E quando ele passou, eu vi e deixei um namorzinho que eu já estava... Aí quando ele entrou estava pra tomar banho. Ele entrou ,eita, chegou.. Aí quando ele saiu, me viu, aí já começa a me conversar e já fui saindo assim, de perto dos outros, dando as costas e ele já estava também, já prevenido, né? Aí, ponto.

Afonso: Aí daí pro casamento foi quanto tempo?

Djanira Chalega: Bem, pra o casamento... o Civil foi aqui. Foi com o os genros, o sogro, como é? O genro de João Tunu, lembra? Casado com Carmita.

Hesdras: Hetélio!

Ele era, fez o casamento no civil. E quando foi com uns tempos assim, bem uns três anos a gente foi casar em Lagoa dos Gatos. Meus pais moravam lá, fizemos a festinha. E pronto, acabou tudo.

Afonso: Acabou não, começou, né?

Djanira Chalega: Começou. É, mas eu estou dizendo, e agora já estamos prontos, que ele já, se foi, ainda estou viva, mas acabou porque quando a gente ia sair um... a gente já pensa que o casamento já está acabado, né? Porque tanto faz a mulher como o homem. Se morrer um primeiro é e já acabou o casamento, né? Mas eu tive um bom esposo, ele era muito bom para os filhos, pra mim, pra tudo.

Djanira Chalega: quando se casa, vai tomar conta duma responsabilidade... é só criar filho. É muita coisa, viu?

Silvana: Naquele tempo era mais fácil né? Criar os filhos. Muito mais fácil a educação era assim.

Afonso: Todo mundo se formou na família, todo mundo tem um ofício?

Djanira Chalega: Tem. Não, todo mundo, não. Tem não, tem esse Petrônio que faz tempo que tá já se aposentando também. Ele trabalha no hospital. E tem o do Recife que ele é advogado, tenho um em São Paulo..., cinco homem. Seis ano. Seis. Seis.

**12. Transcrição da conversa com a Sra. Maria Eurídice de Leite Araújo (D. Mocinha).  
Itapetim, janeiro de 2023.**

---

Afonso: A primeira coisa que me chamou a atenção aqui na sua casa foi o cuidado que a senhora tem com as fotos. Esses álbuns aí, tudo organizadinho, tudo recuperado, tratado. Me diga um pouco como é que foi isso? Como é que foi essa sua iniciativa. Porque isso é um investimento, né? Requer tempo, requer recursos, dinheiro... Como é que a senhora começou a ver a importância de fazer esses álbuns aí?

Maria Eurídice: Porque toda vida eu gostei de fotos. Aí, quando... Mãe tinha muitas fotos antigas ali e estava tudo se rasgando... comido, estragado, aí eu falei com o fotógrafo se ele renovava, aí ele disse que renovava, aí eu comecei a fazer, aí estou fazendo, eu adoro foto.

Afonso: E a senhora começou desde quando essa renovação?

Maria Eurídice: Uns dois anos, né? Uns dois anos. Mas todo mês eu faço 20 fotos. Todo mês eu guardo, eu recebo meu salário, eu tiro 100 reais, deixo ali que é das minhas fotos. Todo mês. Só que eu escolhi muitas fotos esse mês, e eu fui saber, e o menino disse. Mandei tudindo. E eu digo, pelo amor de Deus, quando chegaram eram 540. Só de foto. Aí escolhi outras agora, ele mandou fazer, é 75 fotos que eu mandei fazer agora. Eu disse, rapaz, tu tá fazendo a feira com o meu dinheiro, né?

Afonso: Vamos dar uma olhada nas fotos. Se ela pega as fotos e mostra pra mim. E aí vai explicando, vai falando?

Maria Eurídice: Esse aqui é meu pai com mais um amigo dele, meu pai era muito vaidoso e ele gostava muito de andar a cavalo. Que é aqui, né? Nesse local aqui. Antigamente, né? Que agora o povo só quer moto, mas antigamente era cavalo. Esse aqui é meu pai, também com dezoito anos. Aqui é meu pai também, mais o irmão e um e um primo, e um aqui é meu pai também. Esse aqui é um colega meu casando aqui é meu pai mais um amigo. Aqui meu pai mais o irmão o primo.

Essa história aqui, esse homem aqui ele fazia santo de madeira, né? Que ele é daqui, o nome dele é Pedro. Pedro Almeida. Lá em casa mesmo tem uns santos no oratório que foi ele que fez. Esse ali é um primo meu, Luiz. Aqui são as colegas minhas, aqui também é colega. Isso aqui são uns colegas meus na época que eu fiz porque tinha muita gente aqui... até inclusive até meu pai está aqui. Por isso que eu fiz essa foto.

Afonso: Essa foto aí do enterro é?

Maria Eurídice: É.

Afonso: D. Mocinha, me diga uma coisa, e essas foto aí de enterro é muito comum isso por aqui?

Maria Eurídice: É.

Afonso: Ainda hoje?

Maria Eurídice: Não, hoje não tira muito não, mas antigamente todo mundo tirava. Tinha o enterro, todo mundo tirava com a família. Mas como esse aqui, eu não gosto muito de foto de quem morre. Aí eu pedi ao o ao fotógrafo que ele tirasse a foto, fizesse a foto do pessoal mas não fizesse do defunto que eu não gosto. Aí ele improvisou isso aqui. Nessa mesa ele botou muitas frutas na mesa e aqui ele disse que o pessoal estava chorando, botou Jesus. A foto de Jesus. Eu achei até criativo, né?

Maria Eurídice: Olha isso aqui são meus primos...

Petrônio: Esses defuntos é tudo da comunidade que a gente morava. É do Mucambo. Já perto da Paraíba.

Afonso: E esse violeiro aí quem é? Que violeiro?

Maria Eurídice: Aqui é meu pai. Meu pai gostava de fazer seresta.

Maria Eurídice: Olhe esse aqui foi o primeiro carteiro de Itapetim. O tal de João Grilo. Você já ouviu falar, já? Pois esse aqui é ele. É o avô de Guilherme. O pai era João também? É. Olha esse aqui é meu pai que ele gostava muito de fazer seresta no final de semana que não tinha um canto pra ele fazer, uma seresta, ele ficava doido. Essa foto aqui é da minha família. Inclusive tem até minha mãe aqui bem pequenininha, né? Essa foto é muito antiga, é uma das fotos mais antigas que tenho. Ela tava ali toda se estragando, eu mandei fazer ela de novo. Aí tem minha vó, tem meus tios.

Petrônio: pelo tamanho das crianças, deve ser no começo dos anos quarenta.

Maria Eurídice: É. Aquele padre Mané era vivo, né? O padre Mané morreu quando? 1950, não foi? Quer dizer, que é antes e de 50.

Afonso: Me diga uma coisa, tem alguma foto aí de alguma festa, de alguma celebração, de alguma ocasião que a senhora se lembre bem, o que que foi?

Maria Eurídice: Tem esse menininho aqui é meu irmão, o mais velho. Dos meus irmãos.

Afonso: Eu tô encantando porque ela tem uma coisa que parece uma imagem de séculos... já meio apagada. Uma nuvem né...

Petrônio: Esse é o pai dele casado na terceira vez

Afonso: Eita, terceiro casamento. É. Ele gostava da vida de casado.

Petrônio: Ela morreu esses dias.

Maria Eurídice: Ela completou noventa na quinta-feira, no sábado ela faleceu. E esse vestido de noiva de minissaia aí. Isso daí, olha que coisa. Ela é comum isso aqui, não? Era. Vestido de noiva de minissaia?

Maria Eurídice: Sim. Eu fui buscar essa foto lá hoje. Ó, aqui é meu avô, aqui é colega. Aqui, minhas amigas. Esse aqui são os avós dessa menina. Esse menino aqui morreu desse desse jeito, ó. Ele levou uma bolada na cabeça. Dizem que acham que foi isso. Aí ficou com dor de cabeça. Aí deu um um infarto nele, ele morreu. Acordou-se morrendo, né?

Olha aqui somos nós ó essa aqui. Eu sou essa aqui ó.

Afonso: Me diga uma coisa. Essa daí na foto da superior da direita aí? Que ocasião foi essa? Você lembra?

Maria Eurídice: É porque a gente não tirava foto né?

Petrônio: O fotógrafo tinha costume passar lá na casa no sítio. É.

Maria Eurídice: O ano tu se lembras, Petrônio?

Petrônio: Não.

Maria Eurídice: mas assim tu sempre lembras. Tem quantos anos? Eu tinha, cinco anos. Sessenta, né? É isso mesmo. Pode ser. É.

Afonso: É mas a senhora lembra das história também né? É lembro das histórias, mas não lembro do ano. Olha esse aqui é o é o era um vizinho aqui, o caboclo patriota, inclusive esse caboclo, o irmão desse caboclo aqui, desse homem aqui, foi quem matou o meu avô.

Héverton: Meu Deus.

Maria Eurídice: Foi. Era vizinho. Era vizinho. Por causa de terra, viu?

Afonso: Ou é terra, ou é cerca, ou é água.

Maria Eurídice: É. Isso aqui são primos legítimos de meu pai. Esse aqui é meu pai. Pra você ver, o tanto de foto que tem do meu pai, né? O outro aqui do meu pai a cavalo. deixa eu ver.

Petrônio: Aqui a gente tem a família. No começo, né?

Afonso: Depois eu vou falar aquela foto ali tá maravilhosa.

Maria Eurídice: Esse aqui tem a é a foto do título do meu avô. Que antigamente o título era assim. Aí minha mãe tinha e eu mandei fazer a foto. Você lembra? Nascimento dele?

Afonso: Sim, tem. É mil oitocentos e oitenta e nove.

Maria Eurídice: Está vendo? Esse aqui é meu tio. Esse aqui é aqui meu tio também. Isso aqui é uma família lá do Mucambo, é que nós somos do Mucambo, sabe?

Afonso: É distrito daqui é?

Maria Eurídice: É.

Petrônio: Esse aqui? Tem uma história meio folclórica.

Maria Eurídice: Ele era muito engraçado. Só era compadre de mãe.

Heverton: você lembra o nome dele?

Maria Eurídice: Reinado. Reinaldo. Reinaldo Flor.

Maria Eurídice: Esse aqui é o padre João, o primeiro padre daqui o segundo, num foi? Aqui esse. É o segundo padre. Sei não, qual é? Padre João Leite. Não. O segundo.

Héverton: É o que está na estátua, né?

Maria Eurídice: É na Vila Padre João Leite. É esse aqui. É ele. Padre João Leite.

Petrônio: Tu tens um coiso também, né? Vamos falar na história Itapetim?

Maria Eurídice: Tem. Tem. Foi o trabalho que eu fiz pra faculdade.

Afonso: Essa daqui do caixão eu quero que a senhora tire pra mim.

Maria Eurídice: Ó, foi ele que inventou isso na cabeça da minha tia, porque tinha comido a cabeça dela. Aí eu ele disse, mas tu me dás trabalho? Eu digo, pois é, você tem que ser criativo. Essa aqui é o velório da minha avó. A mãe do meu pai.

Petrônio: O primeiro dos três casamentos.

Afonso: O senhor sabe em que ano foi?

Petrônio: Eu não tinha nascido ainda, acho que é 1965, por aí, né?

Maria Eurídice: É. mesmo. Fui de 1965, por aí mesmo.

Maria Eurídice: Isso aqui são minhas tias mais os filhos. Eu tenho ciúme dessas fotos, você nem sabe! Eu tenho ciúme, fico escondendo desse menino. Quando ele chega eu escondo minhas fotos. Ele não mora aqui não.

Afonso: fale um pouco essas fotos, por favor?

Maria Eurídice: Essa aqui é a família dos Quincas, que era uma família muito grande. Que ele inclusive são primos do meu pai. Tinha, Antônio Quincas, Juvina Quicas, e esses aqui somos nós. Olha eu aqui! A diferença daquela foto quando eu era pequenininha. Ó, eu tinha dezoito anos aqui. Está vendo?

Afonso: Quem é a senhora da foto?

Maria Eurídice: Aqui ó isso aqui. Olha o Vicente de Paula.

Héverton: Meu Deus.

Maria Eurídice: Marconi, olha o Marconi aquele lá. Petrônio, esse que está sentado aqui.

Héverton: Meu Deus.

Maria Eurídice: Senhor você quer que eu tire a foto? Ela está meio escura? bem aqui, ó!

Héverton: A senhora é a filha mais velha?

Maria Eurídice: Sou.

Afonso: Quem é Petrônio na foto?

Maria Eurídice: Petrônio é esse aqui que está escoradinho, esse aqui.

Maria Eurídice: Essa família aqui, é o irmão da minha mãe e primo legítimo do meu pai. E esse homem aqui ele é irmão de minha mãe e essa senhora aqui que é casada com ele é prima legítima do meu pai. Esse aqui olhe, é na casa de um primo que tinha festa de casamento direto! festa de almoço, de primeiro chamava almoço. Nós vamos almoçar lá em casa. Juntava uma turma e almoçar lá, né? Naquela família.

Héverton: Almoço de domingo, né?

Maria Eurídice: É, o almoço do domingo, era bom demais. Aqui é o time de futebol, primeiro time do Mucambo.

Maria Eurídice: Aí tá meus irmãos, esse foi de setenta, num foi? Foi setenta mesmo. Foi sessenta e nove. Foi. Essa aqui está muito escura...

Petrônio: É porque a gente morava na casa da avó ,vinte anos morando lá, e a casa deles era assim no mesmo terreiro, como dizia aqui.

Héverton: era vizinho, né?

Petrônio: Aí foi criado todo mundo junto.

Maria Eurídice: Ó outro casamento aqui de vestido curto, como diz você, de minissaia. Essa aqui é irmã da minha mãe, já falecida. Só tem mãe agora, da família. Essa mulher aqui ó, essa mulher aqui morreu hoje.

Afonso: Sério? isso tá acontecendo hoje... é bastante desconcertante, né?

Afonso: Me conta a história dessa foto aí?

Maria Eurídice: Essa foto aqui é do dos primos de minha mãe. Era Juvina Herculano com a esposa e os filhos. Inclusive essa mulher aqui ela faleceu hoje de manhãzinha.

Afonso: Quem?

Maria Eurídice: Essa que está com uma criança no colo. Maria. Maria de José Limeira. Ela faleceu hoje. Olhe ela aqui também olhe. Aqui ela também com os filhos dela.

Afonso: Ela que está de óculos escuros?

Maria Eurídice: Sim, ela e o esposo. Ele é falecido também.

Afonso: (sobre a foto na parede) E aí tem aquela foto ali que você tá na foto, né?

Petrônio. É o menor. O menorzinho.

Afonso: Então fala um pouco sobre essa foto, quem são as pessoas, quando você acha que ela foi tirada?

Petrônio: Com a minha irmã que nasceu em 1972, 73, por aí, né? Essa que tá e mãe tá esperando pro próximo, é isso ali, que se morreu. Aí meu irmão Angico, minha irmã moça, mãe, Inês, Mônica, a criança, pai, Mário, Franco e ainda assim, Vicente de Paula, Marco, Marconi e eu Petrônio.

Afonso: Você se lembra em que ocasião foi essa aí, não?

Petrônio: Isso era... ou combinava. Isso era na frente da casa da gente, lá do sítio. Ou então ele dizia quem queria tirar. Aí, ia tudo se arrumar ó... eles ficaram tudo com o braço pra frente, porque eles tinham relógio. E era chique ter relógio nesse tempo.

Afonso: Era assim. Eu me lembro até hoje. Quando eu tinha quatorze anos de idade eu fui comecei a ajudar meu pai lá no nas coisas dele. É o primeiro dinheirinho que eu ganhei meu pai falou: compra um relógio.

Petrônio: Aí, por essa época... aí, logo depois, foi a vez das bicicletas. Que era mesmo que ter uma moto hoje, né? Cada um comprando uma bicicleta. Era do ramo de motor de agave, aí eles podiam trabalhar com ele. Aí compraram a bicicleta.

Afonso: E as outras fotos aqui, né? Essas daqui.

Petrônio. Esses são meus avós, no Recife, mas não foi lá que tiraram não. Eu acho que essas fotos eram separadas, sabe.

Afonso. E essa turma ainda de escola?

Petrônio: Essa aqui, eu estou aqui, esse é o professor Heráclito, né?

Em que ano é isso aí?

Petrônio. 1986.

Afonso: Tudo regula quanto, 53, 54 anos?,

Petrônio: É. Estou com 54. Esse daqui tão foi um curso que inventaram de agropecuária, daí veio gente até de fora. Esse daqui é em São José, ele é vereador lá. E o resto estão todos aqui.

Afonso: E quem é a dona Inês?

Petrônio. Mãe.

Maria Eurídice: Minha mãe, está ali em cima de uma cama, a bichinha. Só levanta se nós levantarmos ela.

Petrônio: Faz Cinco anos e meio que ela teve um AVC, acho que já por causa do Alzheimer, mas o irmão dela com cem anos ainda tinha noção das coisas. Com uns 95 pra lá, ele ainda ia pro Recife.

Afonso: E quem é a Vicente de Paula? Está tão bonito isso aqui.

Petrônio: Foi minha mãe que fez, faz dez anos que ela pintou. Aí isso aqui são as fotos que ele tirou pra capa, lá na pedra do Cruzeiro.

Esposa de Petrônio: Essa mania de fotografia dela começou quando ela era jovem, né? Adolescente, ela saía pro jogo de futebol, pras festas, e ela juntava: os namorados, as amiga, os amigos, as fotinha três por quatro. Aí ela colava num caderninho e ia juntando. Aqueles de desenho que a gente tinha. Só que aí a casa dela pegou fogo e ela perdeu as fotos todinhas. Aí ela quando mais velha, ela começou a juntar essas fotinhas de novo. É uma forma de fazer o caderninho dela.

Héverton: De reconquistar.

Esposa de Petrônio: É, de reconquistar. A memória.

Petrônio: Porque muitos voltaram, né? É. Em outra, em outra, em outras fotos. Ela saía procurando.

Esposa de Petrônio: muita gente dessa da adolescência dela e da juventude ela conseguiu fotos. Essas dos primos, tudo ela tinha. O namorado dela, quando era menina, né? A gente diz que é só o namorado, na lista. Mas é pra brincar.

Maria Eurídice: Vocês tão falando meus podres...

Afonso: A senhora tá ficando vermelha! (risos)

Maria Eurídice: Ali tem, ali tem a foto do meu primeiro namorado.

Afonso: Mostra?

Maria Eurídice: Pega ali, Petrônio?

Afonso: Mostra e conta a história.

Maria Eurídice: Oh, não!

Afonso: Todo mundo tem história de amor. Então, porque era um amor quente, tórrido!

Não pode não, porque ele mora perto, alí na esquina.

Afonso: Vocês se dão bem hoje, não?

Maria Eurídice: Sim, também é um dos namorados meu que eu falo com ele bem contente. Que ele é bem, sabe? E ele até diz assim: olha essa foto, como essa foto está bonita! Do cabra.

Maria Eurídice: Só pra você ter uma ideia. Essa foto aqui é nova, já que você não se interessa muito por foto nova. Mas olha: isso aqui é minha tia, minha madrinha, mais minha mãe a filha dela, está vendo? Isso aqui é uma boneca e ela achava que era um bebê. Ela brincava com ele direto. Só vivia com esse bebê nos braços. Não separava desse bebê não.

Petrônio: a casa que a gente nasceu é essa e a capela.

Maria Eurídice: Está vendo? Até isso eu tirei. Ó, a casa que nasceu todo mundo foi aí. Ela está desse jeito: piorando todinha.

Afonso: Isso é onde?

Maria Eurídice: Mucambo.

Petrônio: Porque aqui meu avô tinha casa de farinha, engenho, tudo por pertinho daqui.

Maria Eurídice: Olha, esse aqui ele também, trabalhando lá no sul.

Afonso: Dona Eurídice. Comece, o primeiro amor aí nessa foto. Quem era?

Maria Eurídice: João de Olegário que o povo conhecia, conhecido hoje por João das bolas. Aí eu era bem novinha. Tinha doze anos. E eu era doidinha por ele, né? E ele morava mesmo de frente com a minha casa. Lá em cima no alto, mas da minha casa eu via a casa dele, né? Aí tio João, meu tio dizia assim, porque ele era bem assim bem branquinho, ele chamava com ele :a banana. Aí disse: ela vai passar a roupa ali da frente que é pra ver a banana, a casa da banana. É. Sabe? Aí eu comecei, me zangava, chorava era de se fazer, né? Porque eu era por ele, aí quando foi depois, eu namorei com ele. E passei ainda seis anos namorando com ele.

Afonso: Durou, né?

Maria Eurídice: Durou, mas eu botei um chifrinho nele, ele não achou bom.

Afonso: É chato, né?

Maria Eurídice: É... Ele foi embora pra São Paulo ele ficou lá.

### 13. Transcrição da conversa com o Sr. Joaquim Manuel Ferreira da Silva. Quilombo da Varzinha, janeiro de 2023.

---

Afonso: Sr. Joaquim qual é o seu nome completo?

Joaquim: Joaquim Manuel Feira da Silva.

Afonso: O senhor mora aqui há quantos anos?

Joaquim: Cinquenta e seis ano.

Afonso: A sua idade, né?

Joaquim: Minha idade né?

Afonso: O senhor sempre morou aqui?

Joaquim: Sempre morei aqui.

Afonso: Na conversa que a gente teve antes, o senhor me falou que a primeira moradora da sua família foi sua bisavó. Fala um pouco sobre ela.

Joaquim: A minha bisavó ela veio da fazenda da Paraíba chegou aqui no ano de mil oitocentos e oitenta e três, né, e foi através dela que gerou toda a nossa família. Aliás, gerou o quilombo, né? E trabalhava com o coronel Paulino aí, na construção de uma barragem que tem aqui. Veio ela e com uma menina com quatro anos, que era Lala, e o filho dela com idade de sete anos que era Sebastião.

Daí ficaram trabalhando na fazenda aí, trabalhavam pela comida, né? Na época era pela comida. É o que estou dizendo. Gerou toda a nossa família e até hoje nós estamos aqui.

Afonso: O quilombo hoje tem quantas pessoas nucleadas? Tem quantas pessoas vivendo aqui? Ou quantas famílias?

Joaquim: A gente está com trinta e seis famílias. Assim, sobre o total de todas as pessoas, essa parte aí eu não sei. Conceição sabe.

Afonso:  
Mas todo mundo dessa origem?

Joaquim: Todo mundo tem essa origem. Tem sim umas pessoas de fora casadas com gente da nossa origem, né? Quilombola, né? Que nem todos não casaram com as pessoas daqui mesmo, casaram com gente de fora.

Afonso: Eu fiz uma foto sua agora a pouco, o senhor segurando essa faixa aí eh vamos fazer diferente? Vamos fazer o seguinte, vamos pendurar essa foto ali e o senhor vai falando um pouco da história dessas pessoas.

Afonso: Eu acho que essa foto fala muito. O que é essa casinha?

Joaquim: Essa casinha aqui é uma casinha de taipa que é desse senhor aqui que ele já faleceu. Vicente, que ele é neto também de Maria Vicência da Conceição.

Afonso: Vamos pegar pelas pessoas que aparentemente são as mais antigas aqui, né?

Joaquim: Essa é Maria do Carmo Pereira que é a vizinha que mora aqui, ela perdeu a visão dela, e ela é neta de índio também, né? E ela foi casada com o neto também de Maria Vicência da Conceição. Neto não, sobrinho.

Afonso: E todo mundo que está nesse banner aqui é do é do Quilombo.

Joaquim: É do Quilombo. Esse aqui é meu irmão, falecido também. Isso aqui é naquele engenho.

Afonso: Aquele engenho produziu o quê?

Joaquim: Cana, mel e rapadura. Rapadura.

Afonso: Quer dizer que você planta cana agora aqui?

Joaquim: Plantava. Tinha muita cana. Mas se planta mais não.

Afonso: Aguardente, Faziam?

Joaquim: Não, fazia não. Era o mel e a rapadura.. E eu não, mas isso aqui trabalhou, Domingo Rosara, trabalhou no engenho, meu pai também trabalhou no engenho, né? mas é dessa geração mais nova não chegamos a ver o engenho funcionando, não. Conhecemos o engenho nessa estatura que está aí agora né?

Afonso: E a atividade aqui de todo mundo é agricultura.

Joaquim: É agricultura.

Afonso: Tem Pecuária também?

Joaquim: cabra, ovelha. Gado também bovino, né?

Afonso: Olha aí, Isabel, toda importante. Isabel, quantos aninhos você tem?

Isabel: Cinquinho.

Afonso: Quem você conhece aí?

Isabel: Mãe. Mãe. Ahm?

Afonso: Tua mãe está em dois retratos aí, é? E quem mais você conhece aí na foto?

Isabel: Vovô da ilha, pra mim...

Afonso: Seu Joaquim ali no banner tá escrito: memória e resistência quilombola. Fale um pouco sobre isso, como é essa questão da luta do quilombo, quais são as pressões, as lutas

que vocês tiveram que ter, a união, a resistência pra poder ter direito a posse e depois ao título da terra. Como é que o senhor se lembra dessa experiência?

Joaquim: Bom, me lembro que a nossa luta começou do ano de 2000 pra cá, né? Que a gente fez aqui um acordo com os herdeiros, né? Da gente plantar uma área molhada da barragem ali, plantando batata doce, plantando milho, alface, coentro, jerimum e na época de colher a gente colhia e botava os animais dentro pra comer. Mas não aconteceu do jeito que a gente combinou com ele, né? Na época que estava o milho maduro da gente colher eles chegaram e jogaram os animais dentro. E a gente procurou o sindicato de Iguaraci. O sindicato veio aqui, fez um levantamento, a gente foi à justiça, né? E daí começou todo o processo, toda a luta.

A gente não sabia o que era quilombola, a gente não sabia o que era... assim, os direitos, né? E a gente não sabia o que era o usucapião, posseiro. A gente não tinha entendimento de nada. Praticamente a gente vivia aqui, pagava meia de tudo. Se a nossa mãe criava uma galinha tirasse dez pintos, cinco era dela e cinco da mulher do proprietário. Se criava uma porca e ela desse uma cria de dez porcos, ela dava a minha mãe cinco, e cinco era da mulher do proprietário, né? se a gente lucrasse os vinte sacos de milho era dez da gente e dez do proprietário, e por aí, né?

Afonso: E a lembrança desse período? Porque o senhor está dizendo que a partir do momento que teve essa conscientização, essa união, esse esclarecimento, né? Dos direitos, qual é a diferença, se o senhor se lembra, desse sistema da meia né? Pra vida que vocês têm agora. Melhorou? Como é que o senhor analisa isso? Ficou mais com a com a rédea mais na mão, se organizou melhor?

Joaquim: Melhorou cem por cento. Né? Porque depois de toda luta que a gente teve reconhecimento de CPT entrou, né? Pastoral da terra entrou também na luta. E a gente fomos muito as audiências, fomos ameaçados, muitas ameaças. Foi muita luta. Eu digo pra os jovens daqui, foi muito choro. A gente sai daqui pra afogar da Ingazeira duas horas da manhã de pé. Chegar em casa nove, dez horas da noite e se deitar sem saber como era que ia ser o dia de amanhã, né? Porque se tem aquele dizer que um pobre nunca tinha chance contra um rico, né? Aí, mas a gente fomos a luta e hoje a experiência que a gente tem, posso dizer que cem por cento.

Porque hoje eu me deito nessa rede aqui e me lembro na minha casinha de taipa ali em cima, onde eu criei meus meninos tudo pequenos, minha mulher foi se embora, fiquei com três meninos pequenos, a mais nova que eu da idade dessa menina aí.

Afonso: Ela faleceu ela foi embora, escalou o mundo, sabe? É, ela, ela tirou a própria vida dela depois. E aqui só era lastrado, né? Eu ia pra ir Iguaraci, pra Tuparetama e eu vi aquela cisterna calçada, essa cisterna de placa de dezesseis mil litros de água eu ficava dizendo, meu Deus o que é isso? Eu não sabia nem o que era uma cisterna, a gente não sabia nem o que era uma cisterna. Pra você ver o quanto a situação era difícil, né? E através de todo esse momento, de toda essa luta, oxe... hoje nós damos graças a Deus nós estamos aí.

Primeiramente do nosso entendimento, do nosso conhecimento que é uma coisa que ninguém tira, né? A experiência que a gente tem de toda essa luta, todo esse trabalho criado, e ter entendimento e experiência. Porque eu digo a todo mundo, eu digo no ano de 2018, foi quando eu vim terminar os meus estudos, né? de vê esse programa PROJOL, Saber da Terra, né? Pro jovem do campo e os professores vinham de Iguaraci dá aula aqui. E a gente conseguiu nessa luta. E hoje eu posso dizer que, graças a Deus, a experiência de nós é outra. A gente aprendeu muito.

Afonso: E o período das trevas, esses últimos quatro anos. Né? Passou agora com a eleição. Qual é a expectativa que o senhor e o pessoal aqui, seus parentes. Qual é a expectativa que o quilombo tem? Pra frente, agora?

Joaquim: De melhora, né? Porque foram quatro ano difíceis, mas foram quatro anos que foram pra gente criar mais experiência, né? Quatro anos de resistência pra gente saber que a união é resistindo. A gente vence tudo. Na união, com amor a gente vence tudo. né? Foi difícil, mas a expectativa agora pra frente é de melhor né? Se também tiver união. Eu falo pro pessoal na comunidade: se a gente tiver união; não é porque disse Lula ganhou, Lula ganhou; mas se a gente não fizer nossa união, não tiver uma boa pauta, não fizer um bom trabalho pra gente conseguir governar também, né? Mas eu tenho expectativa que vai ser muito bom.

#### 14. Transcrição da conversa com o Sr. José Ivan e Sra. Antônia Gonçalves. Quilombo da Varzinha, janeiro de 2023.

---

Afonso: É. A senhora estava falando aí como foi a sua primeira vez que carregou uma lata d'água na cabeça, né?

Antônia Gonçalves: Agora. Era longe, eu vou dizer, a distância daqui da casa de Conceição, né? Eu era pequena assim eu tinha uns nove anos, pra nos lembrar dos dez, né? Assim, aí minha mãe disse: vamos buscar água. Eu me lembro uma coisa como se fosse agora. Aí, pegamos aquelas latas de querosene. Assim, grande, aquelas de tinta. Encheram a lata d'água botaram na minha cabeça. Na hora que botaram eu fazia assim, olha... até que quando eu andei com daqui, vamos dizer, na estrada. Menina: a lata d'água, pá! no meu espinhaço.

A lata d'água caiu. Aí minha mãe disse, por que você derrubou essa lata d'água? É porque você não quer levar. Aí ela disse, volta pra trás e vamos encher ela de novo, e por na minha cabeça e eu saí com o pescoço duro. Se eu puder com a lata d'água. O povo de antigamente tinha aquele carrancismo, né? E eu saí com a lata d'água, eu andei mais um pouco. Não caiu só a lata não. Caiu foi eu. Me estendendo no chão. Jesus me perdoe. Eu chamei tanto do nome. Tanto do nome que eu não olhei nem que era a minha mãe. Quando eu cheguei em casa o café que me deram, foi uma pisa. Por isso que eu digo. É como o senhor falou, olhe é bom mesmo nem saber como é carregar uma lata d'água.

Por isso que quando botarem água aqui, menino, foi uma festa que eu não acreditei. Que o prefeito viesse botar a água aqui. Que hoje é esse prefeito, que está aí. Nesse tempo ele era um vereador. Toda vida eu gostei dele e disse: Antônia, vem cá. Vamos colocar água aqui pra vocês. Fazer um poço. Eu digo: eu não acredito! Desmentiu. Era o prefeito não era? Eu disse, eu não acredito. Desacreditei. De nove ano... Foi dois mil e onze, né? Que botaram água aqui? Ainda até dois mil e onze. Foi quando eu vi água. Foi aqui. Na vasilha. Nesse tempo eu morava num lugar chamado Jabitacá. Aí pronto, eu casei com ele e vim morar aqui. Aí quando eu cheguei aqui, aí já tinha um açude muito grande aí, né? As coisas já foi melhorando. e aí depois do poço meu satão era nessa grossura, mais parecia uma tanajura pulando!

E até hoje que eu quero ver o prefeito que é o Zeinha Torres e o Alberto Rocha. Viu? Eu tenho essa história pra contar deles. Por quê? Porque me tiraram a lata da minha cabeça tá vendo como é bom?

Afonso: Eu vou fazer uma pergunta mal-educada, se a senhora se sentir ofendida...

Antônia Gonçalves: Eu lhe dou uma resposta. Não, eu dou a resposta sim, o senhor me desculpe, mas eu vou dar a resposta mesmo se forma mal-educada, viu? Brincadeira, viu...

Afonso: Não, a gente... quem tem boca fala o que quer. Não, é brincadeira. A senhora tem quanto de janeiros?

Antônia Gonçalves: Eu estou com sessenta e oito anos. Aí faz seis anos que eu ganhei um Problema no pulmão, acabou com minha alegria. Mas não acabou não que eu estou achando ela de boa.

Afonso: E a pandemia?

Antônia Gonçalves: Graças a Deus. Não senti nada dela. Nada né? Não. Graças a Deus. Agora, o problema da do pulmão, eu saí daqui fui pensando que era a coluna. Cheguei lá, eu tenho uma menina que mora em Tuparetama, aí o médico disse: olha, procura a melhora pra ela. E batemos por afogados, mas descobri em São José com o doutor Hugo Rabelo. Aí, me enviou pra Patos. Até hoje que eu ainda estou gastando. Graças a Deus. Mas, estou satisfeita? Entrou pra seis ano. Eu estou nessa peleja hoje. Minha vivência foi Deus que fez primeiramente. E minha menina estava em Tuparetama, também e encontrei um prefeito bom também, que me ajudou, né? O apoio de quê? Que era pra tomar oxigênio em Patos. Aí eles me aceitaram aí em Tuparetama. Passei, parece que foi três meses. Pois é, isso foi três meses tomando oxigênio.

Afonso: A sua vida também foi toda aqui no quilombo?

Faz trinta e nove anos que eu moro aqui, que eu sou casada.

Afonso: E você que é daqui? Sua vida inteira foi aqui?

José Ivan: É.

Afonso: Joaquim me falou, né? É o mesmo bisavô, a mesma bisavó, vocês são primos?

José Ivan: É. A bisavó minha é a mesma dele, né. E a minha vó, minha vó e a dele é filha da mesma vó, né?

Afonso: quero fazer uma pergunta. Quando o senhor fecha os olhos e tem uma boa lembrança da sua vida aqui, qual é a lembrança que vem na sua cabeça?

José Ivan: É o passado, né?

Afonso: alguma coisa que aconteceu, chuvarada, São João, casamento.

José Ivan: Se divertir muito. Até momento bom assim, e tem momento desagradável, né? Tem que a pessoa tá alegre, tem que tá doente. E assim a vida vai continuando, até hoje.

Afonso: Quantos filhos?

José Ivan: são cinco. Netos, ainda tem oito.

Afonso: Me diga uma coisa. E de antes da luta aqui do Quilombo de ter a legalização, pra agora, como é que o senhor avalia?

José Ivan: melhorou mais, né? Melhorou que a gente começou explicando pra gente como era os direitos daqui né? A gente se interessando, batalhando por ele, né? E até hoje através disso na luta, melhorou muito. Tá bastante melhor. No tempo do Fazendeiro não era boa não. Era só sofrimento e a humilhação. Chama de meia, né? De meia.

Afonso. Meia vem da idade média. É negócio que tem mais de mil anos. Negócio atrasado.

José Ivan: Pra cá o negócio melhorou muito, né? Depois de Lua, né?

Afonso: feliz com a eleição.

José Ivan: Demais.

Afonso: E a posse, viu a posse dele domingo? E se emocionou?

José Ivan: Fiquei alegre, né? É boa demais, viu? Dele como dos ministros, né? Eu acredito. Vai ser bom pra gente. Esse é o momento pra fazer.

Afonso: esses últimos, esses últimos quatro anos, né? Que esse satanás de goteira foi governando o Brasil ele deu o sofrimento pra vocês, mas eu que sou professor e ele matou a universidade na unha, rapaz. Tirou bolsa. Acabou com tudo. A gente conseguia o aluno de uma região aqui como Pajeú, do Seridó, de outros lugares, do Rio Grande do Norte do Cariri Paraibano, do Cariri Cearense, tá entendendo? Do sertão do Araripe, o pessoal conseguia a vaga pra estudar na universidade, mas e a bolsa pra se manter no Recife? O desgraçado cortou tudo, matou a unha.

José Ivan: ele mexeu tanto, foi pra acabar com tudo. Oxente! Nem queria voltar a trabalhar esse cabra, né? Foi uma portaria pra criar o debate já, né? Só que os outros lá não deram certo, tomaram a frente. Aquele Fernando Henrique mesmo, ignorou, e aí não teve jeito. Tem que ser revogado.

Afonso: A gente vai fazer uma foto de todo mundo.

Antônia Gonçalves: É nós. É.

Afonso: Fazer uma foto ali pra todo mundo, a criançada monta ali no banco ali ó, fica todo aquele banco ali, tá bonito. Senta todo mundo lá e faz uma foto. Da próxima vez que eu que eu que eu botar o pé aqui no no Pajeú essa foto chega na mão de você. Porque se se eu não tiver como eu chegar aqui eu deixo na mão de Adilson, Adilson deixa, traz aqui pra você. Eu fiz uma foto de seu seu Jacy demorou um pouquinho, né? Pra entregar, demorou um ano. É, eu tinha estado a última vez aqui em julho, mas eu não tive como, foi muito apertado de tempo, eu não tive como ir no Cajueiro. Mas eu tinha a foto feita em janeiro, nessa mesma época, demorou um pouquinho... um ano! Mas eu mando.

Afonso: É... D. Antônia, seu Joaquim, é... essa aqui é a casa grande, né? É. Me diga uma coisa, isso aqui era uma senzala? Isso aqui de lado da casa grande?

José Ivan. É, onde mora a casa duma sobrinha minha.

Afonso: É, mas lá nas antiga, antigamente.

Joaquim. Nunca teve. Né? Aquela casa onde os vaqueiros guardavam os arreios.

Afonso: Ah, a Selaria.

Joaquim: É, uai. Tem que guardar lá naquela ah lá no vaqueiro né?

Afonso: Quem são essas pessoas aqui? Qual é as histórias delas?

Joaquim: Aqui é a dona Carminha, aqui é a mãe dele. Reunião que teve ali, né? Daqui também a irmã dele que é Fátima.

Afonso: Dona Carminha já foi?

Joaquim: Não, ela mora aqui, né?

Afonso. Viva?

Joaquim: a história que falo pra você, que ela mora aí, tá com oitenta e...?

José Ivan: Noventa e quatro anos.

Joaquim: Noventa e quatro anos.

Afonso: E esse senhora aqui?

Joaquim. Esse aqui é a é a vó, a senhora. É a vó Maria. A vó dele é a minha vó.

Afonso: cento e sete anos!?! Meu Deus!

José Ivan. Ela morreu.

Joaquim: foi ela que veio com a bisavó, né? A mãe dela que veio no ano de 1883,

Antônia Gonçalves: a vida todinha ela trabalhava em crochê. Quando ela arriou pra morrer, ela fazia poucos tempos que ela tinha parado o crochê. Trabalhava bem que só.

Afonso: Qual é a lembrança que a senhora atendeu lá? Lembrança boa que a senhora tem dela?

Antônia Gonçalves: A minha lembrança com ela foi pouca, né? Que eu casei em dezembro, quando foi no dia dezenove, dia vinte de janeiro ela morreu no mesmo ano. foi pouca minha vivência com ela né? Eu não tenho história pra contar dela.

Afonso: Mas tem essa história do crochê. Deixa só eu tirar uma foto dela. A senhora segura aqui assim, você segura aqui assim a foto. Olha, deixa eu tirar de vocês. Só chegar mais pra perto aqui, isso.

Antônia Gonçalves: Eu a achei ali, aí eu digo: eu vou guardar.

Hesdras: me diga uma coisa: é.. só uma informação: foi que no caso a mãe dela que veio pra cá, pra Varzinha junto com o coronel Paulo e Rafael.

José Ivan: Aí ela veio pra aqui manter né? Em 1883. Só morava o Coronel Paulino Nessa época. E morreu aqui, criou a família, morreu aqui.

Antônia Gonçalves: E foi da viagem que eles vieram pra ajeitar o açude.

José Ivan: colocar a mãe dela e a roda, né? A mãe Cecinha, a mãe de rosário, a mãe dela.

Afonso: Gente, eu queria eu queria enquanto tem luz dá uma chegada lá no açude, que o açude aparece na história né?

**15. Transcrição da conversa com a Sr. José Pereira Filho (S. Josa).  
Redonda, Tuparetama, abril de 2023.  
Nota: depoimento também gravado em vídeo.**

---

Afonso: Seu Josa, o senhor pode dizer o seu nome, onde você mora, e há quanto tempo que mora aqui?

S. Josa: José Pereira Filho. Nasci e me criei aqui.

Afonso: Me diga, esse ano choveu? Como é que foi?

S. Josa: Até agora a chuva é pouca. Pouca.

Afonso: E o senhor pode me dizer quando essa cisterna chegou aí na sua casa? O que é que mudou

S. Josa:

Mudou um pouco. pra melhor. Antes, era uma seca danada. A gente carregava água com mais de quinze quilômetro daqui. Buscando de boi ou burro.

Afonso: E isso durante quanto tempo?

S. Josa: Ah... isso aí foi muito tempo. Agora não, quer assistência até aí, o caminhão vim trazer água. Já maneirou a situação, né? Carro pipa. Sim.

Afonso: Desde criança o senhor carregou água?

S. Josa: Desde criança. Sete anos.

Afonso: Com seu pai e sua mãe.

S. Josa: Eu tinha sete anos na idade.

S. Josa: E qual é a lembrança que o senhor tem dentro daquele tempo?

S. Josa: É o seguinte, seu Afonso. Era ruim por um lado e bom pro outro. Hoje a gente trabalha muito, a dificuldade é grande. Não era que nem de primeiro. Tem facilidade pelo lado, e dificuldade por outra. Entendeu?

S. Josa: Dá pra falar um pouco do que era mais fácil, mais difícil?

S. Josa: De primeira era difícil as coisas, pelo um lado, e mais fácil pro outro. Hoje o mundo tá virado as avessas. Quase não está prestando mais nem pra viver. De tanta criminalidade no mundo. Tanta violência. Coisa de fazer medo. Amanhece o dia e não sabe se anoitece. Anoitece numa não sabe se amanhece o dia, e assim está vivendo.

Afonso: O senhor está com o que com quantos janeiros?

S. Josa: Eu estou com setenta e seis anos.

Afonso: E fez roça esse ano?

S. Josa: Eita, eu comecei. Não sei se vai dar certo. Deus é quem sabe.

Afonso: Fez de quê?

S. Josa: Milho e feijão. É.

Afonso: Vai cair uma aguinha né?

S. Josa: Se não cair uma chuvinha, nada feito. Agricultura sempre é desse jeito.

Afonso: O senhor sempre morou aqui?

S. Josa: Toda vida. Nasci e me criei.

Afonso: E o sustento veio esse tempo todo daqui. Como é que é?

S. Josa: Sempre é grosseiro. É milho e feijão mesmo que a gente adquire. Não tem facilidade por esse lado, não.

Afonso: Quantos anos de lavoura?

S. Josa: Com sete anos eu comecei. Sete anos. Até hoje.

Afonso: E como como você se lembra de trabalhar na roça? Quando a senhora tinha essa idade? Quando você trabalhava com seu pai?

S. Josa: Era mais papai. Ele numa carreira de mato, e eu numa bata. Toda vida.

Afonso: (mostrando a foto) Fecha o olho. Agora levanta as mãozinhas. Assim. Agora abre.

Evelyn: Eita como ficou linda? Ficou grande! Ficou linda, linda, linda. Eu adorei, ficou linda. Muito obrigada. Isso aqui é uma lembrança que a pessoa vai guardar do fundo do coração. Ficou linda, linda, linda, linda. Essa é sua ,e essa é dele. Vai ficar aqui.

Afonso: É, fiz uma pra cada um. É meu presente de Páscoa. Pra vocês.

Evelyn: muito obrigada. É isso. Eu que agradeço.

Afonso: É que eu sempre fui muito bem recebido, muito bem acolhido. Eu tenho que agradecer.

Evelyn: Ficou linda. Não tem nem palavra pra agradecer ao senhor.

Afonso: Minha filha, você me dá um copo d'água e está tudo certo. Depois que eu fazer uma foto de vocês dois aqui na segurando a foto.

Eu estou fazendo a entrevista com ele. Você pode ficar acompanhando. Tu podes perguntar também. Se você tiver tempo. Pode fazer pergunta também.

Evelyn: Eu fico um pouquinho aqui e depois eu vou pra lá. Agora tem o jejum, que nem diz o outro, pra fazer, porque é Semana Santa, né? Aí todo mundo aqui tem a tradição de dar jejum.

Afonso: É a fé né?

Evelyn: Todo mundo fica jejuando, aí quando é na sexta-feira santa, depois do meio-dia todo mundo distribui o jejum.

Afonso: Quando eu estive aqui da última vez tu me contaste uma história que eu fiquei com a pulga atrás da orelha. Nem lembro mais. Da casa que uma pessoa morreu. Sim. E ela disse que queria arrancar as fotos da parede.

Evelyn: Tia Lúcia. Que ela deixou os porta-retratos. Está tudo lá na casa de mãinha. Se quiser eu vou buscar.

Afonso: Não. A gente vai fazer o seguinte. Eu cheguei no atropelo que eu não tinha nem seu telefone e nem seu avô tem. Vamos marcar pra amanhã de tarde? Eu passo aqui um pouco mais cedo, pra por volta das quinze pras três, três horas.

Evelyn: Minha mãe vai estar em casa. A gente vai com ela.

Afonso: Porque eu quero contar muito a história dela. Porque eu quero fotografar essa história e se der tempo e se ela estiver vontade, a gente filma um pouquinho.

Evelyn: Sim, pode ser. Aviso até a ela, né? Pra avisar. Quando vocês vier, eu vou deixar meu telefone, aí vocês avisam. Ela prepara as fotos porque está tudo guardado. É eu quero ver a parede onde é que está, e eu quero que ela conte a história dessa senhora que faleceu. Porque é importante. É uma das últimas histórias que eu estou fazendo aqui. É, porque a história que ela contou foi muito forte, né? Foi aquela coisa de arranca as fotos da parede, que a parede tem que ficar livre pras novas lembrança, né?

Evelyn: É verdade.

Afonso: Isso é muito forte. Isso é muito forte. Depois eu queria que você pensasse numa pergunta. Pra fazer a Josa, de um tempo que você ainda não tinha nascido. Alguma coisa de curiosidade que você tenha, que ele tenha sido testemunha, que você acha que ele gostaria de contar. Uma história que que você acha que ele já contou que é bonita.

Evelyn: Eita! Agora me pegou, porque tem muitas viu?

Evelyn: Vô, contar a primeira vez quando o senhor viu um ônibus, qual foi a reação que o senhor teve?

S. Josa: Acho que era só uma brasa, que eu nunca tinha visto aquilo. Passou na estrada e era a gente ficando admirado. Nesse dia eu era moleque, assim.

Afonso: Você tinha quantos anos?

S. Josa: Uns seis, sete ano. Eu era pequeno. Era pequeno. Molequinho assim.

Evelyn: Estava o senhor e tio Zuzinho, não era?

S. Josa: É. Tanto ele ficou assombrado que nem eu também fiquei assustado com aquele negócio.

De lá pra cá a coisa amansou. Foi, desenvolvendo, hoje está do jeito que está né?

Afonso: O senhor é mecânico de moto.

S. Josa: Faço umas besteiras.

Afonso: Como foi que surgiu essa história? Essa vontade de consertar moto?

S. Josa: foi força de vontade. É. Força de vontade. Comecei, eu fiquei em São Paulo uns anos.

Afonso: Ah o senhor morou em São Paulo?

S. Josa: Eu fiquei lá onze anos. Aí vim embora e não voltei mais não. Aí vi aquelas coisas que o povo fazia lá, aí eu fui dando na cabeça, fui intuando. Eu faço de tudo. Mas faço uma besteira. Pouca coisa. Entendeu?

Evelyn: Qual foi a sua reação quando viu a primeira vez um ônibus quando o senhor estava mais tio Zuzinho? O que é que pensou?

S. Josa: Não pensei nada não. Pensei que era coisa do outro mundo, mas não era. Era coisa desse mundo mesmo. Fiquei meio assustado.

Afonso:

S. Josa: uns seis, sete anos.

Afonso: E me diga uma coisa, o senhor se lembra a primeira vez que teve que carregar água?

S. Josa: Era pequeno, também. eu acho que não tinha sete anos, não. Papai nos acordava quatro hora da manhã, três horas da manhã. Daqui pra lá, dá uns dez quilômetros, ou mais. Sair daqui três horas da manhã, chegava nove do dia. Saía três da tarde, chegava nove da noite. Eu e meu irmão? Carregar a água em duas juntas de boi. Botava quatro tambor desses de duzentos litros. Dois num e dois no outro. E a gente sentado no cabeçalho, era sufoco.

Evelyn: Passaram muita fome.

S. Josa: Era agoniado viu?

Afonso: O senhor foi pra escola?

S. Josa: Não. Tenho estudo não senhor.

Afonso: A sabedoria que o senhor tem se tira do chão, né?

S. Josa: Da mente da gente, né?

Afonso: o senhor falou que foi pra São Paulo. Em que época foi isso? Setenta, oitenta?  
Qual foi o ano?

S. Josa: Eu fui pra lá em setenta e três. É.

Afonso: Trabalhou de que lá?

S. Josa: Posto de gasolina.

Afonso: Frentista?

S. Josa: É.

Afonso: O que que puxou o senhor pra lá?

S. Josa: Meus irmãos. Tem um rebanho lá.

Afonso: Tem família lá?

S. Josa: É. Um até morreu lá. Morreu um bocado pra lá. Que não deu pra vim mais pra cá.  
Entendeu?

Afonso: qual a lembrança boa que você tem de São Paulo?

S. Josa: Rapaz... melhor é aqui mesmo. Lá eu dormi no chão, lá eu passei fome, acredita  
nisso? Passei 17 dias sem comida. 17 dias...

Afonso: Aí voltou pra cá.

Evelyn: Os filhos já estava tudo aqui? Os filhos esperando.

S. Josa: tudo pequeno assim, ó. Tudo pequenininho.

Afonso: E me conta como foi o dia que o senhor chegou de volta.

S. Josa: Ah... não tenho lembrança nenhuma. Tenho não. Espera aí: eu cheguei num dia de  
terça-feira no mês de agosto, agora não me lembro o dia nem a data, Entendeu?

Afonso: Mas... a sensação? É de alegria?

S. Josa: A chegada é bom, né? Ruim é pra sair. Não se engane, não, que ninguém inventa de  
ir pra São Paulo. Eu não me engano não. Tem gente que vai arrumar as coisas aí... Eu, do  
mesmo jeito que saí, cheguei.

Afonso: E a coisa da moto? De consertar a moto?

S. Josa: Mas isso aí foi coisa da cabeça. Aprendi com a natureza mesmo. Exatamente. Ninguém nunca me ensinou, nunca tive instrução de ninguém. De jeito nenhum. Nunca tive instrução com isso aí. Comecei a mexer com bicicleta. Aí, vem as motos. Entrosou.

Afonso: Me diga uma coisa. E hoje, o senhor o senhor tira o sustento mais de moto ou de lavoura?

S. Josa: Ah... se eu fosse pra viver da oficina da não. Existe muita gente enrolando no mundo. Fazia o serviço, não paga. Faz o serviço, fica devendo, não vem..

Afonso: mas passou a ter muita motoca aqui a partir de quando? Aqui mesmo eu estou vendo chegando duas, né?

S. Josa: É, mas não é pra conserto não, né? Aqui tem muita moto, mas tem muita gente também pra fazer essas coisas. A cidade, quando eu comecei tinha um mecânico, gostei mais.

Afonso: Uma coisa que eu tenho curiosidade, o senhor planta o que aqui na frente?

S. Josa: Feijão e milho. Antes eu plantava feijão, milho, algodão, palma. Fazer o milho e o algodão deixou de dar. A Palma deixou de dar...

Afonso: E como é que a gente ajeita a terra pra plantar?

S. Josa: Primeiro passa a terra.

Afonso: Arar a terra?

S. Josa: Não. Tira a sujeira, o grosseiro, o mato maior, pra poder vir a chuva. Aí, começo a arar, aí depois que arar, plantar depois que planta eu vou cultivar, depois cultivar vou tirar a lista pra poder até chegar a folhinha. Chegar ao ponto de ter alguma coisa enroçada entendeu?

Afonso: E o senhor faz isso nesse chão aqui há quanto tempo? Desde criança?

S. Josa: Vixe Maria! Desde sete anos.

Afonso: Milho há quanto tempo depois que planta?

Josa: Tem milho de sessenta e cinco dias, depois de plantar. E tem de noventa dias depois da faixa.

Afonso: E feijão? Feijão é setenta dias... sessenta e cinco, depende da semente. Isso aí vai depender da semente. Tem semente que é mais tardosa, atrasa mais. Depende também do trato. A chuva chegar nela, está entendendo?

Afonso: Estou entendendo.

S. Josa: Porque se você plantar pra lá não vai arrumar fácil não. É. Tudo é com trabalho, e muito. E é desvalorizado.

Afonso: você é aposentado?

S. Josa: Sou aposentado.

Afonso: Agricultor, né? É. Aliás, agricultura é desvalorizado por tudo. Olhe, um saco de milho hoje está custando cento e vinte contos, quando a gente bota ele dentro de casa, ele volta, ele cai a metade ou mais da metade do preço. Eu nunca vendi não, mas é desvalorizado.

Afonso: Qual foi a pior seca que o senhor pegou aqui?

S. Josa: noventa e três foi ruim. Peguei noventa. Aliás, Setenta e sete, setenta e oito, setenta e nove. Três ano em carreatas atrás um do outro. Tem coisa difícil. A pior mesmo foi a de noventa e três, a gente plantou e ficou assim. Testemunha.

Afonso: Quando a chuva cai o que que o senhor pensa?

S. Josa: Ah, no outro dia é trabalhar pra ter o que comer. Porque é da onde a gente tira a boinha do cabra, por que se for pra rua comprar no mercado, ele não compra tudo não.

Afonso: Aí agrupa aqui seu Josa, aqui pra frente. Pronto. Forma aí, fazer um retrato. Chega Hesdras. Aqui é coração de mãe, sempre cabe mais um, né?

**16. Transcrição da conversa com a Sra. Maria Cristiana da Silva, “Dona Santa”.  
Comunidade da Redonda, Tuparetama, Abril de 2023.  
Nota: depoimento também gravado em vídeo.**

---

Afonso: Dona Santa, me diga seu nome.

D. Santa: Maria Cristiana da Silva.

Afonso: Hoje é domingo de Páscoa. 9 de abril de 2023. A gente está no sítio Redonda em Tuparetama. D. Cristina, vamos começar logo pelo que que está acontecendo aqui. Galo cantando, chuva molhada, o que que acontece com a senhora quando a chuva cai?

D. Santa: Ave Maria! Eu fico feliz da vida quando a chuva começa a cair, não tem parelha não!

Afonso: Mas a lembrança que a senhora traz aí que a chuva traz é o quê? Do tempo da seca?

D. Santa: É. Quando a chuva cai é plantar, né? Preparar a roça, preparar... plantar o milho, feijão e as plantinha ficar tudo verde.

Afonso: Me diga uma coisa: a senhora já carregou água quando era criança?

D. Santa: Ave Maria de lata, de galão, tudo. Sabe o que é o galão né?

Afonso: Sei.

D. Santa: Pau nas costas duas latas, de um lado, outra do outro, vai encher os potes, tambor, lavar roupa. Era sofrida a vida, viu?

Afonso: Era longe?

D. Santa: Não, é próximo aqui. Uns quinhentos metros. Agora meu pai não, meu pai carregava água com mais de quinze quilômetros, um tambor feito de ferro. Em cima de um carro de boi.

Afonso: quando eu estive aqui da outra vez, Evelyn me falou da história de uma parede aí, que tinha uma irmã da senhora que tinha umas fotos e ela estava doente. Conta essa história aí.

D. Santa: É minha irmã ela foi embora pra São Paulo, né? Ela foi quando criança ainda, aí passou trinta anos sem dar notícia, depois já apareceu de volta. Ela depois teve um problema de saúde. Aí quando ela estava bem próxima de falecer, ela veio visitar a gente, mas ela sempre gostou de tirar bastante foto. Ela gostava de fotografar tudo, tudo, tudo aqui por perto. Era a parede da casa do meu pai à frente, fazia uma fogueira pra tirar foto, era a parede da casa de Quitéria, ela sempre gostava de arar terra, de boi, ela foi uma pessoa que marcou muito na vida da gente, muito, muito mesmo.

Afonso: E ela botava foto na parede?

D. Santa: Botava. Na casa dela mesmo você entrasse na casa da dela, na sala dela era completa de foto. Completa, todo o álbum, toda vez que ela vinha tirar foto aqui no norte, ela faziam os post da casa dela. Aí quando ela estava bem doente, o menino dela disse: ô mãe, como é que a gente faz pra arrumar essa sala com esse monte de quadro, esse monte de foto? Ela disse: são minhas lembranças. Agora vocês vão construir as de vocês. Você pode pegar um saco preto, jogar tudo no saco do lixo e quando a caçamba passar joga e vão construir a de vocês agora.

Afonso: Mas vocês fizeram isso não, né?

D. Santa: Não. O filho dela até hoje... a sala dela é completa de porta-retratos da família todinha.

Afonso: E você tem foto dela?

D. Santa: Tem sim.

Afonso: Tu podes pegar?

D. Santa: Agora deixa eu ver se eu acho...

É nesses outros álbuns daí que tem mais foto dela. Essa daqui é ela, mas tá muito... era uma foto de computador, aí ficou meio borrada. Mas tem umas fotos dela bem recente. Ela o esposo e o filho mais novo. Esse quadro da parede ali tem umas foto dela. Essa é a minha mãe, Soraia Quitéria.

Esses eram os quadros que ela sempre fazia. Aqui tá ela e meu pai, o filho dela mais velho, esse é o mais velho, esse aqui é o mais novo dela, esse é o mais velho, esse é meu pai e o filho mais novo. Esse aqui é o filho mais velho dela, esse, e esse. Mas tem mais foto dela aí.

Afonso: E as histórias dessas fotos a senhora sabe contar alguma?

D. Santa: Essas fotos aqui foram todas as quando ela vinha passear no Norte. Porque ela passou trinta anos sem vim, mas quando veio aí não quis parar mais. Todo ano, todo ano, todo ano, ela vinha.

Afonso: Me conta um pouco da história de Soraya, eu já fotografei Soraya, eu já dei um presente de Natal pra Soraya, você viu? Que eu entreguei pra Josa, quando eu tive aqui no começo do ano?

D. Santa: Não, não.

Afonso: Eu dei de presente pra ela uma vassoura

D. Santa: É porque ela varre casa demais. Ave Maria! Eu fico agoniada com as coisas d Soraya. Ela vai... quando ela chega na cozinha, volta pra sala de novo e começa a varrer de novo...

Afonso Como é que é essa história dela com o varrer?

D. Santa: Ela acha que toda hora que chega na casa do pai está suja a casa, e ela tem que limpar, tem que limpar.

Essa é eu, meu pai. E minha mãe. E Soraya. Minha mãe... e essa cristaleira nem existe mais. Ela aqui guardava as coisas do café. Aqui as minhas fotos da crisma. Ó como eu estava bonita, tá? Era uns cortes de cabelo importante! Foi em noventa e três essa foto. Esse aqui é meu filho novinho, ó. Só com uma banda do homem.

Afonso: Me diga uma coisa, essas fotos aí tudo impressas, foi tudo filme, né? E no digital a senhora imprime?

D. Santa: Fica tudo no meu celular, eu tenho muito CD, muito CD com foto, porque vai enchendo o celular e eu vou colocando no CD e guardando. Ó essa aqui era ela em cima de um pé de seriguela lá em casa, um irmão lá que faleceu, Lúcia. É, ela sempre gostava de fazer munganga. Eu não sei porque ela nasceu mulher, era pra ela ter nascido homem.

Afonso: Por que?

D. Santa: Ela topava qualquer homem que viesse. Por qualquer coisa que fosse fazer. Arar terra, plantar milho. Cortado de machado, tirar abelha no mato. Era tudo.

Minha mãe em um paiol de feijão, fazia as bolsas. Tem umas tem umas fotos dela aqui quando a gente foi pro Juazeiro. Ela disse: eita, Santa, eu queria tanto ir pro Juazeiro esse ano. Eu digo, pois nós vamos, mãe. Aí ela disse: mas minha filha o dinheiro está tão pouco. Eu digo: oxente! Mas eu arrumei mesmo. Arrumamos o dinheiro e fomos. Aqui é minha outra irmã que mora lá no Logradouro, meu pai e minha mãe.

Afonso: E essas fotos quem fazia tudo era a tua irmã?

D. Santa: Tudo.

Afonso: quem é essa pessoa aqui na foto?

D. Santa: Essa é a minha irmã que faleceu em São Paulo e ela que fotografava todas essas fotos.

Afonso: Quem é essa pessoa aqui na foto?

D. Santa: Essa é a minha irmã que faleceu em São Paulo e ela que fotografava todas essas fotos.

Afonso: Agora me diga uma coisa, como a senhora se sente, com esse bauzinho, essa maletinha aí cheia de foto, quando ela deixou essas fotos pra você, não foi?

D. Santa: Foi.

Afonso: Como é que a senhora se vê, né? Sendo uma espécie de guardiã desse tesouro aí, de todas essas histórias. Essas foto aqui pra mim valem mais do que dinheiro. Dinheiro não substitui o que tem aqui não. Não substitui o que tem essas fotos aqui. Dinheiro não substitui. São muitas lembranças.

Afonso: E quem cuida dessas imagens?

D. Santa: Eu.

Afonso: Tudo guardadinho. É a história da...

D. Santa: Lúcia.

Afonso: A história da família está toda aí, como era assim essa coisa? Ela vinha pra cá, ela gostava de fotografar, era?

D. Santa: Era, era numa maquininha pequenininha assim de tirar foto, mas aí ela... ainda era uns tubinhos assim, aí ela levava, revelava lá em São Paulo, sempre ficava com a cópia e mandava outra pra gente.

Afonso: Ela gastava uma grana com isso, né?

D. Santa: Era! Era caro demais pra imprimir, pra revelar cada tubinho de foto daquele, mas ela fazia questão.

Afonso: E quem você acha que vai guardar disso? Mais pra frente.

D. Santa: É... só Deus. Deus proverá. Nem todo mundo gosta de guardar as coisas igual eu. Mas eu espero que meus filhos que fique e guardem... (choro) ...que são lembranças Pra eles podem ser insignificantes essas lembranças mas pra mim é tudo.

D. Santa: Eita... é muita coisa na vida da gente. Quando a gente perde um ente querido. A minha irmã quando morreu mesmo... Vixe...

Afonso: é uma dor muito grande, mas assim eu sempre digo isso, já é tudo de experiência de dor nesse sentido, né? A dor passa, depois ela troca por saudade, agora saudade nunca acaba, ela só aumenta. Ela só aumenta, ela só aumenta.

D. Santa: Às vezes os meus sobrinhos dizem assim: mas tia, por que tia não vem visitar nós? Tia não vinha com mãe era viva? Eu digo, meu filho a única coisa que fazia eu ia em São Paulo era sua mãe. Outra coisa não. Não meu filho a única pessoa que fazia, eu ir era sua mãe. Apesar que eu gosto dos meus sobrinhos demais.

Olha de novinha. Agora todo vídeo ela teve uma cara enjoada. Enjoada, era enjoada.

Afonso: E esse senhor aí caindo no microfone embaixo?

D. Santa: Esse aqui foi meu segundo pai. Ele me ajudou demais a criar meus filhos. Além dos meus pais, mas quando minha mãe chegou a aparecer, essa era outra pessoa que não podia ver meus filhos faltar nada. Esse aqui que é o padrinho de Everton e essa daqui ó tia Rosa. Eu acho quem não conhecia a tia Rosa em Tuparetama não conhecia ninguém. A mulher do finado dela tinha uma casinha ali em frente o posto Pajeú. Aí depois ela foi pro Rio aí faleceu lá. Ajudou demais criar meus filhos.

Esse era o batizado de Everton. Aqui meu aniversário, 21 anos. Ave Maria, eu era nova demais, viu? Aqui ó, eu já perdi essa tia. Essa daqui é uma colega minha, já perdi esse também, que era um parente da gente. Essa daqui é a irmã do meu pai, ó.

D. Santa: Aniversário de pobre, sempre o bolo era desse tamanho. Ó, ó o tamanho do bolo, ó.

Sr. Josa: Não dá pra eu comer.

D. Santa: Era grande pra isso aqui. Olha o tamanho do bolo. Esse bolo deu sete quilos. Uma bacia de pastel... Meu irmão. Aqui Quitéria, minhas colegas no meu aniversário. Essa daqui já faleceu. Essa daqui é a cunhada do meu pai. Essa daqui mora em Bonfim, essa mora em Brejinho. Aqui eu apago as minhas velas. Hoje em dia ninguém usa mais para acender a vela, não. Essa daqui é minha irmã, a menina dela e o esposo que mora lá no Logradouro. Esse pessoal aqui é de Bonfim também, era colega meu. O bolo tinha que ser grande, porque o povo era muito.

D. Santa: Aqui era Soraia novinha, e eu quiser tirando abelha, sempre. Aqui, minha sobrinha e Soraia novinha. Aqui era lá na piscina do Totinha, que era uma novidade quando começou a piscinãas menina tudo tomando banho. Aqui é meu irmão pequenininho. Aqui é minha irmã que está em São Paulo. Novinha. Essa aqui já faleceu também que é Sr. Davi. E aqui a mulher dele, era um sucesso a piscina do Totinha! Soraia pequenininha a menina de Tanta. Essa hoje já é casada, já é mãe de família, que é Fernanda, casada com Antônio Carlos. Aqui ó, na porta da cozinha dessa casa ali, minha mãe. Aqui é Soraia. Isso aí esse aqui é meu sobrinho que era o menino de Lúcia pequenininho quando ela veio de São Paulo.

D. Santa: Esse frango aqui ele andava, ficava sentado. Aí ela sempre tirava foto também. Aqui é a casa do meu pai. Aqui é a minha sobrinha e Soraia. É forte demais. Aqui era outro aniversário de Soraia. Aqui é Soraia, mas não sei se vocês conhecem, não? Ela gostava dele demais. Ele é desembargador, você conhece? Essa daqui era que estava dando um curso de culinária pra gente aqui na redonda, que a gente fazia reaproveitamento de casca de frutas.

D. Santa: Aqui é minha irmã lá em Campina. Aqui é eu, Soraia, minha mãe e meu pai, no aniversário de Soraia também. Essa aqui é minha irmã, aqui é Soraia dançando quadrilha. Aqui é Soraia dando comida na boca do Zé Eudes. Essa irmã minha mora em São Paulo. Essa mulher aqui já faleceu, que é a madrinha de Soraia. Minha mãe também já faleceu e minha tia que é irmã da minha mãe também já faleceu. Aqui é meu irmão dançando forró, mais a namorada, forró de sanfona. Aqui é meu filho.

Afonso: Tu tens quatro filhos?

D. Santa: Dois. Evelyn e Everton.

D. Santa: Aqui quando nós fomos pra praia em João Pessoa. Era bom demais. A primeira vez que eu fui pra praia, novinha. Sabia ainda nem o que era uma praia.

Afonso: Como foi? Fala isso aí... a primeira vez que você viu o mar.

D. Santa: Ave Maria, parece que eu estava assim flutuando. Eu digo isso... mas eu acho que eu estou no paraíso.

Afonso: E o gosto da água?

D. Santa: O ruim era que a água era muito salgada, ardia nos meus olhos, mas o resto era bom demais! Aqui ó. Soraia novinha, levei ela também. Quando ia um, ia tudo.

D. Santa: Isso aqui foi lá em João Pessoa, tinha uma terra vermelha e nós pegávamos o barco de manhã, tinha que ir e voltar antes de onze horas, porque o mar ia fechando. Eu chega que eu estava me achando! Tô lá na praia!!

D. Santa: Aqui é da minha casa lá na rua. Quando eu fui morar na rua. Eu morei pouco tempo na rua lá. Foi tempo que minha mãe adoeceu e eu vim cuidar dela .

D. Santa: Tem mais foto... Aqui é Soraia arrumada pra nós ir pra festa... uai, é que quando nós se arrumávamos pra ir pras festas eu tirava foto. Soraya lá em cima do sofá,

D. Santa: Quitéria aqui estava parecendo uma princesa ó, arrumada. Quando se arruma né? Quando a gente se arruma é outra coisa... aqui é a Soraia ó, cortando um bolo. Essa daqui já faleceu também. Essa daqui é uma colega da gente. Quitéria aqui maquiando Soraia pra nós irmos pra festa. Aqui era um plantio de melancia. Aqui era meu sobrinho em cima dum trator. Ela tirava foto de tudo. Aqui é meu outro sobrinho. Meu pai na casa da minha irmã, lá do logradouro, nós estávamos fazendo um churrasco lá. Aqui é meu pai, meu sobrinho. Aqui ó, Soraia acendendo um cigarro, dizendo que estava fumando.

Afonso: Soraia é sua irmã caçula.

D. Santa: É.

Afonso: E como é esse xodó? Porque ela é uma pessoa especial, ela não é mais uma criança mas... ato falho, né? A gente continua vendo-a como criança né? Como é cuidar de uma irmãzinha mais nova como ela?

D. Santa: Eu brinco muito com ela, muito. Todo dia quando eu estou lavando roupa, ali no domingo, que eu sempre lavo roupa no domingo, aí eu digo, ela diz, e hoje nós vamos pra onde, Santa? Que ela é, eu sou bem divertida, né? Eu digo, vamos Soraia, cuide, Soraia, que nós vamos pro churrasco, vamos, vamos tomar uma, né? Ela diz: É mesmo! Aqui é um primo meu. aqui nós aqui era nós lá no rabo do pavão, que era um ponto turístico que tinha lá no Congo, muito bom lá. Aqui é uma afilhada minha, aqui sou eu.

D. Santa: Aqui foi quando nós fomos lá pro Juazeiro do Padre Cícero. Eu e mãe. Aqui era o meu padre Cícero. Aqui é a minha irmã e o e o esposo dela, ela estava grávida do primeiro filho dela. Quando ela chegou em São Paulo ela sabia escrever e não sabia ler. Ela veio estudar depois pra poder aprender.

D. Santa: Soraia em cima duma fruteira ó, era impossível, impossível! Aqui quando eu fui quando eu fui pra São Paulo ela disse: Ó, Santa: tu agora vai visitar a tia lá no Rio. Aí vim pro rio visitar minha tia, aquela lá. Minha família lá no Rio. Ó: mas lá no Rio se achando! Lá em Copacabana... ó minha tia, eu e meus primos. Aqui era nós numa piscina lá em Triunfo, muito bom lá. Aqui era as velhas tudinho, se achando! Aqui é minha irmã e o filho dela e a minha outra irmã.

D. Santa: Aqui era Soraia, aqui o esposo dela, aqui minha outra irmã que mora no logradoude de Mundo Novo, o esposo, a filha. São lembranças que não... quando a pessoa

para pra olhar... Aqui foi eu em Caruaru lá na feira. Eu fui fazer um curso de... coisa do Incra, aí passei oito dias lá. Fui conhecer Caruaru nos horários vagos.

Afonso: Tu gosta de estudar, né? Porque você já falou em três cursos que fez. Apareceu aqui.

D. Santa: Eu gosto demais, demais. É porque assim: as condições financeiras eram poucas na época né? Mas se eu tivesse tido condições financeiras na época... a gente fazendo o curso, um monte de gente, aí eu tirei foto também. Isso aqui era uma colega que eu arrumei lá no curso. Meus colegas. Aqui minha irmã, os dois menino dela e o esposo. Aqui são meus primos que moram no Rio. Essa aqui é uma vaca aqui de Everton, muito boa de leite. Aí nós tiramos fotos também. Ela dava esse balde de leite quase cheio. Aqui estou trabalhando, aqui eu em cima de um pé de seriguela, aqui eu também ó...

Afonso: Mulher tu lembra de tudo né?

D. Santa: Jesus! Ela disse que eu sou viciada em foto. Mas já são lembranças que a gente... aqui nós numa piscina... era um paraíso. Aqui era fazendo comida.

## 17. Transcrição da conversa com a Sra. Maria Eurídice de Leite Araújo (D. Mocinha).

Itapetim, abril de 2023.

Nota: depoimento também gravado em vídeo.

---

Afonso: Entrevista com Maria Eunice Leite de Araújo. Conhecida como mocinha e dona Mocinha tem um ela é uma colecionadora. Ela não só tem as fotos de família na parede como a gente tá vendo aqui, mas ela coleciona fotos, manda restaurar e faz álbuns da história da família dela e da cidade. A senhora podia primeiro me dizer como é que a senhora teve essa ideia, de ser uma espécie de guardadora, de cuidadoras das fotos aqui de Itapetim, fotos antigas, fotos novas. Como é que começou isso?

D. Eurídice: Eu gosto muito de foto, né? De lembranças. Aí peguei umas fotos com as amigas e mandei fazer. As que tinha em casa que eram antigas eu mandei restaurar.

Afonso: Vamos pegar um desses álbuns, aquele que a senhora falou que é em preto e branco? Tem uma foto bem interessante que a senhora me mostrou, uma senhora que fez sua parteira.

D. Eurídice: É essa aqui? Isabel. Sim, Isabel ela é do Mucambo e ela pegou todas as crianças do Mucambo. Aqui eu acho que só tem dois e mãe teve três filhos e só teve uns dois ou três que foi três, não foi? Que ela três que ela não pegou.

Afonso: E me diga uma coisa, esses álbuns, como é que a senhora faz?

D. Eurídice: Pega foto dos amigos, aí eles me emprestam eu vou mando revelar, aí eu entrego pra eles. Eu fico com uma cópia e guardo.

Afonso: A senhora já tem quantos álbuns colecionados?

D. Eurídice: Só aqui eu tenho cinco. Mas, pra ali ainda tem mais fotos.

Afonso: Me diga uma coisa... vamos passeando aí por essas fotos, a senhora contando as histórias dela?

D. Eurídice: Aqui é do meu pai, Apolônio, aqui são meus avós e o os pais da minha mãe, Manuel Ferreira e Tereza. Tereza Maria de Jesus. Aqui é um primo, mais a mulher aqui já é o tio do meu pai. Aqui é uma foto de Frei Damião quando ele andava, né? Fazendo é como é que se diz... missão, né? Pelas cidades. Esses aqui também são os tios da minha mãe. Isso aqui é minha vó. A mãe da minha vó...

Afonso: sua bisavó.

D. Eurídice: é minha bisavó. Isso aqui é um primo meu. Ali são minhas primas. Aqui são tudo primo. Esses casos aqui, inclusive esse menino aqui faleceu com dezessete anos. Tem essa aqui também. Aqui tem minha vizinha, mas meu irmão, meu tio, aqui é um professor lá do Mucambo com os aluno dele, isso aqui é irmão da minha avó Tereza, que é a esposa dele, esse aqui é um primo da minha avó, que ele andava... vinha lá de casa do lado de

Campina, perto de Campina, e ele vinha de pés, e ficava na casa de minha vó. Aí ele fazia muita colher de pau, sabe?

Afonso: me diga uma coisa, uma coisa que eu não perguntei da outra vez, não sei se tá lembrado a senhora trabalhou com quem, Na vida?

D. Eurídice: Eu era professora.

Afonso: Se aposentou.

D. Eurídice: Aposentei.

Afonso: A senhora era professora daqui de Itapetim.

D. Eurídice: É.

Afonso: Então conheço essa turma todinha, todo mundo passou pela senhora, né?

D. Eurídice: Passou. Eu ensinei dezessete anos no Mucambo, e o resto, eu adoeci vim pra aqui, morar aqui, aí fiquei dando aula aqui em Itapetim até me aposentar. Em 2012. que eu me aposentei.

Afonso: E quem é o pessoal que fez essas fotos, os fotógrafos, o senhor a senhora conheceu algum, sabe identificar, não?

D. Eurídice: Não. Quem fez antes? Aqui tem foto que Joãozinho fotógrafo fez, um senhor que que morava aqui, que ele já faleceu, e tinha um menino de Desterro que passava aqui e tirava muitas fotos.

Afonso: Desterro é Paraíba, né?

D. Eurídice: É. Era Idelfonso. Ele vinha aí tirava muitas fotos. Aí, quando era com um tempo ele voltava de novo sabe? Ele passava uma semana tirando foto da do pessoal.. Que era antigamente era mais difícil né?

Afonso: Dessas foto aí, quais são as que a senhora que a senhora gosta mais? É dos outros álbuns, desse mesmo?

D. Eurídice: Vou dizer a você que eu gosto de todos, porque que assim... muito amigo do meu pai, né? Como esse aqui mesmo, esse, Hilário. Com a mulher dele. Tinha muita festa na casa dele, e ele chamava meu pai. Aí, você já sabe, criança né? Aí, essas coisas... acha muito bom né? Eu gosto muito de fazer de casamento, das pessoas casando assim, ó.

Afonso: Mas por que essa coisa de casamento, assim?

D. Eurídice: Porque pega mais gente, e eu acho muito bonito vestido de noiva, e ver essas coisas assim, sabe? Me chama muito a atenção. Aí, eu gosto muito de fazer. De primeira eucaristia eu gosto também. Aqui, aqui é outro casamento, ó. Agora esse aqui é antigo. Esse aqui.

Afonso: Esse é antigo?

D. Eurídice: É.

Afonso: É o jeito do noivo e da noiva? É. Você sabe quem são?

D. Eurídice: Sei é Valdomiro e Maria. Todas as pessoas dessas, que tem aqui, eu conheço. Morreram, que estão vivos... Esse aqui é de primeira eucaristia, ó.

Afonso: A senhora tem foto da mesma pessoa em momentos diferentes?

D. Eurídice: Tem. Tem aqui ó, tem esse aqui, que era a gente que fazia um uma dramatização nas escolas, vendo aí aqui era uma... as borboletas. Tinha a amarela, tinha verde, e a branca.

Afonso: Estavam bebendo o que?

D. Eurídice: aí refrigerante.

Afonso: tão bonitinho, as três no mesmo na mesma pose. e fotos suas. tem aí?

D. Eurídice: Sim. Tem.

Afonso: Vamos ver?

D. Eurídice: As minhas são coloridas. Ah! é porque tinha monóculo, sabe?

Afonso: Sim.

D. Eurídice: Aqui tinha muito monóculo, tinha sessenta e dois monóculos. Eu mandei fazer tudinho.

Afonso: A senhora gasta um dinheiro disso, né?

D. Eurídice: Gasto...

Afonso: tua aposentadoria todinha pra isso, né Mocinha? Então... está com a maior cara dizendo aí que gasta o dinheiro todinho nisso né?

D. Eurídice: Esse mês mesmo, essas aqui, essas que eu fiz por último, deu trezentos e Não, duzentos e oitenta reais.

Afonso: Dinheirinho, né?

D. Eurídice: É. Mas olha esse aqui, esse velhinho aqui, ó. Esse aqui são os compadres do meu pai. Está vendo? Deixa-me ver se é nessa aqui tem. E tem eu.

Afonso: Mocinha, quem são essas pessoas? Vamos atrás de uma foto sua aí nova.

D. Eurídice: Aqui. Essa aqui ó: sou eu.

Afonso: Eita. Cadê? Eita... Aí tu já era professora?

D. Eurídice: Não, aqui eu era moleca.

Afonso: Isso aqui era que época? Isso é ... uns dezesseis anos..

Isso era monóculo, de botar no olho?

D. Eurídice: Era! uma aí eu mandei o menino fazer de papel. As minhas, tem muitas. Olha eu aqui eu também aqui, ó....

Afonso: E esse boy aí...

D. Eurídice: é meu irmão!! Meu irmão pensa que ele é pouca coisa é?

Afonso: Eu não estou dizendo nada!

D. Eurídice: (risos). Bicicleta. Aqui eu de bicicleta. Bom era a fivela, olha a fivela desse cinto.

Afonso: A Fivelona ali, ó...

D. Eurídice: José do Egito. É.

Afonso: Isso era em que época?

D. Eurídice: Setenta, não era, Petrônio? Por aí, Setenta. Setenta e quatro? Ó, aqui é o time de futebol do Mucambo, olha. O primeiro. Aqui é a família do meu pai ó, com os filho tudinho, esse?

Afonso: A senhora tem foto aí da época da seca, não?

D. Eurídice: Da seca tenho não.

Afonso: A sua coleção é mais retrato das pessoas, né?

D. Eurídice: É. Olha eu aqui ó. Minha boniteza todinha.

Afonso: E esse e esse e esse vestido curtinho, podia. Tua mãe não grilava, não?

D. Eurídice: Risos....Não.

Afonso: Nem o teu pai?

D. Eurídice: Não. Nunca disse nada não. Meu pai era tranqüilão. Era. Só não queria que eu viesse estudar na rua, na cidade não era pra vir não. Que o diploma de uma moça que sai do sítio pra rua... o diploma era um menino. Ele não queria que eu viesse, eu vinha a pulso, viu?

Afonso: E como é que foi esse enfrentamento?

D. Eurídice: Como foi? Minha prima foi lá pra eu ir estudar e eu disse a mãe, que eu não dizia a ele não, né? A gente tinha um respeito por pai grande. Olhe, eu vou estudar. Pode

dizer a meu pai que eu vou amanhã eu vou estudar. E vim. Ele vinha pra feira, quando chegava, botava a gente pra casa. No outro dia eu vinha... olha aqui eu aqui também aqui ó “parecia gente, não! Era bem magrinha? Olha o dia sete de setembro. Isso aqui ó, isso aqui é Petrônio, isso ali ó. Eu com os meninos Tudo de cabelo grande. Ó, eu aqui de novo e eu aqui mais minha vizinha e minha mãe. Eu aqui de novo. Só dá eu.

Eita, minha mãe tá ...bichinha... Tá dormindo que é uma beleza! Tem aqui também eu aqui ó, aqui também.

Afonso: Mas me diga uma coisa, esses álbuns a senhora não pensam em ...quem vai fazer a sucessão desses álbuns? Em quem a senhora pensa em ser o guardião disso aí?

D. Eurídice: Sabe porque eu não pensei nisso ainda? Eu tenho tanto medo de ir, né? Nem penso. Mas eu fiz assim eu fiz esse álbum no pensamento assim: que quando for... porque agora você vê que tem existem muitas fotos, mas só em celular né? Ninguém faz, ninguém revela mais foto não, é muito difícil. E eu faço. Mais tarde, quem sabe alguém precisa. Uma foto antiga, meus netos quererem me ver, estou eu aqui. Querer ver um bisavô que não conheceu. Está aqui. Eu fiz mais por isso. É tanto que atrás das fotos eu coloco o nome das pessoas que estavam na foto e boto a data. Que eu revelei.

Afonso: A senhora pode pegar uma foto dessa pra mostrar atrás? Só pra gente ter uma amostra.

D. Eurídice: Eu só boto aqui com o escrito olha. Olha... o aniversário de Severino Ferreira, está vendo? Aí eu coloco.

Afonso: A senhora faz isso com todas as fotos?

D. Eurídice: Todas as fotos eu coloco o nome. Tudininho aqui, ó. Aqui minha mãe, já botei aqui, ó. É porque quando muitos dos que vão olhar não sabe quem é, né? Quando olhar atrás sabe. Olha aqui minha vó, minha bisavó, não é? Porque a gente manda revelar uma foto com tanto sacrifício e não bota o nome das pessoas. Quem está na foto, não é? Pronto esse aqui eu fiz em dois mil e vinte. Já faz três anos que eu mando fazer foto, todo mês, todo mês.

Afonso: Me diz uma coisa, tem mais alguém na família da senhora fazendo esse trabalho?

D. Eurídice: Não. Não. Só eu mesmo.

Afonso: tem mais algum homem aqui na cidade que faz isso aí, não?

D. Eurídice: Não, tem umas moças velhas que elas. agora mesmo, elas tão fora, eu não sei se você conhece Julia? Conhece não né?

Afonso: Mas são mulheres que fazem isso, né?

D. Eurídice: São. duas mulheres. Aí, agora tem Vicente de Paula também que que faz né? Mas ele não manda. É difícil ele mandar fazer a foto. Ele sempre guarda. E elas tem muita coisa velha agora. Elas têm, viu? Tem a igreja daqui quando começou a construir. Mas elas não vivem aqui, elas vivem em Recife, as coisas estão aí numa casa trancada, desprezada

porque estão velhinhas e o e o sobrinho dela levou pra Recife pra tomar conta dela, né? Aí tem só uma pessoa que vai lá, arruma a casa. Mas é tudo fechado.

Afonso: Mas a maioria das pessoas que guardam essas fotos são mulheres.

D. Eurídice: São. Inclusive quando eu fui fazer um trabalho na faculdade e eu peguei umas fotos antigas com elas. Elas têm muita coisa velha, muita. Eu estava procurando uma foto aqui. É preto e branco, com dezoito anos. Essa aqui ó. Eu ia só mostrar pra vocês. Você foi falar no meu vestido curto. Olha. Eu tinha dezoito anos. Eu aqui, ó. com treze anos.

Afonso: A do meio é?

D. Eurídice: Sim. É, treze. Com essas duas amigas. Essa aqui até já faleceu de câncer morava em Brasília.

Afonso: A senhora já sonhou com esses álbuns ou com alguém desses álbuns, né? Vem em sonho, vem em imagem, Não?

D. Eurídice: Não? A pessoa que eu mais sonho na minha vida é meu pai. E se eu contar uma história a você... Olhe, tem uma foto... acho que você viu aqui uma foto em que eu sonhava tanto com a criança. Aí, eu chego no dia... era essa aqui, ó. Ver esse menininho aqui. Eu sonhava tanto com esse menino, que na noite que eu não sonhava com esse menino eu no outro dia eu ficava... o dia todinho... Por quê eu não sonhei com ele. Se eu tivesse num momento de tristeza, de noite eu sonhava com essa criança. Aí quando minha irmã, lá em Brasília mandou revelar essa foto. Que mandou essa foto pra mim, quando chegou aqui eu vi que era meu irmão.

Afonso:

Era o teu irmãozinho?

D. Eurídice: Era o meu irmão que faleceu com dezenove anos. Só sonhava com ele desse jeito. E eu não sabia que era ele. Quando a foto chegou aqui, ela mandou pra mim eu disse: meu Deus é o menino do sonho. Eu não deixei de sonhar.

Afonso: Qual era o nome dele?

D. Eurídice: Sindicley. Mas fiquei sonhando com criança. Se eu estiver triste quando é de noite eu sonho com aquelas crianças. Brincando ao redor de mim. Não sei se é porque eu fui quem criei esses meninos todinhos. Os filhos de mãe. Mãe tinha os filhos e eu tomava conta. Desde pequenininho. Tem até um que era grande, mãe não podia se sentar que o menino corria pra mamar, que feriu o bico do peito de mãe, Aí quando era de noite mesmo estava eu pra dormir com ele. Aí eu dava biscoito a ele de noite. Pra tirar a mama, sabe? E eu fui muito apegada com criança, né?

Eu estava num canto assim os meninos deixava a mãe vinha pra onde eu estava. Ficava comigo... Aí eu fui quem toda vida eu gostei de criança, toda vida. Mas e ainda hoje eu admiro essa foto por isso. O que você perguntou que me tocava, é essa foto essa aqui que é minha irmã que mora em Brasília, Petrônio aí e o menininho.

Esse aqui é meu irmão, o que faleceu também. Fazendo a primeira eucaristia, e aquela ali é aquela grande é a minha mãe e ali são os santinhos dela. Ela era católica. Muito católica.

Tem que tomar conta da mãe, né? Tomou conta de nós e ela tomou aqui mesmo. Nessa casa.

**18. Transcrição da conversa com a Sra. Valderisa Lulu.  
Serrinha, São José do Egito, abril de 2023.  
Nota: depoimento também gravado em vídeo.**

---

Valderisa: Meu avô o pai de papai estava em São José na feira. Foi no dia de sábado. Papai estava com o meu avô, estava na feira. Aí foram avisar a ele. Que ela estava que ela tinha passado mal. E ele ainda foi na farmácia, trouxe remédio, mas deixa que ela já tinha morrido. É que as pessoas não quiseram avisar a ele. Quando for o tempo, meu filho, você diga quando for tempo de gravar mesmo, tem que dizer, porque eu num tô sabendo não.

Afonso: a senhora pode dizer o seu nome completo, onde a senhora nasceu?

Valderisa: O nome completo é Maria Valderisa de Melo Gomes. Nasci aqui nessa casa onde ainda hoje eu resido. Eu casei quando eu tinha dezenove anos permaneci fora dessa casa, mas depois eu resolvi por amor a ela, a casa, e a família, eu resolvi voltar pra essa casa onde eu estou residindo. Hoje eu criei meus filhos, hoje estou criando os netos. E com muito amor. E pra falar um pouco da história dessa casa é o seguinte: essa casa era do meu bisavô. Depois ficou o meu avô morando nela. Depois veio papai e os irmão dele que era composto de oito irmãos. Os irmãos dele foram se casando e só ele permaneceu na casa. Aí ele casou e enquanto minha mãe foi viva, que ela também morreu muito nova. Enquanto papai viveu casado foi aqui nessa casa. Foram nove filhos que nasceram. Meu irmão, mas só se criou cinco. E o meu nome é como eu já lhe disse, Maria Valderisa de Melo Gomes e tenho cinco irmãos. Valdecir, Lurdinha, Ana Maria e Fernando. Comigo cinco.

Afonso: Me diga uma coisa, qual é a época do ano que a senhora mais gosta aqui?

Valderisa: Ah... a época que eu... a saudade bate mesmo. Eu vou lhe dizer que justamente é nessa época. Açude cheio, sábado de aleluia como era hoje a gente ia tomar banho de açude. A gente se levantava de madrugada pra ir tomar banho nessa barragem que fica aqui em frente. Quando a gente acordava, uma noite de internada mesmo, que a barragem sangrava, ou uma cacimba, aqui a gente diz a cacimba de Chiquinho Marques. Quando ela estava tomava muita água a gente saía todo mundo aqui de madrugada e ia tomar banho de açude. Aleluia.

E então esses dias eu senti uma saudade, que eu sempre sinto saudade nessa época de inverno. Porque quando a gente era criança a gente dormia naquele quarto que fica à direita aqui quando a gente entra nessa que fica à direita. Aí quando a gente estava dormindo e chovia a gente escutava a goteirinha pingando. E a grota zoando. Essa grota que fica aqui ao lado ela botava enchente, uma época de inverno mesmo. Uma noite de internada ela botava enchente e a gente ficava acordado escutando a goteira pingando e a grota botando enchente. E de madrugadinha papai se levantava pra ir ajeitar as cercas. E a gente ficava deitada, ali, escutando. Era bom demais. É a época que eu sinto mais saudade.

E então, época junina, né? Que vinha a família, se juntava a família aqui, familiares de Itapetim, familiares do Recife, e se juntava tudo aqui nessa casa. O encontro da família vem a família, o irmão do papai morava em Serra Talhada, vinha com a esposa, os sobrinhos do papai que são meus primos, e se juntava aqui tudo nessa casa. Então são essas datas que eu sinto mais saudade. Da minha infância que era quando chovia, que via a as barragens sangrando e a gente tomando banho de açude. E essa outra festa junina que era na festa de

junho que se juntava à família. E sempre essa casa foi muito bem visitada. A família todinha quando vinha sempre procurava essa casa.

E pra falar da minha família, como eu já lhe disse, que essa casa a família de papai os meus tio tudo era poeta. Como Zezé Lulu, que era meu tio. Papai também era poeta, mas ele não era cantador de viola. Só Zezé, irmão dele que era cantador de viola. É tanto que um dia Zezé fez um uma cantoria, tratou pra ir fazer uma cantoria com um poeta e no dia do trato o cantador não pôde ir. E ele era careca. Esse cantador. Ele era bem careca. Mas Dedé a gente o chamava Dedé. O nome dele era Zezé, mas José e a gente chama um chamava o Zezé Lulu, e a gente chamava Dedé com ele Aí, Dedé convidou outro poeta pra ir fazer a cantoria com ele e o outro cantador também era careca. Aí quando Zezé sentou-se na cadeira para o primeiro baião, aí Dedé disse: meu povo... o nome do primeiro cantador que ele tinha convidado pra ir fazer a cantoria com ele era Bibiu. Era Severino e chamava com ele e Bibiu ,o apelido dele. Aí o primeiro verso que Dedé fez foi assim:

Meu povo Bibiu não veio  
no trato que tinha feito.  
Mas eu afim de deixar  
com o pessoal satisfeito  
vim no trato e trouxe um  
pelado do mesmo jeito.

Que ele também era pelado. Aí foi uma risadeiro maior do mundo! Como Zezé era um cantador de viola, mas ele era analfabeto. Ele nunca estudou. Mas a poesia é um dom de Deus e ele cantando com um cantador, nem sei quem era o cantador. O parceiro dele se referiu dizendo assim:

você é muito poeta  
porém não canta ciência.

Aí Zezé disse:

Essa palavra ciência  
Deus a mim não concedeu  
A minha mão não escreve  
minha boca nunca leu  
mas vivo estudando os livros  
que a natureza me deu.

É poesia do Zezé também. E sobre a natureza ele fez um verso sobre a aranha, que ele disse:

Eu admiro a aranha  
pela casa que constrói  
cavar no chão um buraco  
pra que aquele lhe apoie  
botar-lhe mais uma tampa  
que minha chuva destrói.

É poesia de Zezé também.

Afonso. D. Valderisa, vamos falar de água e de falta d'água. Eh esse ano está bom, está tudo direitinho, mas nem sempre é assim. Né? E todo sertanejo carrega a história de várias secas. A pergunta: a senhora já carregou água?

Valderisa: Já. Já carreguei água na cabeça, já carreguei água. Eu só não carreguei água do no galão. Mas eu carregava água numa lata, era assim, esse um pau e a lata no meio. Eu lá na frente minha irmã atrás e nós carregando a lata. E carreguei muita água na cabeça também. Mas depois de do governo Lula, né? Que apareceu essa melhoria pra gente, as cisternas, que foram uma grande melhoria pra o nordestino foi depois dessas cisterna que o presidente Lula... aqui no sertão da gente que é um alto sertão do Pajeú. É uma região seca muito seca. Agora não, porque está na época do inverno, e graças a Deus, tá tudo molhado, tem água, as cisterna estão tudo cheia, inclusive estão sangrando já. As primeiras chuvas que deu, graças a Deus as cisternas já pegaram bastante água. Mas foi depois dessa melhoria do governo Lula que apareceu essa melhoria pra gente. Mas eu carreguei muita água na cabeça. E eu carreguei muita água na cabeça a lata vazando. Botava areia dentro da lata. Botava chiclete, cera, tudo no mundo a gente botava. Mas quando chegava o corpo vinha mais molhado, que a lata vazando, não tinha nem como chegar. Vinha mais água na roupa do que na lata. Mas isso foi a vida da gente. Mas mesmo assim foi gratificante. Aprendemos.

O povo diz que a pessoa só dá valor às coisas quando sofre, né? E então, esse sofrimento pra gente, essa vida de dificuldade da gente foi de aprendizado pra gente valorizar as coisas

Afonso: A senhora já chegou a sonhar com água?

Valderisa: É, eu sonho. O povo diz que sonhar com água eu vou ter superstição, né? Se sonhar com água barrenta, o povo diz que é sangue. Coisas que acontecem na família e tal, não sei se isso é verdade, não sei se isso é verídico, não. E a Água Clara dizem que é lágrima. Mas isso tudo... isso é coisas que a pessoa da imaginação da pessoa. Eu não sei se são coisas verídicas, mas eu sonho. Sempre sonho com água. Mas sonho é assim. Inclusive com esse sonho. Aí a pessoa vai diz assim: como era o foi o seu sonho? Era com água barrenta ou com águas claras? E por aí vai. Depende do sonho das pessoas.

Afonso: o que que a senhora tem mais saudade?

Ah eu sinto muita saudade da família né? Quando a gente estava tudo reunido aqui na casa, minha mãe, meu pai, ali naquela mesa, na sala de jantar, como você viu. A gente se arroteava todo mundo ali... ficava papai, mamãe e os cinco filhos. Depois do jantar papai ia ensinar a gente. A gente aprendeu a soletrar ele ensinando a gente a formar palavras. Ele dizia uma sílaba pra uma, dizia, perguntava a sílaba de outra coisa, vamos supor, um exemplo. Ele... pra mim dizer a palavra: sapato. Ninguém sabia ler, mas ele fazia assim. Nós todos ao redor da mesa, depois do jantar ele dizia: um S com A pra gente dizer: as. E me perguntava outra: um P com A outra respondia: pá. A outra: um T com o: to. Pra gente juntar as sílabas e formar o nome. Para saber quem era que estava aprendendo a formar a palavrinha, a soletragem. Sapato, então era assim. E então nesse tempo o primo dele que morava aí vizinho a gente, todo sábado ele ia pra feira de São José e trazia aqueles folhetos de cordel. Trazia pra gente ler. Aí, a gente muito empolgada quando a gente já tinha aprendido a ler, e a gente ficava muito feliz porque a gente já sabia ler folhetos. Folhetos e poesias de cordel. Aí o primo de papai trazia aqueles folhetos e a gente lia. Tinha Dimas, o

bom ladrão... Tinha muito, muitas coisas de cordel que ele trazia pra gente. E essas coisas que me recordam muito, e me trazem muita saudade.

É. E como minha mãe também, que foi muito nova, a gente ficou sem ela. Mas permanecemos aqui nesse sítio, onde a gente mora. E até hoje... Eu casei, fui morar em outra casa, depois voltei como hoje, permaneço aqui ainda na casa e são coisas que a gente sente saudade, sente saudade de coisas boas, sente saudade de coisas que que marcaram a gente. Mas eu gosto de lembrar de coisas boas. Então são essas lembranças boas que eu tenho da minha família. Meu pai, minha mãe, eles foram um casal unidos graças a Deus nunca vi nessa casa discórdia deles. Nunca vi papai discutindo com uma mãe em momento algum. Eles viveram pouco tempo casados porque ela faleceu. Mas foi uma convivência boa, saudável, sabia...

E aqui esse sítio chama-se Serrinha. Serrinha de São José do Egito. Município de São José do Egito, e a vida da gente foi essa.

Afonso: A primeira vez que eu vim aqui, a primeira coisa que me chamou atenção foi essa janela, né? Foi essa janela aí que tem esse poema. Como é que isso foi parar aí?

Valderisa: Essa poesia de Zezé Lulu é... Porque na verdade... quando ele iria completar cem anos. Ele já tinha falecido, mas o neto dele pediu pra fazer um evento, uma comemoração dos cem anos. Se ele fosse vivo, teria completado cem anos naquela época, aí ele pediu permissão pra fazer um evento aqui, uma festa em comemoração ao centenário de Zezé. E essa poesia é de Zezé Lulu. Ele muito novo ainda, ele fez essa poesia. Aí o neto dele no dia do evento no centenário ele escreveu essa poesia aqui. Ele disse:

A noite estava dormindo  
 canta o galo dando a hora  
 me levantei e saí fora  
 a lua vinha saindo.  
 Aquele quadro tão lindo  
 fiquei prestando atenção  
 Pensei em forrar o chão  
 e me deitar na calçada  
 vendo a lua debruçada  
 na janela do sertão.

Poesia de Zezé também.

Afonso: E os poemas que falam sobre saudade, sobre lembrança.

Valderisa: Hum eu vou declamar essa poesia que, quando a minha irmã foi embora pra São Paulo, lá ela passou cinco anos sem vir aqui. Quando ela voltou, encontrou essa casa fechada. Na época papai estava na minha casa que era a outra casa onde eu morava e ela encontrou a casa abandonada. Muitas pessoas já tinham morrido, pessoas que ela conheceu, que conviveram com a gente na infância. Já tinham, uns tinham ido embora, outros já tinham morrido e ela encontrou muitas coisas diferentes. E por sinal, essa poesia ela tem muito sentido pra gente que conhecemos a que que sabe a história da infância. A história da convivência aqui da gente. Mas mesmo assim eu vou contar essa história que fala muito de saudade. Que quando ela sentiu muita saudade da gente ela veio. Quando ela pensou até que matava a saudade. Só que na verdade ela ficou pior do que do que estava.

Quando ela chegou quem encontrou a casa fechada, a casa é abandonada. Não encontrou papai. A gente também já não permanecia mais na casa. Depois foi que a gente resolveu voltar pra ela e hoje ainda eu permaneço.

Aí ela pediu, não foi nem poesia dela. Foi de um primo da gente. Inclusive ele mora no Recife. Mas ele também conhece a história, ele nasceu e se criou aqui no sítio. Depois foi que ele foi embora pra o Recife e permanece lá ainda. Mas na época ela pediu pra ele fazer uns versos como se fosse ela. E que é naquele modo que diz assim:

“vim rever o lugar que fui nascida senti tanta saudade que chorei”.

e ele começou falando assim:

Com saudade da terra em que nasci  
resolvi visitá-la novamente  
mas na volta chorei amargamente  
como está diferente por aqui  
tanta gente morreu e eu não vi  
Outros foram embora e não notei.  
Pouca coisa de antes eu achei.  
Não parece mais terra conhecida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Sou meu Deus como está a minha Serrinha  
Tanta gente morreu ou foi embora  
Com saudade do pai, Dedita chora  
quando chega na porta da cozinha.  
Não tem mais tanta gente como tinha.  
Manoel Marques dali já foi o rei  
Mas se a morte chegou com sua lei  
e na casa morando só tem vida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Do destino cruel ninguém escapa.  
Foi Moroso, foi Tota e também Zito  
pra morar na mansão do infinito  
foi Geraldo, Renildo e foi da Lapa.  
Mané Geraldo também saiu do mapa,  
Juarez faleceu como eu já sei.  
Nem que nunca, nem Nô eu encontrei.  
Num instante Vavá perdeu a vida  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Quem passava na casa de Tio João  
não vê mais a Serrinha em sua frente  
o curral para as banda do Nascente  
e o poleiro do lado do oitão.

Lá na frente uma cova de carvão  
e a Jurema que sempre eu avistei.  
A braúna não está como eu deixei.  
Muito mato deixou ela escondida  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

E quem é que não chora de saudade?  
Se passar no lugar que mourão tinha  
a família feliz lá em Serrinha  
que a morte levou pela metade  
com Vavá maior fatalidade  
em Paulo Afonso seu túnel eu visitei.  
Muitas lágrimas por ele eu derramei  
enfeitando de dor sua dormida  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Quem passava.... lá na frente da casa de Dindinha  
por debaixo das velhas quixabeiras  
ainda tem os pedaços de madeira  
de trabalho que Severino tinha  
Essa casa bem velha da Serrinha  
parecida com ela ainda achei.  
Mas ser grande a mudança que encontrei  
esquisita demais triste, sem vida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Aí finalmente ela chegou aqui na casa, que na época estava fechada. Aí foi quando ela disse:

finalmente cheguei onde morava.  
Muito antes jamais tivesse ido  
em poder sustentar o meu gemido.  
Eu chorei muito mais do que pensava  
Se não fosse a saudade não entrava.  
Assombrada na porta ainda fiquei.  
Essa casa bonita em que morei  
faz lembrar que perdi mamãe querida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Me assombrei com o temor da solidão.  
Quando vi nossa casa abandonada  
a janela da frente escancarada  
e o telhado caído pelo chão.  
Procurei por Lurdinha, foi em vão.  
Nem papai nem Fernanda eu encontrei.  
Valdecir, Valderiza eu não achei.  
E chamar por mamãe coisa perdida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.

Tive tanta saudade que chorei.

Com saudade eu entrei e na moradia  
lá no quarto onde o milho era guardado  
escutei o soluço do passado  
nas paredes do lar que eu mais queria.  
Vi somente no chão uma bacia  
num tijolo arrancado e tropecei  
Nenhum prato ou panela eu avistei.  
Mas pra que? Se ninguém faz a comida?  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Lá na sala de jantar eu vi somente  
no lugar no lugar que mamãe botava almoço  
a velha mesa fornida de pau grosso  
forte ainda como era antigamente.  
Vem um copo de asa lá na frente  
entre os cacos no pote que achei.  
Na cozinha o fogão ainda encontrei.  
Uma parte de pé, outra caída  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Lua Clara de noite a gente ia  
para a casa de Tonho ou de Tio João  
e papai com uma força em sua mão  
de repente na porta ele batia  
Uma voz lá de dentro respondia.  
Ninguém entra aqui dentro, Eu sou o rei.  
Mas papai lhe dizia: eu entrarei animado.  
Ele dava outra batida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

Com saudade eu lembrei da brincadeira.  
Cobra cega seu rei terras alheia  
me banhando na luz das lua cheias  
era toca, marré, barra-bandeira.  
No São João eu passava a noite inteira  
a brincar sem parar, nunca cansei.  
Seu Olívio e Dedé sempre escutei.  
Cantoria era a festa preferida.  
Vim rever o lugar que fui nascida.  
Tive tanta saudade que chorei.

De voltar já perdi toda vontade  
é melhor ficar longe pra não ver  
o lugar que eu jamais vou esquecer,  
pois aqui eu gozei a mocidade.  
Essa terra em que tive liberdade

não é mais como aquela em que morei.  
 A saudade que eu trouxe e carreguei,  
 a ilusão de matá-la foi perdida  
 Vim rever o lugar que fui nascida.  
 Tive tanta saudade que chorei.

acho que foi esse o último que eu declamei, que foi assim: de voltar já perdi de toda vontade/ é melhor ficar longe pra não ver/ o lugar que eu jamais vou esquecer/ pois aqui eu gozei a mocidade/ essa terra em que eu tive liberdade/ não é mais como aquele que eu morei/ a saudade que eu trouxe e carreguei/ a ilusão de matá-la foi perdida/ Vim rever o lugar que fui nascida/ Tive tanta saudade que chorei.

É. Por enquanto só são esses aí.

Afonso: Poema enorme.

Valderisa: É. E tem mais, é porque eu não quis atrapalhar porque ficaram por aí.

Afoso: Dona Val, assim, eu vou, eu vou agradecer a senhora, eu sei que a senhora tá com muita coisa pra fazer, viu?

Valderisa: É, mas eu ainda vou declamar outros que essa ainda é falando sobre saudade, né? Ainda é falando sobre saudade. Então, tá sendo feito aqui assim? Eu acho que é só um. Que é sobre saudade ainda, sabe? Que que fala assim:

Essa palavra saudade  
 eu ouço desde criança  
 Saudade de amor ausente  
 não é saudade, é lembrança.  
 Saudade só é saudade  
 quando morre a esperança.

Isso aí é outra poesia sobre saudade né? Deixa eu ver se eu lembro de outro que é falando.

Quem quiser plantar saudade  
 escalde logo a semente  
 só plante na terra seca  
 na época do sol bem quente  
 porque se for no molhado  
 quando nascer mata a gente

São é são essas daí que eu me lembrei mas agora, encerrou Só se for depois, mas está bom. Está bom. Os principais já saiu, né?

Afonso: Dona Val é muito obrigado. Eu sei que a senhora está no corre grande, viu? Mas assim, tudo como sempre eu me sinto muito acolhido toda vez que eu venho aqui.

Valderisa: quem agradece mesmo sou eu. Peço até desculpa, porque hoje eu estava meio atarefada como você viu. Quem fica mesmo grata sou eu. E quantas vezes você quiser o as portas estão abertas.

**19. Transcrição da conversa com o Sr. Joaquim.  
Quilombo da Varzinha, Iguaraci, abril de 2023.  
Nota: depoimento também gravado em vídeo.**

---

Afonso: Quilombo da Vazinha, entrevista com o seu Joaquim, dia 7 de abril de 2023. Seu Joaquim, da última vez que eu estive aqui, o senhor falou um pouco sobre como foi a sua vida aqui. O senhor sempre morou aqui?

Joaquim: Sempre morei aqui, nasci e me criei aqui.

Afonso: A sua profissão?

Joaquim: Agricultor.

Afonso: Mas o senhor sempre foi, como é que eu posso dizer, o senhor sempre foi dono do seu trabalho, ou teve que trabalhar para os outros?

Joaquim: Trabalhei para os outros.

Afonso: Regime de meia?

Joaquim: Regime de meia, depois passou pra terça, que era pros proprietários dono dessa propriedade aqui, né?

Afonso: E hoje, vocês?

Joaquim: E hoje a gente trabalha pra gente mesmo. A minha bisavó chegou aqui no ano de 1883, né? Vindo da Fazenda Angico, da Paraíba, pra trabalhar na construção de uma barragem aqui, pra comunidade. Na época do coronel Paulino. E através dela gerou a nossa família.

Afonso: E a posse... Você pode falar um pouco como foi a luta pela posse?

Joaquim: Bom, a nossa luta aqui pela posse, foi através de uma vazante que a gente colocou aqui com os filhos dos proprietários, os herdeiros na barragem. A gente plantou pra que quando tivesse tudo maduro, tanto o milho, uma batata doce, né? A gente colher e colocar os animais dentro da vazante. Antes de colher da gente colher, eles chegaram, jogaram os bichos dentro da nossa vazante. A gente chamou o sindicato de Iguaraci, veio um fiscal, fez uma avaliação de toda plantação que a gente tinha e a gente retornou à justiça. E através desse movimento aí, foi que a gente veio saber dos nossos direitos, que realmente a gente era tão inocente sobre as leis que a gente não sabia o que era quilombola, não sabia o que era o posseiro, não sabia o que era o usocapião. E quando a gente chegou no Fórum de Afogados da Ingazeira, com o doutor Celi, que era a juiz na época da comarca lá de Afogados da Ingazeira, foi que a gente veio... um bom processo pra gente saber realmente, entender o que era isso tudo isso aí, né?

Aí teve o assentamento aqui vizinho aqui do socorro, né? Que chama D. Francisco, com a CPT, e a CPT tocou com a gente na luta. E por aí a gente começou a descobrir, sabendo o que é quilombola, fomos entender o que era posseiro, fomos entender o que era usocapião,

através da CPT, Pastoral da Terra. E em 2010, 2007, perdão, a gente foi entrar com o processo, como quilombolas, na Justiça, né?

Em 2007 a gente recebeu a certidão de quilombola. A gente recebeu a documentação. Como a gente aqui era uma comunidade de quilombola, mas ainda estamos com o processo na justiça, né? Veio o pessoal do INCA, fez todo o trabalho aqui, mas ainda falta uma parte ainda que é indenizar os proprietários pra realmente a gente ter a terra da gente. A gente trabalha aqui por nossa conta, né?

Mas porque a gente estamos na luta. A gente foi persistente, ainda estamos persistindo na luta, mas a gente recebeu ameaça, fomos ameaçados. Quantas vezes eu estava ali cortando palma, mais meu pai na coxeira dos bois, e entrava um capanga aqui na porta da sala, saía da porta da cozinha. Pra intimidar a gente, né? E a gente sabendo que era a mandato dos proprietários, né? Mas mesmo assim a gente resistiu à luta. Resistimos à luta e graças a Deus, pela nossa resistência, pela... que hoje a gente pode chamar CPT, mãe CPT, que foi quem deu toda a cobertura a gente aqui na época, né? Falar CPT.

Afonso: Qual é a primeira lembrança que você tem aqui desse chão?

Joaquim: A primeira lembrança desse chão é a gente começou a trabalhar mesmo, né? Que a gente tenha uma infância meio difícil, a gente não teve praticamente infância, né? Que, a gente estudava na parte da manhã, a tarde a gente ia pra roça. Se estudava na parte da tarde, na parte da manhã a gente estava na roça, trabalhando.

Afonso: desde que idade?

Joaquim: Desde os doze anos. A partir de doze ano aqui, a gente já não podia ficar em casa porque os proprietário já não deixavam, né? E já tinha que trabalhar de meia também. Nossos pais recebia a diária dele mas a da a gente ficava lá. É, foi muito difícil a nossa infância porque, a água era carregada na cabeça, né? Na época não tinha lata, era umas cabaças grandes assim, potes de barro. Depois foi que apareceu aquelas latas de gás, e era carregada quase um quilômetro, que a nossa mãe, as nossas irmãs carregavam na cabeça e a gente, quando tinha um tempinho, carregava um galão.

Afonso: Agora já puxando bem mais pra recente. O que mudou quando chegaram essas cisternas?

Joaquim: Muita coisa, muita coisa, mudou muito. Porque hoje a gente tem algo na porta de casa, né? A minha cisterna aqui de água de beber não está nem a cinquenta metros da área da cozinha pra cisterna. E hoje está sangrando aí a cisterna. Qualquer chuvinha que dá já sangra, né? E acho que mudou muito. Porque a gente hoje tem um carro de boi, que a gente não tinha, tem uma carroça de jumento, que a gente não tinha, tem uma moto que a gente não tinha, mudou muita coisa a nossa vida praticamente é outra, né?

Afonso: Depois da sua infância, como foi a questão da sobrevivência com as secas? E o senhor falou que foi pra São Paulo e depois a volta. O senhor pode falar um pouco sobre isso?

Joaquim: Depois da minha infância a gente sobreviver aqui no tempo da seca trabalhando de meia que nem já foi fala da história, né? Eles forneciam o dinheiro aos pais da gente o ano todinho. Mas quando era no final do ano a gente tinha que devolver aquele dinheiro de

volta. Ia pro caderno né? Se ele fornecesse uma lata de feijão por semana, ou duas latas de milho, ou em dinheiro. Mas ia pro caderno para no final do ano nós tínhamos que pagar. A gente plantava um milho. No caso, se meu pai colhesse trinta sacos de milho era metade dele e metade da gente, né?

A minha mãe criava a porca, em meia com a patroa. Se ela desse cria a dez porcos, cinco porcos eram dela e cinco da minha mãe. E foi assim. E eu mesmo fui pra São Paulo na época atrás de uma melhora de vida, né? Mas retornei de novo pra cá. Essa vinda de São Paulo pra cá já foi completamente diferente, porque aqui a gente com a mente tapada. Completamente diferente de São Paulo. Quando eu cheguei em São Paulo foi que nem um leque, a minha mente abriu completamente diferente. Quando eu cheguei aqui, eu já não era mais a pessoa com a mente quando eu saí daqui. Que a gente era dominado pelos proprietários. Tudo. Se a gente fosse pegar uma manga tinha que pedir, se fosse pegar uma goiaba tinha que falar com os proprietários. Foi assim a nossa vida até a nossa adolescência, até casar a maioria dos meus irmãos casou... O regime de vida era esse trabalhando de meia.

Afonso: o senhor morou em São Paulo a que ano?

Joaquim: Em noventa e três.

Afonso: O senhor já era casado? Foi com mulher?

Joaquim: Não? Não. Fui solteiro.

Afonso: Mas você se casou quando?

Joaquim: Eu casei em noventa e seis.

Afonso: Era uma pessoa daqui?

Joaquim: Era daqui.

Afonso: Ela está viva?

Joaquim: Está não. Ela faleceu. Eu fiquei com três meninos pequenos. Ana Paula a mais nova que está aí eu fiquei com ela com quatro anos de idade, Alex ficou com sete. E a Alice com seis. E trabalhei graças a Deus, sofri muito, mas hoje estão casados, né? A Ana Paula casou, não deu certo, mas veivem mais eu com essa netinha aí, que é uma riqueza. Alex mora aqui, meu menino, Alice mora ali em Iguaraci, casou. E eu estou aqui ainda, tomando de conta. E um irmão meu foi pra São Paulo.

Afonso: e você pode me dizer eu sei que é mexer com uma coisa que pode se o senhor não quiser falar fica à vontade. Mas como é que foi essa chegança? Como é que foi esse conhecimento? Como foi essa aproximação aí com sua esposa?

Joaquim: ela trabalha na casa de um tio meu que mora ali de frente da fazenda, né? E a gente, como não tinha energia aqui, a energia chegou pra gente aqui, no ano de dois mil e dez, e a gente ia tudo pra fazenda dela, assistir televisão lá. E a gente na hora do intervalozinho do Jornal Nacional a gente ia pra casa do nosso tio. Lá. E lá eu comecei, conheci ela, né? Então aí... pronto começou se entendendo, casemos, né? E graças a Deus. Tivemos três filhos, que não me arrependo, não. De ter casado não.

Afonso: Você teve um casamento bom?

Joaquim: Tive.

Não foi muito... porque casamento tinha suas fases boas e suas fases ruins. Mas, graças a Deus o que eu pude fazer pra manter, fiz.

Afonso: o senhor gosta de festa?

Joaquim: Gostava. hoje eu sou evangélico.

Afonso: São João?

Joaquim: Pense num cabra que gostava de festa!

Afonso: conta um aí. Alguma coisa que você tenha feito na festa, que você se lembre que tenha sido bonito, que você guarde uma lembrança carinhosa de uma festa.

Joaquim: Bom, eu guardo uma lembrança duma festa que a gente teve no assentamento aqui no Dom Francisco, né? Que a gente dançava com a radiola velha do meu pai. E tem uns amigos que morava em Recife, todo ano quando ela vinha ela trazia um disco na época era disco, né? Um dia Jorge Altinho, Luiz Gonzaga e De Elba Ramalho. E tem uma música do Luiz Gonzaga que tem uma menina de São José do Egito que fez passar o final de semana aqui na fazenda aí. E foi pra esse forró, né? E lá ela foi dançar um de Luiz Gonzaga mais um menino lá, e não acertou. Ela me chamou pra dançar e a gente dançou esse forró de uma maneira que hoje eu não me esqueço daquele forro. Marcou minha vida esse forró.

Afonso: era pegado, é?

Joaquim: era pegado.

Flávio: Eu vi que o senhor tem os dois dedos da mão cortados. O senhor poderia contar pra gente como é que aconteceu isso aí?

Joaquim: Bom pra isso está aqui... eu não estou lembrado dos anos, que teve três anos ou quatro anos de seca. Uns quatro a cinco anos aí atrás, né? Eu estava passando aqui no quarto, ali em Mandacaru com o capim seco. Estava usando uma luva, a luva já era bastante velha, no que eu empurrei o capim rolou aqui e puxou a luva, sabe? Aí quando eu senti que pegou o dedo, eu consegui puxar. Aí a luva foi. Só não torou até aqui porque realmente a luva era velha. Se fosse uma luva nova... sempre costuma quando pega né? Só termina quando termina a luva, né? Aí foi assim que aconteceu esse acidente.

Flávio: E o senhor conhece mais pessoas que tem o mesmo acidente que o senhor, nas redondezas?

Joaquim: Conheço. Tem um primo meu, Domingo Rosário, também que é da comunidade Quilombola. Hoje ele mora em Santa Rita, no município de Tuparetama. E aconteceu a mesma coisa. A Forrageira pegou também passando ração, lá no seco também. E pegou e comeu o braço dele até aqui assim, até a luva.

Flávio: Tem vários casos por aí né?

Joaquim: Vários casos aí. A maioria do pessoal é tudo por causa de luva, né?

Flávio: e cortando mandacaru né?

Joaquim: Sempre passando o mandacaru. A gente sempre usa o Mandacaru no tempo seco né? Não tem outra forragem pra dar aos bichos. Aí a gente terminamos passando Mandacaru.

Flávio e aí, assa ele, tira o espinho ou já vai... como é que é?

Joaquim: Tem três tipo assim de usar o mandacaru. Assa ele, né? Tem outro que tira o espinho, né? E como a minha forrageira aqui é a navalha eu passava com espinho e tudo.

Afonso: Seu Joaquim eu queria fazer uma pergunta mais ligada a coisa da luta de vocês. A pergunta é muito simples. Como é que foi o seu primeiro dia de trabalho? Já sabendo que vocês eram quilombolas, reconhecidos e que a terra era de vocês? Como é que o senhor acordou nesse dia?

Joaquim: Eu acho que foi o dia mais feliz, né? Quer dizer, o dia mais feliz foi quando a gente... eu cheguei no Iguaraci que fui no correio, e estava a certidão, né? Pra gente. Porque quando a gente reconheceu mesmo nosso direito quilombola aí foi pesado, porque a gente tinha que lutar mas a ameaça era maior ainda, né? Aí o dia mais feliz da minha vida foi quando a gente recebeu aquela certidão. Tem um primo meu que mora aqui seu Romero, que quando eu disse a ele, a gente andava no carro de Simão, que vinha pegando pra feira aqui levava pra Iguaraci e vinha trazer de volta. Quando eu falei pra ele que mostrei a ele, ele passou de várias casas em Iguaraci mostrando o papel: a nossa libertação, a nossa libertação! Porque realmente foi uma carta de alforria que a gente recebeu, né? De libertação que a gente recebeu. Aí foi o dia mais feliz que eu tive na minha vida recebeu aquela certidão de Palmares. Da comunidade ter sido reconhecido como um quilombo.

Flávio: qual foi o ano? Dois mil... foi dois mil e dez, foi isso.

Joaquim: dois mil e dez.

Afonso: Foi mais feliz que o dia do casamento?

Joaquim: Hum...não foi não. (Risos).

Afonso: Mas é felicidade, né? É felicidade. Foi chuva de felicidade, né?

Fazer outra pergunta que todo sertanejo sabe responde isso. O que que muda quando chove?

Joaquim: Tudo. Principalmente o clima, né? Pra gente quando chove muda tudo. Porque a gente sabe que água é vida, né?

Afonso: E o e o e o astral das pessoas.

Joaquim: Também o astral é outro, o pensamento é do agricultor. Mais alegre, mais animado. Porque choveu hoje, amanhã já quer plantar, né?

Afonso: E sobre a questão da eletricidade que os proprietários impediam que você tivesse eletricidade. O que que estava por trás disso?

Joaquim: Bom é que na fazenda dos proprietários toda vida teve energia, né? Na fazenda dos moradores não tinha. A gente usava o candeeiro com querosene, óleo diesel. E era de um jeito que quando a gente ia abrir um guarda-roupa pra tirar uma roupa a roupa estava toda pintadinha, daquelas bolinhas que o óleo diesel solta, né? Ano de dois mil e sete, quando Lula lançou o programa Energia Para Todos, a Celpe veio aqui com o secretário de Agricultura de Iguaraci pra colocar energia na casa dos moradores e um dos herdeiros foi impedir eles de colocar a energia. Perguntou qual era o direito que estava colocando energia na casa dos moradores, né? Aí o secretário de agricultura mandou eles saber do governo, né? Pra saber do governo que o programa é dele. Programa de luz para todos. E eles tem direito a energia. Isso é luz para todos. A gente vai colocar energia na casa deles.

Afonso: E antes disso era o que? Como é que iluminava?

Joaquim: Era no candeeiro. Candeeiro com querosene ou com óleo diesel. Eu te falei que a gente abriu o guarda-roupas pra pegar uma roupa branca. Estava as pinta do óleo diesel. No que queima, no pavio, aquela fumaça ela fica aquelas bolinha de cada canto. A gente passasse assim era mesmo com óleo.

Afonso: teve casa que pegou fogo por causa disso?

Joaquim: Não. Nunca aconteceu esse tipo de acidente, não.

Afonso: Sobre internet.

Seu Joaquim, a internet chegou, né? Mas comparado com antes, e com agora, o que é que veio de bom e o que é que veio de problema, né? Se auxilia, se ajuda na coisa de acessar os direitos, a comunicação, da articulação com o movimento social, fala um pouquinho sobre isso?

Joaquim: Bom, a parte melhor da internet, né? Começou a ter internet aqui de dois mil e dezessete pra cá. A parte melhor da internet é que a gente hoje pra fazer um curso a gente faz um curso online, eu hoje sou diretor da parte agrícola do sindicato de Iguaraci dos trabalhadores. Pra acessar uma folha de pagamento de qualquer um agricultor vem aqui eu já puxo aquela folha de pagamento, do CAF mesmo, pra abater o GPS eu já vou na roça, bato um GPS, né? Eu fiz o curso pra fazer o CAF online. E também tem a dificuldade, né? Os perigo da internet, né? Que hoje os meninos que essa minha netinha aqui, Isabel, ela sabe mexer no meu celular mais de que eu. Quando eu quero uma coisa ela diz: é assim. E para a gente que quer trabalhar desenvolver alguma coisa, não tem melhor, mas também pra quem quer entrar no mundo da perdição, não tem pior, né? Tá entendendo? Agora, que trouxe muita benfeitoria, muito recurso pra gente que mora na zona rural, trouxe. Que a gente vai pagar um papel de energia, a gente paga aqui. A gente está fazendo uma transferência de um banco pra outro, a gente faz aqui. A gente pra pagar uma pessoa, por exemplo, só éligar com pessoa e faz um Pix, né? É uma riqueza pra o pra o bem. Pra o mal também, né? quem souber usar ela pra o bem, não tem melhor, né?

E isso aí mudou toda a nossa vida. Hoje a gente vê um menino. aqui com seis, sete anos, ele já tem mais entendimento do que a gente. Que a gente para assim pra pensar: meu Deus: a gente nessa época desses meninos, a gente não sabia nem o que era uma televisão. E hoje você vê essa molecada aí tudo com seis, sete, oito anos, é com celular na mão, né? Mexe e faz o que quer com o celular. Está bom demais.

\*\*\*

Sertão de Lembranças é um projeto aprovado e financiado pelo Edital de Apoio  
à Cultura do Governo de Pernambuco – FUNCULTURA.  
Edital Geral 2021/2022, sob o nº 10858 - 152034.

\*\*\*